



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

YASMIN SHAWANI FERNANDES

**A FALA, O DIZER E A DOXA SOBRE O ECOCÍDIO DE
MARIANA (MG):
PARADOXOS ENTRE AS NARRATIVAS EMITIDAS PELA
SAMARCO E PELA MÍDIA INTERNACIONAL**

Londrina
2024

YASMIN SHAWANI FERNANDES

**A FALA, O DIZER E A DOXA SOBRE O ECOCÍDIO DE
MARIANA (MG):
PARADOXOS ENTRE AS NARRATIVAS EMITIDAS PELA
SAMARCO E PELA MÍDIA INTERNACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina - UEL como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Marcelo Ferrarese Pegino.

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Fernandes, Yasmin Shawani.

A Fala, O Dizer E A Doxa Sobre O Ecocídio De Mariana (MG): Paradoxos Entre As Narrativas Emitidas Pela Samarco E Pela Mídia Internacional / Yasmin Shawani Fernandes. - Londrina, 2024.
148 f.

Orientador: Paulo Marcelo Ferrarese Pegino.

Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Falar. - Tese. 2. Dizer - Tese. 3. Doxa - Tese. 4. Samarco Mineração S.A. - Tese. I. Pegino, Paulo Marcelo Ferrarese. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDU 658

YASMIN SHAWANI FERNANDES

**A FALA, O DIZER E A DOXA SOBRE O ECOCÍDIO DE
MARIANA (MG):
PARADOXOS ENTRE AS NARRATIVAS EMITIDAS PELA
SAMARCO E PELA MÍDIA INTERNACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina - UEL como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Administração.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Marcelo Ferrarese Pegino.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Ricardo Lebbos Favoreto
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Natália Rese
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Londrina, 11 de abril de 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, cuja graça e orientação me fortaleceram, especialmente durante momentos desafiadores dessa jornada tão importante para minha vida.

À minha amada família, em especial aos meus pais, expresso meu reconhecimento pela compreensão e apoio incondicional, mesmo diante das mudanças e desafios que enfrentamos juntos.

Ao meu primeiro orientador, Rafael Borim de Souza, cujo papel foi essencial em minha jornada, agradeço por não apenas guiar meu trabalho de pesquisa, mas também por continuar a me amparar mesmo após a transição para um novo orientador. Sua generosidade e apoio não passaram despercebidos e foram fundamentais.

Ao meu atual orientador, Paulo Marcelo Ferrarese Pegino, expresso minha sincera gratidão por sua dedicação em colaborar com minha pesquisa e por todo o suporte oferecido. Sua disposição em ajudar e orientar contribuiu significativamente para o êxito deste projeto.

Aos professores da Universidade Estadual de Londrina, minha gratidão por compartilharem seu conhecimento de maneira excepcional, mesmo em meio aos desafios. Além disso, manifesto meu profundo agradecimento à Universidade Estadual de Londrina e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela valiosa oportunidade de ser bolsista ao longo de quase dois anos, permitindo-me dedicar plenamente às atividades do mestrado.

Aos meus queridos amigos e demais familiares que estiveram presentes ao longo desse período, expresso minha profunda gratidão por serem pilares fundamentais em minha jornada. Agradeço por terem ouvido meus desabafos sobre a carga mental que enfrentei.

Quero expressar minha gratidão também ao Lucas Vaz e à Juliana Righetto, meus colegas de sala de aula e parceiros no mestrado. Durante as aulas e

trabalhos, vocês foram minha fonte de leveza, tornando a jornada mais agradável. Agradeço também por compartilharmos o mesmo orientador, o que fortaleceu ainda mais nossa colaboração um com o outro e tornou essa experiência acadêmica mais significativa. Obrigado pela parceria e apoio constantes.

Ao amor da minha vida, meu confidente, noivo e futuro marido, Júlio César Felício, dedico o meu mais profundo agradecimento. Em todos os projetos da minha vida, inclusive durante o mestrado, seu apoio foi inabalável. Agradeço por estar ao meu lado e por ser um pilar de força em todas as transições que enfrentamos juntos, desde a mudança para nossa nova casa até os preparativos para o nosso casamento. Sua constante ajuda, compreensão e apoio tornaram cada desafio mais leve e cada conquista mais significativa. Obrigada por ser a âncora constante em meio às mudanças, Julio. Sua presença é uma bênção que enriquece cada capítulo da nossa jornada. Que a jornada da vida nos reserve mais momentos de compartilhamento e sucesso.

É com imensa alegria e profunda gratidão que compartilho meu coração repleto de emoções ao expressar meus sinceros agradecimentos a cada um de vocês que contribuíram para o sucesso desta etapa tão significativa em minha vida. Mais uma vez, obrigado a todos por fazerem parte desta conquista.

*A natureza pode suprir todas as necessidades
do homem, menos a sua ganância.*

(Mahatma Gandhi)

FERNANDES, Yasmin Shawani. **A fala, o dizer e a doxa sobre o ecocídio de Mariana (MG):** Paradoxos entre as narrativas emitidas pela Samarco e pela mídia internacional. 2024. 148 fls. Defesa de Dissertação do Programa de Pós Graduação em Administração – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discernir o falar e o dizer da Samarco Mineração S.A. sobre o ecocídio de Mariana/MG, utilizando-se da sociologia praxiológica de Pierre Bourdieu como base teórica. A abordagem metodológica foi qualitativa e descritiva e quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa se enquadra em uma pesquisa documental. A coleta de dados foi realizada por meio de uma pesquisa documental, incluindo fontes midiáticas como vídeos institucionais, entrevistas, relatórios e documentos públicos relacionados à mineradora em questão e às revistas selecionadas: The New York Times; Le Monde; The Guardian; Deutsche Welle; e, Al Jazeera. A análise dos dados coletados foi realizada por meio da análise de narrativas. Os resultados obtidos indicam que a Samarco Mineração S.A., antes de 2020, fala de temas como produção, eficiência, tecnologia, inovação, otimização, desenvolvimento econômico e social, criação de valor para a sociedade, respeito pelas pessoas e pelo meio ambiente, reputação, licença de operação, continuidade, compromissos com o governo e com a sociedade, além de avaliações de risco, mas diz sobre geração de caixa, manutenção de liquidez, realização e preservação de investimentos, controle de custos, esforços para recuperar o impacto causado e a promoção do retorno das operações, utilizando uma doxa que reproduzia um discurso de apoio às famílias e comunidades afetadas pelo ecocídio em Mariana. Após 2020, quando retomou suas atividades, a empresa passou a falar sobre produção, eficiência, tecnologia, inovação, otimização, desenvolvimento econômico e social, criação de valor para a sociedade, respeito pelas pessoas e pelo meio ambiente, reputação, continuidade, compromissos com o governo e com a sociedade, avaliações de risco, lições aprendidas e compromissos assumidos, além do retorno das atividades e a dizer sobre geração de caixa, manutenção de liquidez, realização e preservação de investimentos, controle de custos, retorno a 100% da capacidade produtiva, gestão de dívidas adquiridas e preservação da reputação da empresa, reproduzindo uma doxa que incorporava o discurso de lições aprendidas e a construção de uma nova identidade a partir da Nova Jornada da Samarco em relação ao ecocídio de Mariana. Por outro lado, as fontes midiáticas internacionais falam sobre o ecocídio, agentes externos, desdobramentos, complicadores e questões legais, e dizem sobre Samarco, retomada das atividades, desdobramentos, complicadores e responsabilidade, reproduzindo uma doxa com o discurso sobre fatos históricos, impactos, agravantes, busca por justiça, ecocídio, agentes externos, complicadores, desdobramentos e questões legais em relação ao ecocídio de Mariana (MG).

Palavras-chave: Falar. Dizer. Doxa. Samarco Mineração S.A. Mídia Internacional Ecocídio.

FERNANDES, Yasmin Shawani. **The speaking, saying and doxa about the ecocide in Mariana (MG):** Paradoxes between Samarco's and the international media's narratives. 2024. 148 shts. Dissertation Defense of the Postgraduate Program in Administration - State University of Londrina, Londrina, 2024.

ABSTRACT

This research aims to discern Samarco Mineração S.A.'s discourse and statements regarding the ecocide in Mariana, MG, using Pierre Bourdieu's praxeological sociology as a theoretical framework. The methodological approach is qualitative and descriptive, and in terms of technical procedures, it falls under documental research. Data collection was conducted through documentary research, including media sources such as institutional videos, interviews, reports, and public documents related to the mining company and the selected journals: The New York Times, Le Monde, The Guardian, Deutsche Welle, and Al Jazeera. Data analysis was carried out through narrative analysis. The results indicate that Samarco Mineração S.A., before 2020, speaks about topics such as production, efficiency, technology, innovation, optimization, economic and social development, creating value for society, respect for people and the environment, reputation, operational license, continuity, commitments with the government and society, as well as risk assessments, but it says about cash generation, liquidity maintenance, realization and preservation of investments, cost control, efforts to recover the impact caused, and the promotion of the resumption of operations, using a discourse that reproduced a doxa about support for families and communities affected by the Mariana ecocide. After 2020, when it resumed its activities, the company started speaking about production, efficiency, technology, innovation, optimization, economic and social development, creating value for society, respect for people and the environment, reputation, continuity, commitments with the government and society, risk assessments, lessons learned, and commitments made, in addition to the resumption of activities, and it says about cash generation, liquidity maintenance, realization and preservation of investments, cost control, return to 100% production capacity, management of acquired debts, and preservation of the company's reputation, reproducing a doxa that incorporated the discourse of lessons learned and the construction of a new identity from Samarco's New Journey regarding the Mariana ecocide. On the other hand, international media sources speak about the ecocide, external agents, developments, complicating factors, and legal issues, and they say about Samarco, resumption of activities, developments, complicating factors, and responsibility, reproducing a doxa with discourse on historical facts, impacts, aggravating factors, pursuit of justice, ecocide, external agents, complicating factors, developments, and legal issues regarding the Mariana ecocide.

Key-words: Speak. Say. Doxa. Samarco Mineração S.A. International Midia. Ecocide.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Orientações temáticas	54
Quadro 02 – Etapas da Análise de narrativas	58
Quadro 03 – Narrativas enunciadas pela Samarco de 2015 a 2023	699
Quadro 04 – Síntese descritiva da análise de narrativas do Al Jazeera.....	73
Quadro 05 – Síntese descritiva da análise de narrativas da Deutsche Welle	844
Quadro 06 – Síntese descritiva da análise de narrativas do Le Monde.....	90
Quadro 07 – Síntese descritiva da análise de narrativas do The Guardian.....	99
Quadro 08 – Síntese descritiva da análise de narrativas do The New York Times	102
Quadro 09 – Narrativas quanto a configuração objetiva (falar) que embasaram a construção subjetiva (dizer).....	108
Quadro 10 – Narrativas quanto a configuração objetiva (falar) que embasaram a construção subjetiva (dizer).....	109
Quadro 11 – Narrativas ortodoxas antes de 2020	111
Quadro 12 – Narrativas ortodoxas após 2020	113
Quadro 13 – Narrativas quanto a configuração objetiva (falar)	117
Quadro 14 – Narrativas que embasaram à interpretação da construção subjetiva (dizer)	119
Quadro 15 – Narrativas Síntese do falar, dizer e doxa da Samarco e das fontes internacionais	133

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS.....	17
1.1.1 Objetivo Geral.....	17
1.1.2 Objetivos Específicos.....	17
1.2 JUSTIFICATIVA	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1 A SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA.....	22
2.2 FALAR, DIZER E DOXA.....	28
2.3 ORGANIZAÇÕES ECOCIDAS.....	38
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
3.1 ORIENTAÇÃO ONTO-EPISTEMOLÓGICA.....	49
3.2 CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA.....	51
3.3 ACESSANDO AS INFORMAÇÕES NA REALIDADE	52
3.4 ORIENTAÇÕES TEMÁTICAS.....	54
3.5 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	55
4 ANÁLISE DE DADOS.....	61
4.1 SAMARCO MINERAÇÃO S.A.	61
4.2 FONTES MIDIÁTICAS INTERNACIONAIS	70
4.2.1 Al Jazeera	70
4.2.2 Deutsche Welle.....	74
4.2.3 Le Monde.....	86
4.2.4 The Guardian	92

4.2.5 The New York Times	101
4.3 O FALAR, O DIZER E A DOXA DA SAMARCO E DAS FONTES MUDIÁTICAS INTERNACIONAIS	103
5 CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS.....	136

1 INTRODUÇÃO

A discussão em torno da sustentabilidade é um campo de batalha onde organizações, atores políticos, empresas, governos e sociedade se reúnem para definir os rumos da sustentabilidade no contexto do capitalismo. Nesse cenário complexo, diferentes discursos surgem, cada um com o objetivo de legitimar suas perspectivas sobre o tema e determinar como as relações entre o capitalismo e a sustentabilidade devem ser abordadas. Neste contexto, as organizações desempenham um papel central, buscando influenciar como suas relações com a sustentabilidade são gerenciadas, pesquisadas e divulgadas por meio de um jogo semântico, político e ideológico (O'CONNOR, 2002; SCHWEICKART, 2010).

Ao considerar que a concepção de desenvolvimento sustentável ainda é confusa, isso dá a possibilidade dela ser contestada e abre espaços para apropriações de um discurso sustentável à sombra do desenvolvimento, o que preserva uma insustentabilidade (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006). O modelo produtivista que abarca os costumes capitalistas do consumo é responsável por extrair recursos advindos da natureza a fim de satisfazer necessidades humanas desde o âmbito fisiológico (como alimentos enlatados e derivados) até os aspectos de status social (como roupas de marcas renomadas ou aparelhos tecnológicos de comunicação). Esse ciclo de consumo representa uma renúncia da responsabilidade humana em relação ao ambiente, pois, na perspectiva capitalista, o consumo é visto como uma condição indispensável para a sobrevivência humana (REDCLIFT, 2014).

O colapso ecológico é consequência direta do crescimento industrial de países do Norte (desenvolvidos), resultado de um parâmetro de produção e consumo que países do Sul (subdesenvolvidos ou emergentes) não conseguem acompanhar. A reprodução do capital originada dos países desenvolvidos incita os outros países com menos recursos a aumentar ainda mais a exploração de recursos naturais, tendo em vista o desenvolvimento dos seus próprios interesses econômicos e atingir o mesmo nível de prosperidade econômica de países desenvolvidos (REDCLIFT, 2014). Como resultado de tais ações, crimes ambientais ocorrem, bem como fenômenos mais graves como o ecocídio que aconteceu em Mariana.

O conceito de ecocídio vem sendo discutido desde 1970, quando o professor Arthur W. Galston introduziu o termo "ecocídio" durante a Conferência sobre Guerra

e Responsabilidade Nacional em Washington e, em 2010 as discussões em torno deste conceito foram retomadas por meio de um movimento chamado *Eradicating Ecocide*, liderado pela advogada e escritora britânica Polly Higgins. Ecocídio trata-se da destruição ou perda extensa do ecossistema de um determinado território, seja por ação humana ou por outras causas, de maneira a afetar substancialmente o bem-estar tranquilo dos residentes (HIGGINS, 2015). Polly Higgins defendia que ecocídio deveria entrar na quinta posição dos crimes contra a paz, visto que em períodos de conflito armado, é considerado um crime provocar danos que abranjam uma determinada extensão ou que tenham um impacto nos ecossistemas.

Higgins (2015) argumenta que tais danos são frequentemente observados em nossas terras e mares, seja como consequência das atividades de empresas agroquímicas ou da indústria extrativa pesada. Ela ainda acrescenta que devido à sua própria característica intrínseca, o ecocídio leva ao esgotamento de recursos, e quando esse esgotamento se intensifica, frequentemente desencadeia conflitos armados. É por meio da intervenção e influência da esfera política que é possível alinhar essas duas perspectivas aparentemente antagônicas, com o propósito de buscar um equilíbrio sustentável entre o desenvolvimento socioeconômico e a preservação do meio ambiente.

No entanto, a presença de um intermédio político não significa necessariamente eficiência ambiental. A ocorrência de eventos como o registrado na cidade de Mariana, em Minas Gerais, destaca a importância da intervenção política como meio de atribuir responsabilidades e impor penalidades aos envolvidos nas consequências ambientais, sociais e econômicas decorrentes do rompimento da barragem de rejeitos de Fundão em novembro de 2015. Tal acontecimento foi responsável por 19 mortes imediatas e pelo despejo de 50 milhões de metros cúbicos de resíduos minerais no Rio Doce, que percorreu cerca de 600 quilômetros, chegando ao litoral do estado de Espírito Santo (ZHOURI et al., 2016). A mineradora, como uma instituição socioeconômica legitimada, tem como objetivo explorar territórios de várias comunidades e, para isso, ela desenvolve estratégias. Isso se tornou evidente quando foi observado que a organização começou a apresentar diferentes narrativas sobre sustentabilidade através de meios de comunicação antes, durante e após um desastre ambiental.

As constantes transformações do mundo contemporâneo impactam as organizações de diferentes formas, causando mudanças e adaptações nos processos de produção e nos processos decisórios, refletindo, inclusive, nos discursos organizacionais. Devido a isso, a discrepância entre os discursos proferidos e os de fato praticados por elas geram questionamento devido às contradições, refletindo no aumento dos paradoxos nas organizações atuais (PETTIGREW, WOODMAN E CAMERON, 2001). Tais dissonâncias levam a problemas organizacionais e as interações sociais passam a ser descritas, pelas pessoas e pelos seus grupos, como variações de duas dimensões opostas que os confundem e os perturbam. Sendo assim, a pesquisa apresentada tem como proposta identificar o falar, o dizer e a doxa da Samarco Mineração S.A. e da mídia internacional sobre o ecocídio na cidade de Mariana (MG) em novembro de 2015. Esclarece-se que, para esta pesquisa, cita-se como referência a Samarco Mineração S.A. que esteve diretamente relacionada ao rompimento da barragem de resíduos minerários do Fundão, na cidade mineira de Mariana, em novembro de 2015.

Num âmbito organizacional, as organizações adotam essa estratégia para conquistar legitimação e reconhecimento, empregando simbolismos associados a discursos dominantes com o intuito de velar crimes ambientais cometidos, ou neste caso, ecocídio. Ao mesmo tempo, as mídias internacionais também difundem narrativas ligadas a esse mesmo tema, provocando uma reflexão sobre os paradoxos organizacionais. Vasconcelos (2004) define os paradoxos como resultado da ação social que se apresenta como consequência da mesma, não sendo prevista nem mesmo desejada. Um paradoxo é a representação de duas realidades opostas e, supostamente, incongruentes: novo e velho, verdade e mentira, liberdade e aprisionamento. Nesse sentido, entende-se que a própria organização é representada por vários grupos organizados de forma ambígua. Tal teoria prevê um equilíbrio dinâmico, como o símbolo yin-yang, em que para cada efeito positivo de uma ação, há variações de efeitos secundários e não previstos contrário às expectativas e inerentes à ação social, provocando tensão e conduzindo à resistência organizacional e a eclosão de desavenças.

Esses paradoxos surgem em situações em que duas ideias ou conceitos opostos coexistem e se influenciam mutuamente, gerando tensões e desafios para as organizações. Portanto, paradoxos são “realidades socialmente construídas a partir

de percepções simplificadas dos atores sociais, que, ao tentarem atribuir sentido à sua experiência, representam os sistemas complexos nos quais estão inseridos em torno de duas percepções contraditórias que passam a orientar sua ação” (VASCONCELOS, 2004). Assim, sabendo que a mídia contribui para a compreensão e compartilhamento das diferentes experiências e representações da realidade social (ALEXANDRE, 2001), esta pesquisa busca também interpretar as narrativas sobre o ecocídio de Mariana/MG a partir de revistas internacionais: The New York Times; Le Monde; The Guardian; Deutsche Welle et Al Jazeera. E, para que se torne possível analisar qualitativamente as narrativas que enunciam uma capacidade argumentativa destas organizações responsáveis por esta tragédia ambiental, optou-se por uma lente teórica compatível para tal profundidade de análise, a da sociologia de Pierre Bourdieu.

Pierre Félix Bourdieu, natural de Denguin (na França), é considerado um dos maiores sociólogos sobre a contemporaneidade (OLIVEIRA, 2015). É notado que suas obras e teorias são vistas como preciosidades e que precisam ser profundamente estudadas e tratadas, bem como entender a fundamental importância que o autor teve para a sociologia (VALLE, 2007), principalmente ao que diz respeito ao papel do pesquisador social. Bourdieu (2012) argumentou que o papel do sociólogo é o de apreender os instrumentos metodológicos, aqueles que especificamente buscam compreender características das relações sociais em determinado recorte social (como instrumentos antropológicos, etnográficos e da própria fenomenologia), para analisar, por meio de uma abordagem reflexiva, os fenômenos sociais que observa e, além disso, se relaciona.

Bourdieu (2012) discute o poder dominante como aquele que possui maior afinidade ao capital econômico e que “tem em vista impor a legitimidade de sua dominação [...] ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social” (BOURDIEU, 2012, p. 12). As organizações são as representantes de tal poder, uma vez que suas ações (internacionalização, distribuição de multinacionais e globalização) ainda participam de uma liberdade econômica para promover repercussões locais, regionais, nacionais e internacionais quanto aos impactos sociais e ambientais que promovem, os quais, muitas das vezes, não são positivos, benéficos e construtivos (HOLMBERG, 1994; JIMÉNEZ-HERRERO, 2000; SCHMIDHEINY, 1992).

A partir de estudos sobre a linguagem e seu papel nas interações sociais, Bourdieu trouxe discussões em torno das trocas linguísticas. Segundo ele (2008), as trocas linguísticas são, em um dado mercado linguístico, uma relação de poder simbólico em que se atualiza a relação de força entre os falantes ou seus respectivos grupos, ou seja, certas formas de linguagem são consideradas legítimas, enquanto outras formas são censuradas para dar valor e poder ao discurso dominante. Bourdieu (2008) acrescentou que a existência de diferentes significados para um mesmo símbolo é a unidade do mercado de linguagem. Por isso, o autor elucida o jogo semântico existente entre o falar e o dizer, uma vez que o uso da fala cobre efetivamente um dos melhores sistemas de censura disfarçados, pois exclui indivíduos que não têm o direito de falar e apenas fornece esse poder ao dominante (BOURDIEU, 2008).

Logo, a partir da proposta dessa pesquisa em discernir, por meio da sociologia bourdieusiana, o falar e o dizer emitidos pela Samarco Mineração S. A. sobre o ecocídio que aconteceu na cidade Mariana (MG) em novembro de 2015, estabeleceu-se o problema da pesquisa. Diante de tal cenário, o problema que atendeu os interesses dessa pesquisa foi: Qual a fala, o dizer e a doxa da Samarco Mineração S.A. e da mídia internacional sobre o ecocídio de Mariana (MG)? A resposta para esse problema foi construída a partir de uma análise de narrativas.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Identificar o falar, o dizer e a doxa da Samarco Mineração S.A. e da mídia internacional sobre o ecocídio de Mariana (MG).

1.1.2 Objetivos Específicos

- Interpretar a construção narrativa da Samarco Mineração S.A. e da mídia internacional sobre o ecocídio de Mariana (MG).

- Reconhecer enunciações objetivas nas narrativas emitidas pela Samarco Mineração S.A. e pela mídia internacional sobre o ecocídio de Mariana (MG).
- Compreender aspectos subjetivos nas narrativas emitidas pela Samarco Mineração S.A. e pela mídia internacional sobre o ecocídio de Mariana (MG).
- Descrever a doxa da Samarco Mineração S.A. e da mídia internacional sobre o ecocídio de Mariana (MG).
- Analisar os paradoxos identificados entre as narrativas emitidas pela Samarco Mineração S.A. e pela mídia internacional sobre o ecocídio de Mariana (MG).

1.2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa buscou relacionar teorias que tratam os temas trocas linguísticas, organizações ecocidas e narrativas, juntamente com as contribuições da sociologia bourdieusiana. A partir disso, procurou-se alcançar uma construção reflexiva para os estudos organizacionais. As abordagens narrativas têm o potencial de desmantelar a dualidade entre o conhecimento tradicional e a experiência subjetiva, e são metodologicamente complexas e teoricamente sólidas. (RHODES; BROWN, 2005). Isto posto, compreende-se que os elementos acessados passarão por uma lente teórica bourdieusiana e por uma metodologia de narrativas.

Uma vez que se difunde ao conhecimento nas áreas das organizações a sociologia de Bourdieu, com destaque ao falar e dizer, pretendeu-se avançar na abordagem teórica da sociologia bourdieusiana referente à linguagem, fornecendo novas perspectivas aos estudos organizacionais a partir de sua sociologia. Acrescenta-se ainda que a estrutura narrativa que é objeto de análise neste estudo vem de uma organização com forte influência social e econômica no Brasil, pois está envolvida em um dos maiores desastres socioambientais do país. Portanto, ressalta-se a contribuição fornecida nos estudos sobre organizações ecocidas, por meio dos entendimentos dos artifícios da comunicação das organizações, bem como subsídio para o melhor desenvolvimento de tal conceito.

Na literatura internacional, diversos estudos têm se concentrado em analisar os impactos ambientais e culturais causados pelo rompimento da Barragem de Fundão no Brasil em 2015. Um desses estudos apresenta uma abordagem de valoração contingente, visando estimar o valor monetário dos danos percebidos pela população brasileira. Outro enfoque investiga a utilização de Serviços de Saneamento Móvel (SSM) público pela população afetada pelo colapso da Barragem de Mariana em 2015, buscando avaliar a eficácia desses serviços após a interrupção no abastecimento de água. Além disso, existe uma vertente na literatura que se aprofunda na análise do colapso da Barragem de Fundão em Minas Gerais, concentrando-se no conceito de governança. Tais estudos propõem uma reflexão sobre a governança no contexto corporativo e nas políticas públicas, considerando a complexidade envolvida e os desafios enfrentados após o desastre.

Outras investigações na literatura internacional têm se dedicado a examinar a responsabilidade corporativa sob o direito internacional dos direitos humanos, especificamente em relação aos desafios enfrentados pelas empresas mineradoras diante de eventos catastróficos, como o colapso da barragem de Mariana. Esses estudos buscam compreender como as empresas têm lidado com a complexidade da governança, frequentemente construindo estruturas complexas em colaboração com órgãos governamentais. A reação do mercado de ações diante de desastres ambientais na indústria mineradora, especialmente o colapso da barragem de Mariana, também tem sido tema de investigação na literatura internacional. Esses estudos buscam analisar as implicações financeiras e econômicas desse tipo de evento, contribuindo para uma compreensão mais abrangente dos impactos nos mercados globais.

Isto posto, esta pesquisa desempenha um papel fundamental na medida em que se propõe a abordar as narrativas midiáticas internacionais relacionadas ao ecocídio ocorrido. Até então, trabalhos semelhantes se concentraram predominantemente na análise das repercussões nacionais desse fenômeno, especialmente no que diz respeito à sustentabilidade. Investigar as narrativas midiáticas internacionais é crucial uma vez que permite uma visão mais abrangente e global das implicações do ecocídio, ampliando a compreensão sobre como o que ocorreu em Mariana foi/está sendo percebida e discutida em escala mundial. Além disso, essa abordagem internacional pode oferecer informações valiosas sobre as

interações entre países e regiões em relação ao ecocídio, bem como suas implicações políticas, sociais e econômicas em um contexto global. Portanto, a pesquisa desempenha um papel importante ao preencher essa lacuna e contribuir para um entendimento mais completo do ecocídio em um contexto internacional.

Na esfera dos estudos voltados para organizações ecocidas, observa-se uma lacuna significativa na literatura, onde a discussão explícita sobre o conceito de "organizações ecocidas" é escassa. As pesquisas existentes similares têm se dedicado a compreender de que maneira as corporações desempenham um papel crucial na desorganização dos ecossistemas, evidenciado especialmente por meio de atividades criminosas ambientais. Embora esses estudos destaquem os impactos ambientais das ações corporativas, ressaltando a responsabilidade das empresas na degradação dos ecossistemas, a falta de uma abordagem específica sobre organizações ecocidas representa uma falha notável. Essa lacuna pode comprometer uma compreensão mais aprofundada do comportamento corporativo em relação à natureza e ao sofrimento humano, em especial na definição do conceito de organização ecocida.

Este estudo também contribui socialmente pois oferece reflexões das práticas organizacionais que impactam inúmeras esferas da realidade social. Pierre Bourdieu, como sociólogo, aspira a entender o que é visto e o que não é visto, buscando além do explícito, o oculto, o desconhecido e o inexplorado. Ao estudar o poder, especialmente o poder simbólico nas relações sociais, Bourdieu enfatiza a configuração das relações como a relação de dominância é assim concebida como a inserção das organizações em espaços que lutam pelo poder formal e simbólico (BOURDIEU, 2008; 2012).

A análise dos conceitos de "falar," "dizer" e "doxa" propostos por Pierre Bourdieu emerge como uma ferramenta crucial no entendimento do ecocídio ocorrido em Mariana. Ao aplicar esses conceitos à narrativa que envolve o desastre, podemos desvelar os paradoxos inerentes entre os documentos oficiais da empresa responsável e as narrativas midiáticas internacionais. Bourdieu nos convida a examinar não apenas o que é falado, mas também como as partes envolvidas constroem seu dizer. A análise da doxa revela a complexidade e os interesses subjacentes às representações do ecocídio de Mariana. Ao abordar esses paradoxos, podemos desvendar as contradições entre as perspectivas da empresa e as

interpretações midiáticas internacionais, contribuindo assim para uma compreensão mais profunda das narrativas enunciadas sobre o ecocídio de Mariana (MG). Essa abordagem é fundamental para a construção de uma visão mais completa e esclarecedora sobre os eventos de Mariana, além de destacar a importância de uma análise mais abrangente que vá além das versões apresentadas pelas partes envolvidas.

Além disso, pretendeu-se atender uma lacuna teórica no campo da Administração, já que, quando pesquisado a junção de tais temas, poucos trabalhos são apresentados. Na base de dados Spell ao pesquisar “Bourdieu” em todos os campos, 135 resultados são obtidos. Quando filtrado para a área da administração, 109 resultados são obtidos, porém quando inseridos “falar” e-ou “dizer”, em campos diferentes, ou até mesmo juntos, nenhum resultado é obtido. Apenas um resultado é obtido, quando buscado por “Bourdieu” e “discurso”. Já quanto a base de dados Web of Science foi inserido “Bourdieu” em todos os campos e 8644 resultados foram obtidos, portanto, também foi inserido “falar e dizer” também em todos os campos, ou “falar” e “dizer” separadamente. Nove documentos são exibidos em ambas buscas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A elaboração deste capítulo baseou-se nos principais temas abordados nesta pesquisa: a sociologia bourdieusiana, paradoxos organizacionais e ecocídio. No primeiro capítulo, é apresentada a sociologia de Pierre Bourdieu, explorando a tríade bourdieusiana, e mais adiante são abordados os aspectos relacionados às trocas linguísticas, especialmente nos conceitos de falar e dizer. O segundo capítulo trata dos paradoxos nas organizações. Por fim, o terceiro capítulo trata de ecocídio, iniciando com uma breve contextualização histórica do conceito e sua relação com as organizações.

2.1 A SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA

Pierre Bourdieu, nascido na França na cidade de Béarn em 1930, destinou anos de sua carreira acadêmica à estudos sociais e empíricos, o que permitiu produzir diversas teorias. Como parte da sua história, em 1955, o filósofo e sociólogo, foi convocado para servir à uma missão na Argélia. Destinado a auxiliar na pacificação da colônia norte-africana, a experiência o fez se interessar pela sociedade de forma política e científica, e assim desenvolveu seu primeiro livro *Sociologie de l'Algérie* (WACQUANT, 2002).

Juntamente à sua formação em filosofia, circunstâncias lhe serviram como 'trampolim empírico', levando o autor a treinar a si próprio em antropologia, sociologia e estatística, o que aos poucos o tornou um antropólogo (WACQUANT, 2002). Com a constante preocupação de Bourdieu em unir a teoria à observação o fez passar da antropologia para a sociologia sem perceber, "porque isso lhe parecia mais adequado para compreender as complexidades da realidade social" (WACQUANT, 2002, p. 98). Esta migração se deu na busca por levantar alguns questionamentos que a filosofia por si só já não respondia. O autor, que busca estudar trajetórias históricas, lida com a epistemologia histórica, afirmando que, se tivesse que lhe aplicar um rótulo, este seria estruturalista construtivista ou construtivista estruturalista.

Isto posto, para melhor compreensão de sua teoria, se faz necessário ressaltar sua base ontológica e epistemológica, do qual a primeira é a ciência do estudo do ser, compondo-se por parte da metafísica e, a segunda é a forma de entender como o

conhecimento é gerado, que, para esta pesquisa, a vertente pode ser construtivista e ou estruturalista (SACCOL, 2009). Entre os principais aspectos distintos do trabalho de Bourdieu e sua luta com todo tipo de alternativas dualistas, o filósofo e sociólogo indica que a reflexibilidade é a condição de qualquer teoria social que tenta superar os dualismos característicos de um pensamento social moderno (SIEMON, 1997).

Bourdieu considera a história para dar base a sua teoria, dessa forma, sua ontologia é considerada historicista. Possuindo uma dupla visão de história, o autor elucida o conceito de história reificada e história incorporada. De acordo com Siemon (1997), a noção de ontologia historicista surge do qual substituiria divisões, como entre indivíduo e sociedade ou entre subjetivo e objetivo com a história dupla comprometendo componente corporal – comportamento e percepção - e um componente institucional – história objetivada de instituições específicas e formações sociais.

Dessa forma, a história reificada se refere ao que aconteceu, a história contada ao longo do tempo, objetivada pelos agentes sendo concebida como verdade e, portanto, acumulada nas estruturas. Já a história incorporada trata-se da história não contada, mas vivida e incorporada pelos agentes (BOURDIEU, 2012). Para tanto, a ontologia historicista, segundo Bourdieu, desafia e contesta a história reificada. A partir de tal posicionamento, entende-se que existem estruturas objetivas que independem da vontade dos agentes e esquemas de percepção integrada pelo *habitus* e pelas estruturas sociais, nomeados campos, grupos e classe sociais (BOURDIEU, 2004).

Em suas obras nota-se em essencialidade o uso de três conceitos para compreensão da realidade social, campo, *habitus* e capital. Tais conceitos ficaram conhecidos mais tarde como a tríade bourdieusiana. Por campo, compreende-se as estruturas objetivas, uma rede ou configuração de relações objetivadas entre posições, onde agentes lutam por reconhecimento e legitimação por intermédio de meios simbólicos (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Trata-se de recortes do espaço social, este formado por uma pluralidade de campos, e possui leis sociais, que, ao interagirem com o campo, encontram resistência por parte deste, que busca exercer sua autonomia parcial. Essa resistência tem como objetivo se libertar de imposições externas e reconhecer apenas suas determinações internas (BOURDIEU, 2004).

Os campos são constituídos por indivíduos e instituições, denominados por Bourdieu (2004) como agentes. Estes criam relações dentro do campo e confrontam-se entre si na busca por poder e melhores posições. Uma das formas de manifestação da autonomia do campo é a sua capacidade de refração, que consiste na habilidade de retraduzir as pressões externas. Por isso, para o autor, tal dinâmica nos campos é vista como um jogo, determinado pela luta entre os dominantes e os dominados (BOURDIEU, 2004). Logo, de acordo com Bourdieu (2004), um campo é considerado um campo de poder, um campo social, e um campo de forças. De poder, pois é formado por agentes que se relacionam entre si e que buscam poder para preservar e alcançar posições, havendo sempre alguém dominando; social, pois trata-se de um espaço composto por múltiplas dimensões de posições, no qual ocorrem constantes questionamentos; por fim, ele também é um campo de forças pois dentro dele não há consenso, ocorrendo violentação dos agentes, impondo-se e exercendo-se poder sobre os dominados (BOURDIEU, 2004).

Devido a isso, ao ocorrer divergências e disputas, o campo também pode ser considerado como um campo de lutas, já que estes agentes agem na busca por capital fazendo uso de seus diferentes tipos e elaborando estratégias com objetivo de conservar suas posições ou então, melhorá-las (BOURDIEU, 1996). Tanto a sua conservação quanto a sua preservação dependem da adoção de estratégias legítimas de acordo com as regras do próprio campo, por isso a argumentação do autor sobre o jogo que ocorre no campo, em que, uma vez que os agentes jogam o jogo, eles o aceitam (BOURDIEU, 2021).

Nesta luta para melhores posições, o capital é um importante artifício. Por capital, entende-se o recurso em forma de poder e objeto de interesse no campo, responsável por fornecer a capacidade de agir dentro do mesmo. Em seus estudos, o sociólogo identificou três espécies de capital que são comumente encontradas nos mais diversos campos: o capital econômico, o capital social e o capital cultural. O capital econômico é considerado pré-condição para se conquistar os demais capitais, podendo ser apresentado como bens materiais, posses e etc., e o social é resultado das relações sociais dos indivíduos, representando a agregação de recursos tangíveis e intangíveis que são adquiridos por um indivíduo ou grupo devido à posse de uma rede duradoura de relacionamentos institucionalizados, caracterizados pelo conhecimento mútuo e reconhecimento (BOURDIEU; WACQUANT, 1992).

Com relação ao capital cultural, este pode ser encontrado em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado. O primeiro, não possui valor econômico, e refere-se ao conhecimento adquirido ao longo da trajetória, socialização e inculcações do indivíduo, como *habitus* linguísticos, etc.; o segundo é referente a posse de bens culturais, dado por obras de artes, livros e imagens; e, o último, refere-se as construções reconhecidas por meio de conhecimentos e diplomas. Assim, de forma geral, o capital cultural indica o conhecimento ligado a tradições e culturas (BOURDIEU; WACQUANT, 1992).

Bourdieu (2004) argumenta que no campo, além da existência do objetivo e do estruturado, há também uma dimensão subjetiva chamada *habitus*. É por meio da relação dialética, da interdependência e da dupla crítica entre o objetivo e o subjetivo que a praxiologia possibilita uma ação social resultante das interações entre estruturas objetivas e subjetivas, sendo o *habitus* o mediador dessa relação. Assim, uma vez que os agentes são dotados de uma estrutura incorporada, o conceito de *habitus* rompe com o aspecto estruturalista do campo. O *habitus* é uma estrutura incorporada que representa um coletivo do que cada indivíduo traz em si, ao mesmo tempo, é um “sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas” (BOURDIEU, 2004, p. 158).

Ao mesmo tempo em que ele é um sistema de esquemas de produção de práticas, ele também é um esquema de percepção e apreciação destas práticas. Reconhecido como um conceito amplo e complexo, o *habitus* é um conjunto de disposições e elementos incorporados pelo indivíduo, configurado pela relação dialética entre a história incorporada e a história objetivada, sendo capaz de denunciar a capacidade de conhecimento dos agentes para saber jogar o jogo (BOURDIEU, 2004). Nessa perspectiva, ao contrário da objetividade do campo, a subjetividade do *habitus* permite ao agente uma certa espontaneidade. No entanto, essa suposta espontaneidade possui uma lógica prática que, mesmo não sendo originada de regras ou leis explícitas, é determinante. Ele influencia o comportamento regular dos agentes, de tal forma que, em sociedades pouco codificadas, é necessário presumir que eles seguem uma espécie de "sentido do jogo" para compreender suas ações. Sendo assim, o *habitus* constitui a própria essência do campo, sendo uma manifestação intrínseca e inseparável do mesmo (BOURDIEU, 2004).

Ao compreender que o *habitus* é um conjunto de disposições adquiridas pelos indivíduos ao longo de sua socialização, por meio da internalização das estruturas sociais e práticas culturais presentes em um determinado contexto, e, que, essas disposições moldam os agentes, compreende-se também que ele desempenha um papel fundamental na manifestação e incorporação do simbólico pelos indivíduos, no qual as estruturas simbólicas são internalizadas e adquirem forma neles próprios. Ou seja, o *habitus* se manifesta nos agentes e nas disposições dos indivíduos como uma expressão do simbólico, ao passo que o simbólico é incorporado e reproduzido por meio do *habitus* (BOURDIEU, 1979).

Bourdieu (1979) argumenta que o simbólico engloba os valores, significados e representações presentes na sociedade, estando profundamente enraizado nas práticas cotidianas e materiais. Sendo desconhecido e inacessível, mas podendo ser sentido e reconhecido, o simbólico não é possível de se explicar objetivamente pela subjetividade do indivíduo. Ele exerce influência nas interações sociais e nas dinâmicas de poder, sendo construído e reproduzido através da imposição e legitimação de determinados valores e normas por parte de grupos sociais específicos. (BOURDIEU, 2012).

Por essa razão, o autor ainda ressalta a existência de um quarto tipo de capital, denominado capital simbólico. Este tipo de capital destaca-se dentro de um campo específico, sendo considerado o mais significativo. O capital simbólico refere-se a um crédito atribuído àqueles que alcançaram um reconhecimento suficiente para impor o próprio reconhecimento aos demais. Trata-se de uma espécie de adiantamento de desconto, uma forma de credibilidade que é concedida somente pela crença do grupo àqueles que oferecem um maior número de garantias materiais e simbólicas (BOURDIEU, 2004, 2008).

O capital simbólico se manifesta como poder quando é legitimado e reconhecido, proporcionando benefícios, incluindo a manutenção e acumulação de outros tipos de capital, frequentemente encontrados nos campos. Isto posto, Bourdieu elucida o conceito de poder simbólico, um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não desejam reconhecer que estão sujeitos a ele ou até mesmo que o exercem. Em outras palavras, o “poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder [...]” (BOURDIEU, 2012, p. 15). Nesse sentido,

o capital simbólico se faz necessário, pois dá crédito para o exercício deste poder que foi dado aos que alcançaram o reconhecimento, podendo ser definido como os diferentes capitais que são percebidos, reconhecidos e legitimados.

O exercício do poder simbólico, devido à posse de capital simbólico, converte-se em violência simbólica, que é responsável por um estado de estranhamento ou encantamento e que resulta em um avanço ou recuo da normalidade do *habitus* de um agente, o que consolida a ação de dominar (BOURDIEU, 2012). A violência simbólica é “a violência que é exercida sobre um agente social com sua própria cumplicidade” (BOURDIEU, 1992, p. 167). Trata-se de uma espécie de função política, como instrumentos de imposição ou legitimação da dominação de uma classe sobre a outra, que fortalece as relações de poder subjacentes e contribuem com a domesticação dos dominados. É uma violência que se manifesta através das formas, moldando e dando formas (BOURDIEU, 2004).

Conseqüentemente, a partir dessa dinâmica, ocorre a dominação simbólica, uma forma de poder na qual certos grupos ou instituições impõem símbolos, valores, normas e significados sobre outros grupos na sociedade. Ela age no âmbito das representações e percepções individuais, influenciando as práticas e restringindo as possibilidades de ação dos indivíduos. Ao contrário da dominação que se baseia unicamente na coerção física ou na força econômica, a dominação simbólica atua através da construção e imposição de sistemas simbólicos que são internalizados e aceitos pelos indivíduos como parte intrínseca da realidade social (BOURDIEU, 2005).

A dominação simbólica se manifesta através da produção e controle de discursos, práticas culturais, instituições e símbolos que moldam as representações coletivas e individuais. Esses elementos simbólicos são utilizados para fortalecer e legitimar as relações de poder estabelecidas, levando os subordinados a aceitarem e reproduzirem essa ordem social, frequentemente de forma inconsciente (BOURDIEU, 2005). É por meio da dominação simbólica que ocorre a imposição e legitimação de determinadas formas de linguagem como superiores ou mais valorizadas por certos grupos ou instituições, enquanto outras são desvalorizadas ou marginalizadas. Isso resulta em uma hierarquia linguística na qual algumas variedades linguísticas são consideradas mais prestigiosas, adequadas ou legítimas do que outras, estando intimamente ligada às relações de poder e à reprodução das desigualdades sociais (BOURDIEU, 1992, 2005, 2008).

Como resultado da dominação simbólica, o *habitus* linguístico tem um impacto significativo nas práticas linguísticas dos indivíduos, influenciando como eles se expressam, compreendem e são compreendidos na sociedade. O *habitus* linguístico, de acordo com Bourdieu (1992, p. 145) é “um conjunto de disposições socialmente constituídas que implicam uma propensão para falar de certas maneiras e proferir coisas determinadas”. Ele afeta as escolhas linguísticas, incluindo o uso de dialetos ou variedades regionais, e pode influenciar até mesmo a capacidade de acessar oportunidades. Logo, a imposição de determinados valores e normas linguísticas por meio do poder simbólico molda o *habitus* linguístico dos indivíduos, perpetuando as desigualdades e hierarquias sociais relacionadas à linguagem (BOURDIEU, 1992, 2008).

Por essa razão, ao longo de seus estudos Bourdieu também construiu estudos sobre linguística, o que gerou maiores conhecimentos sobre a língua e o seu papel social na interação entre agentes. Assim, ele descreve a dominação que ocorre no campo linguístico a partir da distribuição desigual do capital linguístico. De acordo com ele, é a língua que assegura o mínimo de comunicação, condição da produção econômica e da dominação simbólica. É através dela que os seres humanos se comunicam e interagem com os demais, fazendo, portanto, parte do processo de socialização do qual todo indivíduo é inserido. Logo, a sociologia de Bourdieu, produziu um entendimento sobre a linguagem e o seu papel nas interações sociais dos agentes por meio de discussões em torno das trocas linguísticas, assim sendo, se faz necessário apresentar tal concepção para melhor entendimento.

2.2 FALAR, DIZER E DOXA

O presente capítulo busca avançar no desenvolvimento da teoria de Bourdieu nos estudos sobre a linguagem, que se deu a partir do entendimento sobre as trocas linguísticas. A troca linguística é “uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor [...] e um consumidor (ou um mercado) [...]” (BOURDIEU, 2008, p. 53). Tal produtor é provido de um dado capital linguístico e o consumidor capaz de fornecer um certo lucro material ou simbólico. Essa relação de comunicação entre o emissor e o receptor se dá no

ciframento e no deciframento, ou seja na execução de um código. Por meio das discussões em torno das trocas linguísticas e considerando que a língua é um sistema de códigos utilizados pelos indivíduos como meio de comunicação, Bourdieu desenvolveu conhecimento sobre a língua e o papel dela na interação social entre os agentes de um campo.

As línguas existem na forma de *hábitos* linguísticos parcialmente orquestrados e na produção oral desses hábitos, em outras palavras, somente em seu estado prático. Ela ainda corrobora com o reforço de autoridade a partir da garantia de uma comunicação mínima entre todos apesar dos limites territoriais, fundamentando assim, uma dominação simbólica. Trata-se de um código que outorga instituir equivalências entre sons, sentidos e normas (BOURDIEU, 2008). Compreende-se que ela é um conjunto de códigos feitos a partir da linguística, ciência que estuda a linguagem (BOURDIEU, 2004).

No entanto, Bourdieu (2004, p. 100) argumenta que “a língua não é um código propriamente dito: ela se torna um código através da gramática, que é uma codificação quase jurídica de um sistema de esquemas informacionais”. A codificação trata-se da aplicação de um código que acompanha uma teoria produzindo um efeito simbólico. Ela é uma operação de manutenção simbólica que produz uma neutralização e sistematização, formando uma previsibilidade e nitidez nas relações sociais. Devido a isso, entre indivíduos de um mesmo grupo tudo é claro e incontestável e, entre grupos mais afastados, “o encontro é de duas séries causais independentes” (BOURDIEU, 2004, p. 101).

Dado que a língua raramente assume-se como instrumento de comunicação, exceto em casos literários, Bourdieu (2008, p. 48) defende a existência de uma língua legítima, “uma língua semi-artificial cuja manutenção envolve um trabalho permanente de correção de que se incumbem tanto os locutores singulares como as instituições especialmente organizadas com esta finalidade”. A imposição dessa língua oficial se dá pelo sistema escolar, responsável por reproduzir a função determinante de legitimação da mesma. No entanto, é durante o processo de constituição do Estado que são criadas as condições para o estabelecimento de um mercado linguístico unificado e dominado pela língua oficial (BOURDIEU, 2008).

Logo, a língua legítima – cujas propriedades se caracterizam pela excelência linguística-, por não ter potencial de manter sua perpetuação, envolve um constante

exercício de correção delegado aos locutores e as instituições especializadas, se perdurando pelo tempo e espaço e sendo favorecida pelo constante trabalho de inculcação realizado pelos agentes (BOURDIEU, 2008). Ainda que isso ocorra, existem variações significativas relacionadas às diferenças sociais. Trata-se da retradução de um sistema de diferenças sociais que se deve à organização de um sistema de diferenças que reproduz na ordem simbólica dos desvios diferenciais e dá um valor aos usos sociais da língua.

Assim, segundo Bourdieu (2008), embora a língua seja o meio de comunicação mais utilizado e comum, a sua reprodução e recepção ocorrem de acordo com as diferentes posições no espaço social, o que rompe a aparente existência de uma língua comum. Portanto, o reconhecimento de uma língua legítima envolve relações de poder, logo, a competência legítima tem como alicerce a eficiência dada pelo poder de “convencimento que lhe é reconhecido, depende da pronúncia (e secundariamente do vocabulário) daquele que o pronuncia, ou seja, através deste índice particularmente seguro da competência estatutária, da autoridade do locutor” (BOURDIEU, 2008, p. 57).

Além disso, Bourdieu (2008) acrescenta que locutores desprovidos de competência legítima são excluídos do espaço social onde essa competência é exigida, o que os condena ao silêncio. Sendo assim, admite-se que as interações ocasionadas por meio da língua legítima detêm a função de exercer violência simbólica (BOURDIEU, 2008). Por isso, a capacidade de falar não é algo extraordinário, mas sim a competência de falar a língua legítima e traduzi-la para a lógica simbólica e seus significados. Isto posto, entende-se que a língua tende a gerar sentidos diferentes a partir de suas conotações sociais, por isso, “cada palavra, cada locução ameaça assumir dois sentidos antagônicos conforme a maneira que o emissor e o receptor tiverem de interpretá-la” (BOURDIEU, 2008, p. 27).

A partir das trocas linguísticas, elucida-se a existência de um jogo semântico entre os verbos “falar” e “dizer”, em que, entre eles, há a dimensão simbólica. O falar refere-se à exteriorização objetiva das palavras, envolvendo a comunicação por meio da linguagem. Visto como uma aplicação pragmática, o ato de falar abrange referências linguísticas e ritos para legitimar e reconhecer como legítimo. Ele está ligado ao poder da palavra, atribuído ao porta-voz, em que estas compõem um testemunho que representa a delegação investida. O uso eficaz da fala engloba uma

das censuras mais bem dissimuladas, pois exclui indivíduos que não possuem a autoridade do falar, fornecendo esse poder apenas aos agentes dominantes (BOURDIEU, 2008).

Falar é apropriar-se de um ou outro estilo expressivo já constituído no e pelo uso, objetivamente marcado por sua posição em uma hierarquia de estilos que expressa, através de sua ordem, a hierarquia dos grupos correspondentes. Tais estilos marcam aqueles que deles se apropriam, assim como a estilística espontânea, armada de um senso prático das equivalências entre duas ordens de diferenças, envolve classes sociais através das classes de indícios estilísticos. Por isso, o que é raro não é a capacidade de falar, mas sim a competência necessária para falar a língua legítima que, por depender do patrimônio social, retraduz distinções sociais na lógica propriamente simbólica dos desvios diferenciais ou, numa palavra, da distinção (BOURDIEU, 2008).

Toda fala é produzida para e pelo mercado ao qual ela deve sua existência e suas propriedades mais específicas, portanto, Bourdieu (2008) argumenta que as palavras e as ordens só têm sentido dentro do contexto social em que são usados, e sua efetividade é determinada pelas estruturas de poder e hierarquias que moldam a sociedade, ou seja, as palavras e as ordens só podem operar se estiverem em conformidade com as relações de poder existentes e as normas sociais que governam essas relações. Por isso, segundo Bourdieu

Todo ato de fala e, de um modo geral, toda ação é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições, socialmente modeladas, do *habitus* lingüístico, que implicam uma certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas (interesse expressivo), definida ao mesmo tempo como capacidade lingüística de engendramento infinito de discursos gramaticalmente conformes e como capacidade social que permite utilizar adequadamente essa competência numa situação determinada; do outro, as estruturas do mercado lingüístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas (BOURDIEU, 2008, p. 24).

A partir das condições do falar, manifesta-se a atribuição de sentido às palavras. Essa atribuição vai além de seus meros significados. Por isso, Bourdieu (2008) também elucida o dizer, que de modo mais complexo, envolve a capacidade interpretativa das palavras compreendendo os aspectos subjetivos da linguagem. O dizer refere-se a um conjunto de códigos construídos a partir da lingüística. O autor (2008) ainda destaca que o dizer é fundamental para a compreensão da linguagem,

pois através dele é possível expressar nuances e subjetividades que vão além do mero significado das palavras.

No entanto, essa capacidade interpretativa é muitas vezes limitada pelas estruturas de poder presentes na sociedade, que impõem sanções e proibições ao uso de determinadas formas de expressão. Por isso, Bourdieu (2008) argumenta que a censura atinge seu auge de perfeição e invisibilidade quando cada agente não tem mais nada a dizer além do que está objetivamente autorizado a dizer. Ele ainda acrescenta que “entre as censuras mais eficazes e mais bem-dissimuladas situam-se aquelas que consistem em excluir certos agentes da comunicação, excluindo-os dos grupos que falam ou das posições de onde se fala com autoridade” (BOURDIEU, 2008, p. 133). Para compreender as restrições sobre o que pode ser dito em um grupo, é necessário considerar tanto as relações de força simbólicas que ocorrem dentro dele, resultando em certos indivíduos sendo incapazes de falar ou sendo obrigados a lutar para conquistar seu direito à fala, quanto as próprias regras que moldam a formação do grupo, funcionando como uma forma de censura prévia.

Logo, o dizer também está sujeito a uma espécie de censura estrutural, que impede o pleno desenvolvimento da capacidade interpretativa das palavras. Devido a isso, o que é falado nem sempre corresponde ao que se quer dizer. Isso pode ocorrer por diferentes motivos, como por exemplo, por questões culturais e sociais que influenciam na forma como as pessoas se expressam e interpretam a linguagem, ou ainda, por medo de represálias e sanções sociais, levando o indivíduo a censurar o que realmente gostaria de dizer. Bourdieu (2008) também argumenta que a capacidade de interpretar e compreender os aspectos subjetivos da linguagem é fundamental para compreender o dizer, que vai além dos meros significados das palavras. Compreender também envolve captar significados implícitos, ler nas entrelinhas e realizar, de forma prática e muitas vezes inconsciente, as associações e substituições linguísticas feitas pelo produtor do discurso.

Para elucidar o conceito de discurso, se faz necessário elucidar o conceito de mercado, uma arena de competição onde agentes buscam recursos escassos e lutam por poder e posições de prestígio. Bourdieu realiza um recorte deste mercado para elucidar o mercado linguístico com objetivo de descrever as relações de poder e as formas de dominação simbólica que ocorrem no campo da linguagem. Isto posto, de acordo com ele, o que circula no mercado linguístico não é “a língua” e sim, “discursos

estilisticamente caracterizados” (BOURDIEU, 2008, p. 25). Isso ocorre tanto do lado da produção, já que cada falante transforma a língua em um idioleto, quanto do lado da recepção, uma vez que cada ouvinte contribui para a produção da mensagem que percebe e valoriza. Nesse processo, toda a experiência singular e coletiva do receptor é relevante para a compreensão da mensagem.

Assim, discursos são signos a serem compreendidos, decifrados, avaliados, apreciados, acreditados e obedecidos. Interpretado como efeitos da linguagem, ele é dividido entre texto e contexto, e alcança o seu valor e sentido por meio da sua relação com um mercado marcado por uma lei de formação de preços. Em outras palavras, o valor de um discurso depende da relação de força estabelecida entre as competências linguísticas do falante e sua capacidade de produção, apreciação e apropriação, ou seja, a habilidade de, na troca, os envolvidos impor critérios mais favoráveis a seus produtos (BOURDIEU, 2008).

No entanto, tanto a maneira, quanto a matéria do discurso são influenciadas pela posição social do falante, que determina o acesso dele à linguagem da instituição, à palavra oficial e à variedade linguística considerada padrão portanto, ortodoxa e legítima, já que, o acesso a uma variedade de linguagem específica ou a um domínio particular do discurso pode conferir vantagens ou desvantagens aos indivíduos em termos de status, prestígio e oportunidades. Por isso, Bourdieu (2008) defende que a eficiência de um discurso envolve a pronúncia em primeiro lugar, e, em segundo, ao vocabulário determinado pela autoridade de quem o pronuncia, fornecendo ao locutor, poder de convencimento e reconhecimento legítimo a partir da sua competência linguística dominante.

Bourdieu (2008) também elucida o conceito de região, que trata-se do território de alcance do capital do campo, dos capitais que estão no campo e em discussão. É o que está em jogo como objeto de lutas que consiste em uma imposição de legítima autoridade. A partir deste conceito, tem-se a fronteira, onde começa e termina o alcance do capital do campo, determinada pelas relações entre os agentes que escolhem o capital como o dominante. A etimologia de região leva o autor ao princípio da *di-visão*, multiplicidade de interpretações, duas possíveis formas de interpretação de uma determinada situação não sendo sempre construídas de forma neutra, ou seja, o dominante do campo tem o poder de influenciar o modo que o dominado interpreta as situações (BOURDIEU, 2012; BOURDIEU, WACQUANT, 1992).

Ainda para destrinchar tal conceito, ele traz os termos *regere fines* - “ato que consiste em “traçar as fronteiras em linhas retas”, em separar o interior do exterior, o reino do sagrado do reino do profano, o território nacional do território estrangeiro, ato religioso realizado pela personagem investida da mais alta autoridade (BOURDIEU, 2008, p. 109) - e *regere sacra* - a habilidade de afirmar o que é verdade dentro de um campo, o ato de estabelecer as regras que dão existência àquilo que é prescrito, falar com autoridade e antecipar, no sentido de dar existência ao que é dito por meio de uma ação proclamatória - afirmando que:

A *regio* e suas fronteiras (*fines*) são apenas o vestígio morto do ato de autoridade que consiste em circunscrever o país, o território (que também se chama *fines*), em impor a definição (outro sentido de *finis*) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio de di-visão legítima do mundo social” (BOURDIEU, 2008, p.9).

Isto posto, entende-se que a sociologia bourdieusiana defende que o discurso demarca as regiões e limita fronteiras de ação e que a presença de um discurso dominante beneficia as práticas dos agentes (JAN-CHIBA; TADEO; BORIM-DE-SOUZA, 2017), pois reforça a legitimação e a aceitação de agentes dentro de um campo de forma simbólica. O simbólico é desconhecido e não acessado, no entanto pode ser sentido e reconhecido (BOURDIEU, 2004). De acordo com ele (2008), uma dimensão simbólica encontra-se entre o falar e o dizer. Ambos, falar e dizer, expressam ritos de passagem que, pela impossibilidade de serem naturalizados, produzem o simbólico nas representações sociais (BOURDIEU, 2008).

A expressão rito de passagem surge ao “marcar solenemente a passagem de uma linha que instaura uma divisão fundamental da ordem social, o rito chama a atenção do observador para a passagem quando, na verdade, o que importa é a linha” (BOURDIEU, 2008, p. 98). Para Bourdieu (2008) todo rito configura a formação de poder simbólico, ele tende a aceitação e a legitimação, ou seja, o reconhecimento como legítimo ao deixar de desconhecer como facultativo, que começa a operar solenemente de forma extraordinária, passando quase sempre despercebido. Ele consagra a diferença, a institui. Por isso, o falar e o dizer expressaram ritos de passagem, uma vez que configuram o reconhecimento de maneira simbólica.

O simbólico, quando associado a um discurso dominante, se torna a *doxa*. A *doxa* representa uma aceitação inquestionável do mundo da vida cotidiana, indo além de simplesmente reconhecer que não é universalmente válida para todos os sujeitos

que percebem e agem, trata-se de uma adesão à ordem estabelecida. Tal aceitação, ou ordem social como utiliza Bourdieu (2008) deriva da imposição de sistemas de classificação que, ao se alinhar com classificações objetivas, acabam gerando uma forma de reconhecimento dessa ordem, através do desconhecimento da arbitrariedade e de seus fundamentos. Em outras palavras, trata-se de uma imposição simbólica que representa uma visão particular disseminada como verdade única, “uma adesão às relações de ordem que [...] são aceitas como evidentes” (BOURDIEU, 2007, p. 438), sendo responsável por reproduzir a ordem de dominância e entendida como consequência de construções sociais (BOURDIEU, 2008).. Nesse sentido, ela é adotada como evidente de maneira imediata e naturalizada, e uma ideia compartilhada que favorece a crença do indivíduo no discurso dominante sem questionamentos, levando-o à uma adesão *dóxica* (BOURDIEU, 2012). A adesão *dóxica* é o consentimento dos indivíduos ao aceitarem o discurso dominante produzido e acreditarem nele a ponto de reproduzi-lo. Por isso, quando descoberta em determinadas posições sociais, especialmente entre os dominados, a *doxa* representa a forma mais radical de aceitação do mundo e a expressão máxima de conservadorismo (BOURDIEU; WACQUANT, 1992).

A ruptura herética da ordem estabelecida ocorre quando há uma combinação entre discurso crítico e uma crise objetiva que rompe a concordância imediata entre as estruturas internalizadas e as estruturas objetivas das quais elas surgem. Isso também implica em estabelecer uma espécie de suspensão prática da adesão inicial à ordem estabelecida (BOURDIEU, 2008). Nesse sentido, Bourdieu (2008) elucida um dos quatro posicionamentos da *doxa*, a heterodoxia, que representa o discurso compartilhado de quem não é dominante. O discurso herético não apenas busca romper com a adesão ao senso comum estabelecido, mas também tem o objetivo de criar um novo senso comum. Nele, são introduzidas práticas e experiências anteriormente implícitas ou reprimidas de todo um grupo, agora dotadas de legitimidade por meio da expressão pública e do reconhecimento coletivo. A única maneira de desacreditar as evidências da *doxa* é através da transgressão necessária para nomear o que não pode ser nomeado e romper as censuras que bloqueiam a reemergência do que foi reprimido, seja essas censuras institucionalizadas ou internalizadas. Assim, sendo o autor, a heterodoxia é incumbida de “[...] exteriorizar a interioridade, nomear o inominado, dando quer à disposições pré-verbais e pré-

reflexivas, quer às experiências inefáveis e inobserváveis, um começo de objetivação por meio das palavras [...]” (BOURDIEU, 2008, p.119).

No entanto, de acordo com Bourdieu (2008) toda tentativa de estabelecer uma nova divisão enfrenta resistência por parte daqueles que ocupam posições dominantes nesse contexto. Esses indivíduos são também os principais interessados em manter uma relação *dóxica* com o mundo social, que tende a aceitar as divisões estabelecidas como naturais ou simbolicamente negá-las ao afirmar uma unidade superior. Sendo assim, “ao trabalho motor da crítica herética responde o trabalho resistente da ortodoxia” (BOURDIEU, 2008, p. 121). A ortodoxia, outra dos posicionamentos da *doxa*, refere-se ao discurso dominante e codificado e tende a impor a ordem estabelecida pela *doxa*. Ela é resultado do empenho dos dominantes em criar um discurso estritamente reativo como substituto de tudo o que ameaça a própria existência do discurso heterodoxo. Com interesse no *laissez-faire*, eles trabalham para manter o estado de inocência original da *doxa*, que busca naturalizar a ordem social e, frequentemente, recorre à linguagem da natureza como empréstimo (BOURDIEU, 2008). Devido a isso Bourdieu afirma que:

“ [...] o poder constituinte da linguagem e dos esquemas de percepção e de pensamento por ela propiciado fica tanto mais visível em situações de crise: estas situações paradoxais, extra-ordinárias, requerem um discurso extraordinário, capaz tanto de nivelar os princípios práticos do *ethos* aos princípios explícitos, geradores de respostas quase sistemáticas, como ainda de exprimir tudo o que pode haver de inaudito e de inefável na situação criada pela crise” (BOURDIEU, 2008, p. 119).

Consequentemente, entre a ortodoxia e a heterodoxia existe um embate político e, devido a isso, há uma luta constante entre ambas, pois a ortodoxia é um posicionamento alinhado a *doxa* e tende à aceitação da ordem estabelecida naturalmente, enquanto a heterodoxia entra em combate com esta ordem repetidamente, colocando em xeque a *doxa* e indo contra com o que tem sido disseminado. Devido à manifestação da *doxa*, a partir da associação do simbólico a um discurso dominante, pode-se ocorrer a destruição do poder simbólico ao se revelar a verdade objetiva. Este papel de destruição do poder simbólico se dá pela heterodoxia, ao destruir falsos fundamentos da ortodoxia que foram originados pela *doxa* (BOURDIEU, 2012).

Além da ortodoxia e da heterodoxia, a *doxa* ainda pode ser encontrada em mais dois outros posicionamentos, a *alodoxia* e a *doxosofia*. Segundo Bourdieu (2008) os

resultados da luta entre a ortodoxia e a heterodoxia seriam completamente imprevisíveis se não houvesse limites para a multiplicidade de visões e perspectivas, ou se houvesse igual probabilidade de todos os agentes se identificarem com diferentes discursos e classificações propostas, independentemente de sua posição no espaço social e suas disposições, bem como da estrutura desse espaço, das distribuições existentes e das divisões pelas quais esse espaço se organiza de fato. Para o autor, a distância entre a ordem da prática e a ordem do discurso favorece a alodoxia, onde as mesmas disposições podem se manifestar em posições distintas, e por vezes até opostas.

Assim sendo, a alodoxia trata-se de um discurso equivocado, isto é, equívocos de identificação ou falsos reconhecimentos “numa forma particular de representação e de explicitação pública da *doxa*” (BOURDIEU, 2001, p. 221) que são favorecidos pelo discurso dominante. Ela é o falso reconhecimento na relação entre as duas histórias, que conduz a identificar-se em uma outra história, um erro de percepção e, especialmente, de expressão. Por isso, ela foge tanto da heterodoxia quanto da ortodoxia, não possuindo relação com a *doxa* (BOURDIEU, 2012). Por fim, a doxosofia trata-se da apropriação de termos rebuscados e/ou científicos dentro de um discurso, que tem como objetivo dar credibilidade para ele e, assim criar opiniões semelhantes entre os agentes (BOURDIEU, 1972).

De acordo com Bourdieu (2012) a presença do simbólico é algo desconhecido, porém sentido quando manifestado, ocorrendo a dominação simbólica. No entanto, a dominação é uma característica objetiva, não sendo, portanto, inteiramente simbólica. Através do exercício do poder simbólico ancorado na posse de capital simbólico, como já mencionado, ocorre a manifestação da violência simbólica, que gera um estado de estranhamento ou encantamento, resultando no avanço ou recuo da normalidade do *habitus* de um agente e consolidando assim a ação de dominação (BOURDIEU, 2012). Por isso, a comunicação, moldada pelas estruturas de dominação, pode ser meios de exercício do poder simbólico e da violência simbólica. Assim, estando conectado à imposição simbólica causada pela *doxa*.

Conclui-se, portanto, que o mercado linguístico é um campo de luta simbólica, onde as pessoas competem pela legitimação e reconhecimento de suas formas de expressão e pelo acesso aos recursos sociais associados a elas. A definição do sentido de um discurso não é completamente determinada pela gramática, e a relação

com um mercado não é suficiente para estabelecer completamente o significado da mensagem. Tal mercado é desigual e estratificado, refletindo as estruturas de poder existentes na sociedade. Certos grupos ou classes sociais têm maior controle sobre as formas de linguagem valorizadas e legitimadas, enquanto outros são marginalizados ou desvalorizados por suas práticas linguísticas.

Assim, os agentes se engajam em uma luta em busca de melhorias em sua posição social, utilizando estratégias como o discurso e a posse de capital simbólico, para que eles possam exercer a violência simbólica, sustentada pelo poder simbólico, visto que o crédito fornecido por tal capital pode ser concedido de diversas formas, permitindo que esse agente tenha a oportunidade de falar em nome deles, representá-los e influenciar a forma como o sentido do jogo ocorre. A linguagem, nesse sentido, tem seu papel na imposição de autoridade através de um discurso dominante, pois ela possui capacidades geradoras ilimitadas, e, conseqüentemente, demarca regiões e limita fronteiras de ação (BOURDIEU, 2008).

Devido ao reconhecimento da linguagem, as trocas linguísticas provenientes da língua legítima englobam relações de poder e força simbólica, resultando na manifestação de violência simbólica. Por um lado, no contexto organizacional, organizações utilizam essa estratégia para obter legitimação e reconhecimento, empregando o simbólico associado a discursos dominantes, com objetivo de velar por crimes ambientais cometidos. Por outro lado, mídias internacionais também emitem narrativas associadas a este mesmo tema, o que levanta para discussão o conceito de paradoxos organizacionais. Logo, fundamentado nas referências apresentadas, se utilizou das narrativas enunciadas pela Samarco Mineração S. A. através de seus documentos e as narrativas midiáticas internacionais sobre um mesmo tema: o ecocídio de Mariana (MG). Para tanto, se faz necessário um capítulo para melhor compreensão do mesmo, e as organizações que neste se envolvem.

2.3 ORGANIZAÇÕES ECOCIDAS

As relações entre organização, sociedade e ambiente, frequentemente encobertas por aparências de sustentabilidade, são essencialmente influenciadas por fatores políticos e ideológicos que refletem uma dinâmica de poder decorrente da ideologia capitalista. O atual sistema econômico se baseia na exploração e

apropriação dos recursos ambientais como uma de suas principais características. Essa mentalidade está profundamente arraigada na sociedade, legado do pensamento surgido durante a Revolução Industrial, que defendia a concepção de que a natureza deveria estar subordinada ao ser humano (SHWOM, 2009; O'CONNOR, 2000).

Alinhado a isso, tem-se a história das organizações, intrinsecamente ligada à história da sociedade, sendo um reflexo das necessidades humanas ao longo de gerações e culturas. Elas surgem com o propósito de satisfazer tais necessidades. Contudo, vale questionar se essas entidades surgem verdadeiramente para atender a tais necessidades ou se frequentemente mascaram agendas mais complexas, inclusive atuando como produtoras ativas dessas próprias necessidades, muitas vezes criando um ciclo de dependência e consumo. Logo, quando as organizações são percebidas como partes integrantes da máquina capitalista, que tende a degradar o meio ambiente, é comum que, quando adotam práticas sustentáveis, o façam para preservar e legitimar uma boa reputação perante a sociedade. Essa estratégia visa reduzir a fiscalização relacionada às regulamentações estabelecidas pelo Estado, o que pode favorecer a perpetuação de comportamentos de exploração de forma excessiva (SHWOM, 2009).

De acordo com a Constituição Federal, especificamente no artigo 225, “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1998). Por isso, o descumprimento das obrigações legais e a busca desenfreada pelo lucro a qualquer custo podem levar certas organizações a situações em que acabam prejudicando a si mesmas, e, ao meio ambiente, que ocorre quando elas são acusadas e investigadas por cometerem crimes ambientais. Por meio ambiente compreende-se como sendo o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica que permitem, abrigam e regem a vida em todas as suas formas (BRASIL, 1981).

No Brasil, a partir de 12 de fevereiro de 1998, as discussões sobre os danos ambientais e as violações dos direitos humanos decorrentes desses danos foram reconhecidas como crimes pela Lei nº 9.605. Essa lei, intitulada estabelece as penalidades e medidas administrativas para aqueles que praticam ações prejudiciais

ao meio ambiente, - "Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências" (IBAMA, 2014, p.5). O'Connor (2000), em uma de suas obras elucida práticas insustentáveis executadas pelas organizações, o que pode resultar em crimes ambientais. Ao tratar-se de crimes ambientais, o conceito de ecocídio vem sendo difundido ao longo dos últimos anos. Ecocídio refere-se ao dano massivo ou à destruição de ecossistemas, caracterizando-se por danos generalizados, severos ou sistemáticos à natureza (STOP ECOCIDE INTERNATIONAL, 2023).

Em sua definição legal, definida no estatuto da Fundação Stop Ecocide (2021) 'ecocídio' significa atos ilícitos ou imprudentes cometidos com o conhecimento de que há uma substancial probabilidade de causar danos severos e, simultaneamente, generalizados ou de longo prazo ao meio ambiente" (tradução nossa), no qual:

"Imprudente" significa agir com desprezo temerário por danos que seriam claramente excessivos em relação aos benefícios sociais e econômicos esperados; "Severo" significa danos que envolvem alterações adversas muito graves, perturbação ou prejuízo a qualquer elemento do meio ambiente, incluindo impactos graves na vida humana ou em recursos naturais, culturais ou econômicos; "Generalizado" significa danos que se estendem além de uma área geográfica limitada, atravessam fronteiras estaduais ou são sofridos por um ecossistema inteiro ou espécie, ou por um grande número de seres humanos; "Longo prazo" significa danos que são irreversíveis ou que não podem ser reparados através da recuperação natural dentro de um período razoável de tempo; "Meio ambiente" significa a terra, sua biosfera, criosfera, litosfera, hidrosfera e atmosfera, bem como o espaço exterior (STOP ECOCIDE INTERNATIONAL, 2023, tradução nossa).

A *Stop Ecocide International Ltd* (SEI), uma organização sem fins lucrativos sediada no Reino Unido, é a força motriz e o centro central do movimento global em ascensão para criminalizar o ecocídio. Originalmente fundada como *Ecological Defence Integrity Ltd*, a organização foi constituída no Reino Unido em 2017 por Polly Higgins (1968-2019), uma advogada pioneira, e atualmente é liderada pela Diretora Executiva Jojo Mehta. Em 2021, a organização foi renomeada para *Stop Ecocide International*, alinhando-se à marca do movimento global em crescimento (STOP ECOCIDE INTERNATIONAL, 2023).

A *Stop Ecocide International* administra o site *Ecocide Law*, um projeto colaborativo entre a *Stop Ecocide Foundation*, o *Promise Institute for Human Rights* na Faculdade de Direito da UCLA e o *Human Rights Consortium, School of Advanced Study, University of London*. Trata-se de um centro de recursos abrangente que disponibiliza regularmente uma coleção atualizada de materiais relacionados à

legislação de "ecocídio", incluindo definições, histórico, publicações, pesquisas, leis existentes e cobertura midiática, com objetivo de oferecer acesso a informações, ações e pesquisas sobre o uso do direito penal internacional para proteger o meio ambiente e promover o desenvolvimento de um novo crime internacional de ecocídio. No entanto, o termo divulgado com a definição acima, nem sempre foi difundido nesse delineamento atual (STOP ECOCIDE INTERNATIONAL, 2023).

As discussões em torno do conceito iniciaram-se em 1970, quando o professor Arthur W. Galston cunhou o termo ecocídio na Conferência sobre Guerra e Responsabilidade Nacional em Washington. Nesta conferência ele propôs ainda um novo acordo internacional para banir o ecocídio. Em 1972, as discussões em torno do conceito se tornaram mais intensas com a Guerra do Vietnã, onde os eventos ocorridos fizeram com que a guerra fosse referida como ecocídio pelo primeiro-ministro da Suécia, Olof Palme. No ano seguinte, em um de seus artigos publicados, o professor Richard Falk propôs uma Convenção Internacional sobre o Crime de Ecocídio (ECOCIDE LAW, 2023).

Para Falk (1973), a guerra ambiental alerta para a importância de uma união global na abordagem dos desafios ecológicos para preservar a vida na Terra. Ela também recorda a necessidade de evitar que regiões mais avançadas possam retroceder para comportamentos prejudiciais, prejudicando áreas menos desenvolvidas. Portanto, ele argumenta a favor da importância de promover a criação de uma nova lei que compreenda as características únicas das mudanças recentes e que antecipe os riscos futuros.

Vivendo em um contexto de conflito em Indochina, Falks (1973) parte do pressuposto que todas as formas de guerra causam danos aos seres humanos e às suas criações, então, de certa forma, todas as guerras podem ser vistas como tendo um impacto no meio ambiente. Logo, ecocídio para o autor refere-se a qualquer um dos seguintes atos realizados com a intenção de perturbar ou destruir, parcial ou integralmente, um ecossistema habitado por seres humanos envolvendo: a) uso de armas de destruição em massa; b) uso de herbicidas químicos; c) uso de bombas e artilharia em quantidade; d) uso de equipamento de escavação para destruir extensão de florestas; e) uso de técnicas para aumentar ou diminuir a precipitação pluvial; e, f) a remoção forçada de animais ou seres humanos de seus locais de habitação (FALK, 1973).

Em 1978, a Subcomissão da ONU para a Prevenção da Discriminação e Proteção das Minorias recomendou a inclusão do termo 'ecocídio' na Convenção do Genocídio. A Subcomissão elaborou um estudo para a Comissão de Direitos Humanos da ONU, analisando a eficácia da Convenção do Genocídio e propondo a adição do ecocídio, juntamente com a reintrodução do genocídio cultural, à lista de atos proibidos (ECOCIDE LAW, 2023). Até então, é evidente o reconhecimento do ecocídio como um crime internacional de guerra, principalmente após a referência do professor Falk sobre a Guerra do Vietnã, estabelecendo pela primeira vez um conceito legal para essa forma de crime. Observa-se, assim, que a concepção inicial do ecocídio está intrinsecamente ligada a atos de guerra.

Em 2010, liderado pela advogada e escritora britânica Polly Higgins, o movimento *Eradicating Ecocide*, retomou essas discussões, apresentando um projeto para criminalizar o ecocídio como um crime contra a paz, a humanidade, a natureza e as futuras gerações, defendendo que ecocídio deveria ocupar o quinto lugar dentro dos conhecidos quatro crimes contra a paz: genocídio, crimes contra a humanidade, crimes de guerra e crimes de agressão. Esta nova definição não se limita a questões relacionadas a conflitos armados e busca a inclusão desse tipo de crime no Estatuto de Roma. Logo, a nova definição se aproxima mais de um discurso ambientalista.

A autora parte do pressuposto que durante períodos de conflito armado, é considerado um crime provocar danos que abranjam uma extensão superior a 200 km ou que tenham um impacto nos ecossistemas com duração superior a 3 meses, resultando em consequências graves para os recursos humanos, naturais ou econômicos. No entanto, em tempos de paz, tais prejuízos ocorrem rotineiramente em nossos solos e oceanos, seja como resultado das operações de empresas agroquímicas ou da indústria extrativa pesada (HIGGINS, 2013). Assim, Higgins (2013), argumenta que uma legislação de ecocídio deveria reconhecer a destruição ambiental e a degradação provocadas pela ação humana, independentemente de ocorrerem em tempos de guerra ou de paz, como um crime de responsabilidade objetiva, ou seja, sem a necessidade de comprovar intenção.

O termo "ecocídio" não é amplamente reconhecido como uma categoria ou campo de pesquisa estabelecido nas ciências sociais ou ambientais. Ele é mais comumente utilizado como um conceito ou uma categoria dentro de um campo de pesquisa maior, como o estudo dos impactos ambientais, ética ambiental, direito

ambiental ou justiça ambiental. O ecocídio, em sua essência, representa a antítese da vida. Ele pode surgir de fatores externos, como eventos imprevisíveis ou considerados como 'atos de Deus', como inundações ou terremotos. Além disso, pode ser o resultado da intervenção humana. A atividade econômica, especialmente quando ligada a recursos naturais, pode desencadear conflitos. Devido à sua própria natureza, o ecocídio resulta no esgotamento de recursos e, quando ocorre uma escalada nesse esgotamento, a guerra muitas vezes se segue (HIGGINS, 2015). Isto posto, atualmente o conceito de ecocídio é amplamente difundido como “Extensa destruição, danos ou a perda de ecossistema(s) de um determinado território, seja por ação humana ou por outras causas, a tal ponto que o gozo pacífico pelos habitantes desse território tenha sido severamente diminuído” (HIGGINS, 2015, tradução nossa).

Higgins (2015) chama a atenção para a existência de dois tipos de ecocídio: o natural e o causado pelo homem. Enquanto o primeiro, independentemente de estar relacionado à mudança climática, torna-se uma responsabilidade governamental, o segundo, provocado pelo ser humano, passa a ser uma responsabilidade compartilhada entre os governos e as empresas. Um ecocídio ainda pode ser classificado como determinável e não-determinável. O ecocídio determinável descreve a consequência, ou a consequência potencial, na qual ocorre a destruição, dano ou perda do território, e a responsabilidade da(s) pessoa(s) jurídica(s) pode ser estabelecida. Por outro lado, o ecocídio não-determinável ocorre quando a consequência, ou a consequência potencial, envolve a destruição, dano ou perda do território em si, porém, sem uma identificação específica da causa como sendo proveniente de uma atividade humana específica.

A destruição de vastas áreas do ambiente e dos ecossistemas pode ser provocada tanto de maneira direta quanto indireta por diversas atividades, como testes nucleares, exploração de recursos naturais, práticas de extração, descarte de substâncias químicas prejudiciais, uso de desfolhantes, emissões de poluentes ou conflitos armados. Um exemplo notório de ecocídio que pode ser confirmado e afeta extensas regiões é o desmatamento da Floresta Amazônica, por exemplo. No entanto, para efeitos de caracterização do crime de ecocídio, a definição de 'dano' é um processo mais complexo, apesar de podermos determinar 'destruição' e 'perda' com base em dados (HIGGINS, 2015). Por isso Higgins (2015) afirma ser necessário

realizar uma avaliação para compreender a extensão da 'destruição', 'dano' ou 'perda' envolvida.

Isto posto, compreende-se nesta pesquisa as organizações como um dos diversos atores propensos a violar as disposições legais, o que pode levá-las a cometer crimes como o ecocídio. Isso ocorre devido à sua conformação dentro de um sistema que envolve uma relação direta com a economia capitalista, a sociedade e a exploração do meio ambiente para a produção. As organizações estão mais inclinadas a violar os direitos da sociedade e sua relação com o ambiente. Portanto, as organizações encontram oportunidades criminais devido ao fato de haver potencial atraente, uma vez que não há uma supervisão eficaz.

É por essa razão que Higgins (2013) defende a não necessidade de comprovar intenção. Para ela, uma legislação internacional de ecocídio que exige a intenção como elemento essencial do crime cria uma lacuna legal que permite escapar da responsabilidade com base na alegação de que os danos ou a destruição em grande escala não foram intencionais.

A maior parte do ecocídio corporativo não é intencional; muitas vezes é considerado um dano colateral ou um acidente. Onde a intenção ou o conhecimento são necessários, muitas corporações se escondem atrás da defesa de que não sabem o que está acontecendo ou o que pode acontecer. Assim, a defesa “eu não sabia” seria vigorosamente apresentada por praticamente todas as empresas. O que é reconhecido por esta proposta é que muito raramente as corporações pretendem causar danos e destruição em massa; ao contrário, é uma consequência. Imputar responsabilidade estrita é imputar responsabilidade. De acordo com a legislação atual, há muito pouco ônus para as empresas prestarem contas (HIGGINS, 2013, p. 262, tradução nossa).

Sabe-se que a proteção ao meio ambiente varia internacionalmente e existem leis sobre ecocídio já instauradas ao redor do mundo, no entanto, adotar uma lei progressista não significa que o estado que a aprova, seja necessariamente uma democracia progressista. De acordo com o site *Ecocide Law* (2023), por exemplo, países como Equador, Vietnã, Uzbequistão, França, Rússia, Cazaquistão, República do Quirguistão, Tajiquistão, Geórgia, Bielorrússia, Ucrânia, Moldávia e Armênia têm uma lei de ecocídio.

Já no contexto brasileiro, é a Lei de Crimes Ambientais que tem como objetivo proteger o meio ambiente e a saúde humana, bem como punir aqueles que praticam atividades que possam causar danos ao meio ambiente. A seção III da Lei 9.605 de

12 de fevereiro de 1998 trata da poluição e outros crimes ambientais, como por exemplo o artigo 61, que trata do transporte de produtos perigosos em desacordo com as normas estabelecidas pelos órgãos competentes, e o artigo 62, que dispõe sobre a poluição hídrica por lançamento de resíduos ou substâncias em desacordo com as exigências estabelecidas em lei. É no artigo 54 que se descreve que causar qualquer poluição que possam ou resultem em danos à saúde humana pode levar a uma pena de reclusão, de um a quatro anos, e multa. Já se o crime for culposo, inciso primeiro, a pena consiste em detenção de seis meses a um ano (FIORILLO; CONTE, 2012). Ainda no artigo 54, temos que

§ 2º Se o crime:

I - tornar uma área, urbana ou rural, imprópria para a ocupação humana;

II - causar poluição atmosférica que provoque a retirada, ainda que momentânea, dos habitantes das áreas afetadas, ou que cause danos diretos à saúde da população;

III - causar poluição hídrica que torne necessária a interrupção do abastecimento público de água de uma comunidade;

IV - dificultar ou impedir o uso público das praias;

V - ocorrer por lançamento de resíduos sólidos, líquidos ou gasosos, ou detritos, óleos ou substâncias oleosas, em desacordo com as exigências estabelecidas em leis ou regulamentos:

Pena - reclusão, de um a cinco anos.

§ 3º Incorre nas mesmas penas previstas no parágrafo anterior quem deixar de adotar, quando assim o exigir a autoridade competente, medidas de precaução em caso de risco de dano ambiental grave ou irreversível (BRASIL, 1998).

Os crimes ambientais são identificados através de diversas características e de diversas formas, podendo ter consequências desastrosas. Entre eles, podemos encontrar o descarte impróprio do lixo, de materiais radioativos, descarga de substâncias perigosas, caça indevida ou exploração da flora, fauna e de recursos naturais. Pesquisas e análises sobre danos ambientais ao avançarem contribuem para o que tem se aprendido sobre crimes ambientais. Teorias e investigações criminais formam uma importante linha de questionamentos, “especialmente impulsionadas por problemas de crimes do colarinho branco” (SHOVER; ROUTHE, 2005, p. 322, tradução nossa). Dessa forma, tem-se o conceito de crime corporativo, que pode ser considerado como uma ação ou omissão ilegal, socialmente prejudicial produzida por atores “envolvidos em estruturas organizacionais e

interorganizacionais, na busca de objetivos corporativos de uma ou mais corporação de negócios, resultando em prejuízos imateriais ou materiais aos seres vivos e às atividades humanas” (MEDEIROS; SILVEIRA, 2017, p. 41).

Não há medidas que dão a certeza de ser punido devido ao meio ambiente, por isso, o controle dos crimes corporativos ambientais somente será possível com o controle das organizações. Por isso, deve-se superar a alienação humana da natureza em uma forma holística para que se crie uma motivação em reestruturar a sociedade e as organizações, alinhando-as de acordo com a realidade da natureza, uma vez que a natureza humana e suas ações é em grande parte o responsável pelas tendências ecologicamente destrutivas (KASPER, 2009). De fato, a investigação dos crimes ambientais e de ecocídio é uma área complexa e que requer uma abordagem multidisciplinar.

É importante ressaltar que a distinção entre ecocídio e crime ambiental é crucial para compreendermos a gravidade das ações que afetam o meio ambiente. O crime ambiental, como o descarte de óleo no esgoto comum, refere-se a infrações mais específicas que prejudicam o ambiente em menor escala. Embora esses atos sejam prejudiciais e merecem punições, eles não chegam ao nível de devastação ecológica associado ao ecocídio. O ecocídio envolve a destruição em larga escala de ecossistemas inteiros, desmatamento em grande escala, poluição grave, levando à perda irreparável da biodiversidade, à degradação do solo e da água, à emissão massiva de poluentes e ao comprometimento do equilíbrio ambiental. Ele representa uma ameaça existencial para o planeta, uma ofensa de magnitude muito maior e com consequências a longo prazo significativas (HIGGINS, 2013; FIORILLO, CONTE, 2012).

É vital manter uma distinção clara entre tais conceitos para garantir que a gravidade de ações tão prejudiciais seja devidamente reconhecida e tratada. Se reduzir ambos os conceitos ao mesmo nível, perde-se a capacidade de diferenciar ações que têm impactos ecológicos enormes e de reconhecer a gravidade diferenciada das ações humanas em relação ao meio ambiente, subestimando, portanto o verdadeiro impacto de crimes graves contra o meio ambiente e prejudicando a eficácia do sistema legal em lidar com ameaças ambientais mais sérias. Portanto, é fundamental manter a diferenciação entre ecocídio e crimes ambientais para garantir que as infrações ambientais sejam avaliadas de acordo com

sua escala e impacto, permitindo que as respostas legais e sociais se ajustem adequadamente à gravidade das transgressões.

Desse modo, uma organização ecocida é caracterizada por suas ações ou práticas que causam danos significativos e irreversíveis ao meio ambiente, é aquela que coloca seus interesses econômicos acima da proteção do meio ambiente, causando danos graves e irreversíveis ao ecossistema. É fato que os custos, tanto financeiros, quanto humanos, de um ecocídio são enormes, gerando redução na qualidade de vida, ou até mesmo, transformando comunidades inteiras inabitáveis. Além disso, quando comparados os crimes agregados à indivíduos e às organizações, as taxas variam consideravelmente, pois preocupações quando relacionadas à questão financeira excedem qualquer justificativa para uma iniciativa de proteção ao meio ambiente. Apesar disso, assim como a comunidade, o Estado também pode escolher fechar os olhos aos comportamentos prejudiciais ao meio ambiente, ou então, decidir torná-los o foco. Para eles, a ausência de dados "disseminados rotineiramente sobre crimes ambientais torna mais difícil enfrentar os desafios impostos pelos crimes ambientais" (SHOVER; ROUTHE, 2005, p. 359).

Portanto, além dos aspectos jurídicos, é importante considerar os aspectos técnicos, científicos e socioeconômicos envolvidos em um ecocídio. O trabalho conjunto de especialistas em diversas áreas é essencial para a identificação, prevenção e punição dos responsáveis por tais ações. A proposta de tornar o ecocídio um crime internacional busca responsabilizar indivíduos, empresas e governos por ações que causem danos graves ao meio ambiente. Essa medida visa promover uma maior proteção ambiental, conscientizar sobre as consequências devastadoras da degradação ambiental e fornecer mecanismos legais para responsabilizar os infratores.

Atualmente, fora do contexto de guerra, não existe uma legislação que classifique como crime a destruição em larga escala ou a perda de ecossistemas. Estamos vivenciando uma situação em que o dano ambiental cotidiano causado pelas práticas que sustentam as economias, conforme elas operam atualmente, tornou-se algo aceitável e normalizado em nosso mundo. Uma legislação de ecocídio representará não apenas uma medida de último recurso, mas também estabelecerá um dever legal de precaução que todas as nações devem seguir para evitar danos

ambientais (HIGGINS, 2013). Assim, fundamentados as teorias apresentadas, os métodos para a construção desta pesquisa serão exibidos na próxima sessão.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem o propósito de fornecer esclarecimentos sobre os aspectos metodológicos que caracterizaram a pesquisa proposta. Os procedimentos metodológicos adotados foram apresentados levando em consideração os objetivos da pesquisa, tanto os gerais quanto os específicos. De maneira geral, a problemática da pesquisa foi respondida por meio de uma abordagem qualitativa e de uma pesquisa descritiva para atender aos objetivos estabelecidos. Em relação aos procedimentos técnicos, ela é uma pesquisa documental da qual se utiliza de uma análise de narrativas.

3.1 ORIENTAÇÃO ONTO-EPISTEMOLÓGICA

Esta pesquisa foi realizada através de uma lente teórica Bourdieusiana. Sendo assim, o posicionamento epistemológico-teórico deve estar alinhado com o autor. Bourdieu, após a sua missão na Argélia em 1955, treinou a si próprio em antropologia, sociologia e estatística, tornando-se aos poucos um antropólogo. Bourdieu se preocupava em unir a teoria à observação, passando para os estudos sociais na tentativa de compreender as complexidades da realidade social (WACQUANT, 2002).

Ao lutar contra alternativas dualistas, Bourdieu encontra na flexibilidade a condição para superar tais dualismos. Por isso, em seus estudos ele considera a história como base para sua teoria, possuindo uma dupla visão de história que ele conceitua como história reificada e história incorporada. Assim, sua ontologia é considerada historicista. A noção de ontologia está preocupada com a natureza da existência, com o que é e com a estrutura da realidade como tal, sendo, portanto, o estudo do ser (CROTTY, 1998).

A noção de ontologia historicista advém do qual substituiria divisões, como entre indivíduo e sociedade ou entre subjetivo e objetivo com a história dupla comprometendo um componente corporal – comportamento e percepção - e um componente institucional – história objetivada de instituições específicas e formações sociais (SIEMON, 1997). Dessa forma, a história reificada se refere ao fato que aconteceu, a história contada ao longo do tempo, concebida como verdade e, portanto, acumulada nas estruturas. Já a história incorporada trata-se da história não

contada, mas vivida e incorporada pelos agentes (BOURDIEU, 2012). Para tanto, a ontologia historicista, segundo Bourdieu, desafia e contesta a história reificada.

O autor, que buscou estudar trajetórias históricas, lida com a epistemologia histórica. A epistemologia está preocupada em dar uma base filosófica para decidir os tipos de conhecimentos. Trata-se da teoria do conhecimento dentro da perspectiva teórica, e assim, na metodologia. Essa perspectiva teórica descreve a maneira de olhar o mundo e dar sentido a ele, envolvendo conhecimento e incorporando o conhecer, como sabemos o que sabemos (CROTTY, 1998).

Considerando que na praxiologia é inviável separar a ação do agente de suas redes de relações sociais e das condições objetivas de sua existência, Bourdieu recorre ao estruturalismo e ao construtivismo como fundamentos para legitimar o estudo científico do mundo social, não reduzindo-a a uma física social nem a uma fenomenologia. Assim, a partir da perspectiva estruturalista, muitas vezes obscurecida pelas abordagens funcionalistas, Bourdieu se baseia amplamente em Saussure e Lévi-Strauss, argumentando que existem estruturas objetivas no mundo social, não apenas nos sistemas simbólicos como linguagem e mito, que são independentes da consciência e da vontade dos agentes, e capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações (BOURDIEU, 2002).

Por outro lado, pela visão construtivista, codificações são criadas por meio de critérios utilizados para controlar a realidade ou a validade de algo, não sendo absolutistas, mas sim emergindo de um consenso da comunidade em relação ao que é considerado "real", útil e significativo (LINCOLN, GUBA, 2006). Assim, as perspectivas aparentemente indissociáveis e contrastantes do construtivismo e do estruturalismo encontram-se em uma relação dialética e de dependência entre texto e contexto, onde as estruturas sociais são tanto produto das ações, pensamentos e percepções dos agentes, quanto os agentes estão submetidos ao controle das estruturas sociais. Sendo assim, quanto ao posicionamento epistemológico, Bourdieu afirma:

Se eu tivesse que caracterizar meu trabalho em duas palavras, ou seja, como se faz muito hoje em dia, se tivesse que lhe aplicar um rótulo, eu falaria de *constructivist structuralism* ou de *structuralist constructivism*, tomando a palavra "estruturalismo" num sentido daquele que lhe é dado pela tradição saussuriana e lévi-straussiana (BOURDIEU, 2004, p. 149).

Por estruturalista construtivista ou construtivista estruturalista compreende-se que existem estruturas objetivas que independem da vontade dos agentes e esquemas de percepção integrada pelo *habitus* e pelas estruturas sociais, nomeados campos, grupos e classe sociais (BOURDIEU, 2004). A ontologia e a epistemologia, juntas, informam “a perspectiva teórica, pois cada perspectiva teórica incorpora uma forma de entender o que é, bem como uma maneira de entender o que significa saber” (CROTTY, 1998, p. 10).

3.2 CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA

O problema de pesquisa foi respondido por uma abordagem qualitativa. Essa abordagem tem como objetivo compreender os fenômenos específicos e delimitáveis pelo grau de complexidade interna (MINAYO; SANCHES, 1993). A pesquisa qualitativa surge nos anos de 1970 como um movimento reformista no meio acadêmico, movimento que englobou diversas críticas epistemológicas, metodológicas, políticas e éticas. Trata-se de um campo que pode ser definido em muitas coisas ao mesmo tempo, tendo um enfoque multiparadigmático, que consiste em “um conjunto de regras práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Portanto, pesquisadores qualitativos estudam as coisas e seus cenários naturais, na busca pela compreensão e/ou interpretação dos fenômenos em relação aos significados que as pessoas conferem à eles. Os pesquisadores, ainda, ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a sua relação profunda com o que é estudado e suas limitações (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Segundo Deslauriers e Kérisit (2008), a pesquisa qualitativa enfatiza o campo, não apenas como reservatório de dados, mas também como fonte de novas questões, ora surpreendentes, ora mais pertinentes e mais adequadas do que aquelas que ele as indagava no início. Flick (2014) ressalta que a análise qualitativa dos dados é a classificação e interpretação de materiais linguísticos para anunciar dimensões e estruturas de criação de significado. De acordo com ele, a pesquisa qualitativa tem sofrido grande proliferação nas últimas décadas devido à diversas maneiras de comunicação e documentação de experiências sociais e individuais. A pesquisa qualitativa, para Richardson (2014, p. 90), “pode ser caracterizada como a tentativa

de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”.

Já os objetivos foram atendidos por uma pesquisa descritiva. A pesquisa descritiva busca identificar as correlações possíveis, na evidenciação e análise dos fatos, assim descrevendo-os e interpretando-os. Ela é uma análise aprofundada na realidade em que se pesquisa, e, portanto, exige um rigoroso planejamento quanto à metodologia - métodos e técnicas de coleta e a interpretação dos dados - bem como uma série de informações sobre o que será pesquisado (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Logo, a estratégia metodológica desta pesquisa se resume no problema sendo respondido por abordagem qualitativa e os objetivos sendo atendidos por uma perspectiva descritiva.

Por meio desta pesquisa, buscou-se explorar os elementos que compõem os objetos de estudo a fim de angariar mais conhecimento e incorporar características inusitadas, novas dimensões até então pouco conhecidas, com a intenção maior de proporcionar avanços e enriquecimentos científicos no tema estudado. Por conseguinte, para fornecer uma análise do cenário e dos meios envolvidos no fenômeno estudado, foram necessários investigar as narrativas elucidadas por uma organização que se envolveu em um dos maiores desastres ambientais criminosos ocasionado pelo rompimento da barragem Mariana (MG), com intuito de compreender seus aspectos subjetivos e interpretar a construção narrativa sobre tal ecocídio a partir da própria organização, a Samarco Mineração S.A. e de mídias internacionais. Assim sendo, o próximo tópico apresentará o lócus da pesquisa.

3.3 ACESSANDO AS INFORMAÇÕES NA REALIDADE

As informações relevantes para resposta do problema de pesquisa apresentado, bem como para o alcance dos objetivos definidos, foram coletadas via documentos. A pesquisa documental guarda semelhanças com a pesquisa bibliográfica, sendo a principal delas decorrente da natureza das fontes utilizadas. Enquanto a pesquisa bibliográfica se baseia em fontes secundárias, a pesquisa documental emprega fontes primárias, que consistem em materiais compilados pelo

próprio autor do trabalho e que ainda não foram objeto de análise, ou que podem ser reelaborados de acordo com os propósitos da pesquisa (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

A fim de alcançar as informações provenientes da realidade, a escolha do instrumento para a coleta de dados deve estar de acordo com os objetivos pretendidos pelo pesquisador. Uma vez que o objetivo estabelecido para a pesquisa foi: O que a Samarco Mineração quer dizer quando fala sobre o ecocídio de Mariana (MG)? As informações a serem selecionadas para compor o percurso científico se deu por meio de fontes documentais. A coleta de dados para pesquisa, portanto, foi a pesquisa documental. A pesquisa documental é realizada através de informações obtidas de maneira indireta, seja por livros, papéis oficiais, fotos e outros (GIL, 2008). De acordo com Gil (2008) a análise documento possui vantagens como possibilitar o conhecimento do passado, bem como a investigação dos processos de mudança e favorecer a obtenção de dados com 'baixo custo', em outras palavras, sem o constrangimento de sujeitos. Esses benefícios estão em linha com o objetivo de analisar as mudanças organizacionais propostas neste estudo.

Além disso, foram selecionadas revistas para compor análise desta pesquisa, com intuito de identificar os paradoxos que permeiam entre as narrativas da Samarco Mineração S.A e as narrativas das revistas. A opção pela análise das revistas selecionadas representa uma escolha metodológica embasada na relevância, autoridade e influência dessas publicações. Ao direcionar a investigação para essas revistas de renome, pretende-se alcançar uma compreensão mais ampla das discussões levantadas com relação à empresa e ao ecocídio. Essas revistas frequentemente desempenham o papel de vitrine por serem as maiores. Portanto, ao analisar essas revistas de destaque, buscou-se capturar uma visão considerável do conhecimento sobre o ecocídio ocorrido em Mariana (MG) internacionalmente.

Com base nisso, foram selecionados os seguintes documentos para a coleta de dados:

- *Relatórios de Sustentabilidade da Samarco Mineração S.A. após o ecocídio de 2015;*
- *Publicações no site institucional da Samarco Mineração S.A;*

- *Vídeos institucionais publicados no canal do Youtube da Samarco Mineração S.A. que diz respeito ao ecocídio;*
- *Matérias que tivessem o ecocídio como tema da revista internacional The New York Times e que tivessem citado a Samarco Mineração S.A.;*
- *Matérias que tivessem o ecocídio como tema da revista internacional Le Monde e que tivessem citado a Samarco Mineração S.A.*
- *Matérias que tivessem o ecocídio como tema da revista internacional The Guardian e que tivessem citado a Samarco Mineração S.A.*
- *Matérias que tivessem o ecocídio como tema da revista internacional Deutsche Welle e que tivessem citado a Samarco Mineração S.A.*
- *Matérias que tivessem o ecocídio como tema da revista internacional Al Jazeera e que tivessem citado a Samarco Mineração S.A.*

Apresentando os dados que foram analisados, no próximo tópico estão as orientações temáticas seguida da técnica adotada para a análise destes.

3.4 ORIENTAÇÕES TEMÁTICAS

Esta seção tem como objetivo apresentar os conceitos mais relevantes para a realização da pesquisa trazidos no referencial teórico. Neste trabalho, a partir do tema ecocídio, buscou-se discernir, por meio de narrativas midiáticas e da Samarco Mineração S.A., o falar e o dizer da Samarco Mineração S.A. sobre o ecocídio de Mariana/MG. Para tanto, a seleção das narrativas, juntamente com os documentos pesquisados e analisados, foi realizada com base na sociologia bourdieusiana guiados pelas seguintes orientações temáticas:

Quadro 01 – Orientações temáticas

CONCEITOS	ORIENTAÇÃO TEMÁTICA
Falar	É objetivo e contextualizado por meio de palavras por meio do uso da linguagem. O falar representa aquilo que está escrito e/ou na enunciação de palavras presentes nas notícias circuladas nas revistas, nos relatórios, vídeos institucionais no canal do YouTube e nas redes sociais da Samarco.
Dizer	São os aspectos subjetivos da linguagem, a partir da atribuição de sentidos às palavras, envolvendo a capacidade interpretativa. O dizer se encontra por trás daquilo que foi enunciado nas notícias e nas grandes mídias.
Doxa	O discurso dominante compartilhado que é aceito, naturalizado e compartilhado pela Samarco e/ou pelas mídias selecionadas, narrativas de acordo com esse discurso (ortodoxia), narrativas em desacordo com esse discurso (heterodoxia), narrativas que não têm o conhecimento adequado desse discurso (alodoxia) e narrativas enunciadas de forma rebuscada para dar credibilidade a um discurso ao utilizar-se de conhecimento/termos científicos (doxosofia).
Ecocídio	Destruição extensiva, danos ou a perda de ecossistema(s) de um determinado território, seja por ação humana ou por outras causas, a ponto de diminuir significativamente o desfrute pacífico pelos habitantes desse território.

Fonte: elaborado pela autora por meio das contribuições de Bourdieu (2004, 2008); Higgins (2015) e Vasconcelos (2004).

3.5 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A pesquisa desenvolvida discorre sobre os paradoxos entre os documentos da Samarco e as narrativas midiáticas internacionais sobre o ecocídio ocorrido em Mariana (MG). A Samarco é uma empresa que possui capital fechado, sendo uma joint venture da Vale S.A. e BHP Billiton. Fundada no ano de 1977, a empresa atua no segmento de mineração no Brasil com sede em Belo Horizonte (MG) atualmente, porém com unidades operacionais tanto em Minas Gerais como no Espírito Santo. Seu principal produto são as pelotas de minério de ferro, responsável pela produção de aço pela indústria siderúrgica (SAMARCO, 2023).

No ano de 2015, especificamente dia 05 de novembro, a Samarco foi a responsável pelo rompimento da barragem de Fundão no Complexo Germano na cidade de Mariana (MG). Tal rompimento causou a morte de 19 pessoas e 32,6 milhões de metros cúbicos de rejeito espalharam-se, chegando à barragem de Santarém e atingindo o distrito de Bento Rodrigues, 8 quilômetros de distância de Fundão. A lama de rejeitos ainda atingiu os rios Gualaxo do Norte, o que impactou a

cidade de Barra Longa, atingindo o rio Doce. Somente ao chegar na Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, Candonga, parte dos rejeitos foram contidos no barramento e na área de seu reservatório. A outra parte dos rejeitos foram carregados além de tal reservatório, diluindo-se pelo rio Doce até chegar no Espírito Santo, no distrito de Regência na cidade de Linhares (SAMARCO, 2023).

Diante desse cenário, após 5 anos do ecocídio, a mineradora entrou com a solicitação de recuperação judicial no dia 9 de abril de 2021. A recuperação judicial acontece quando a organização tem dificuldades financeiras e tem como objetivo evitar o agravamento da situação, o que pode levar à uma falência. Sabe-se que organizações, bem como a Samarco sofre exigências legais e sociais para agir de maneira responsável, fornecendo vantagens como poder e reconhecimento quando certas medidas são adotadas. Isto posto, a pesquisa desenvolvida trabalhou neste contexto: o ecocídio do qual a empresa Samarco é culpada. Este estudo voltou os olhos, por meio de uma perspectiva bourdieusiana, aos documentos publicados e às narrativas midiáticas publicadas internacionalmente, visto que a comunicação provocada pela linguagem inclui a relação entre poder e poder simbólico e, posteriormente, o exercício da violência simbólica (BOURDIEU, 2008).

Sendo assim, para esta pesquisa os paradoxos entre os documentos da organização e as narrativas midiáticas internacionais sobre o ecocídio em Mariana (MG) são relevantes. Logo, a análise escolhida e coerente para a epistemologia desta pesquisa foi a análise de narrativas, estando alinhada com o posicionamento teórico-epistemológico do autor principal, Bourdieu. As narrativas possibilitam que o pesquisador explore a experiência vivida em um contexto estruturado, de forma abrangente. Para ser considerada uma narrativa, ela é caracterizada por ter uma delimitação inicial, que desencadeia uma série de eventos selecionados a partir da experiência como um todo e apresentados de maneira coerente. Esse processo visa revelar como a situação se desenvolveu ao longo do tempo, culminando na apresentação da situação final alcançada (FLICK, 2009).

Por conseguinte, foi realizada uma análise das narrativas retiradas dos documentos selecionados. Uma narrativa pode ser interpretada a partir de diversas fontes, sendo entendida como uma acumulação de acontecimentos, uma sequência de eventos que indicam um tipo de causalidade e ação, e assim permitindo abordar a experiência vivida (CZARNIAWSKA-JOERGES, 1995). Barthes (2011) argumenta

que uma narrativa participa da frase, mas não se reduz a uma soma delas, ela é uma grande frase, em que as principais categorias dos verbos - tempos, aspectos, modos e pessoas- encontram-se com efeito na narrativa. Ela pode ser sustentada pela “linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela [...] e está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades” (BARTHES, 2011, p. 19). Barthes (2011) ainda propõe a distinção de uma obra narrativa em níveis de descrição: o das funções, o das ações e o da narração.

Ao considerar que a narrativa é construída durante uma trajetória, sua compreensão se torna possível de alcançar uma vez que “o homem é em suas ações e prática, bem como em suas ficções, essencialmente um animal que conta histórias” (MACINTYRE, 1981, p. 216). Esin, Fathi e Squire (2014) entendem a análise de narrativas como um método analítico que possui em si várias abordagens, a qual provê ao pesquisador uma ferramenta que compreende diferentes níveis de análise das histórias contadas envolvidas. A esta abordagem, os autores chamaram de análise construcionista da narrativa.

O construcionismo se refere a uma abordagem social para compreender um fenômeno, no caso, a narrativa, que busca examinar os fatores que contribuíram para a construção da história entre o emissor e o receptor da narrativa (ESIN; FATHI; SQUIRE, 2014). Na pesquisa social, há a compreensão de que a narrativa é um meio pelo qual se tem acesso à ação e à experiência humana, reconhecendo que a história não é encontrada pronta, mas sim construída (MERRIAM, 2009). Nesse sentido, é importante identificar a trajetória dos eventos e fatos e compreender como se estabelece a relação com o objeto de interesse na pesquisa (FLICK, 2009).

Na coleta dessas informações, é importante esclarecer, sob a perspectiva da análise construcionista de narrativas, o que é uma narrativa socialmente orientada. A narrativa socialmente orientada, ou construcionista, difere da narrativa individualmente orientada, que se refere às expressões e representações derivadas do estado interno do indivíduo. A abordagem construcionista da narrativa não descarta completamente o aspecto individual da narrativa, mas está mais interessada na forma como essa narrativa foi socialmente produzida. Dessa forma, a narrativa é considerada como um fenômeno social (ESIN; FATHI; SQUIRE, 2014).

Segundo Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2000), esta pesquisa rejeita a codificação do tipo ideal na análise social. De acordo com eles (2000), a construção metodológica leva em consideração a diferença entre o objeto real e o objeto da ciência nas pesquisas sociais. O primeiro, objeto real, é considerado pré-construído por meio da assimilação compartilhada na realidade socialmente construída, enquanto o segundo, objeto da ciência, é idealizado metodicamente e intencionalmente a partir de diversas relações com o objeto real. Portanto, neste estudo, as enunciações da Samarco Mineração S.A. e as fontes midiáticas selecionadas em relação ao rompimento da barragem de Mariana foram interpretadas e analisadas como objeto real.

Sendo assim, a pesquisa buscou discernir o falar e o dizer da Samarco Mineração sobre o ecocídio em Mariana (MG). Para tanto, o quadro 2 foi elaborado com o intuito de apresentar como foi conduzida a análise de narrativas, apresentando a partir das ações teóricas e do trabalho científico desenvolvido com base no aporte teórico, cada uma das etapas.

Quadro 02 – Etapas da Análise de narrativas

	AÇÕES TEÓRICAS	TRABALHO CIENTÍFICO DESENVOLVIDO A PARTIR DA TEORIA CONSTRUÍDA POR MEIO DELE
Etapa I	Fornecer embasamento teórico para o debate sobre os conceitos de falar, dizer, doxa, ortodoxia, heterodoxia, alodoxia, doxosofia e ecocídio, por meio da sociologia bourdieusiana.	Explorar as narrativas da Samarco, dentro dos limites estabelecidos e diretrizes temáticas propostas, relacionadas ao ecocídio.

Etapa II	Ao considerar elementos como espaço, tempo e autoria, situar o contexto do documento a ser estudado e analisado.	Realizar uma análise das semelhanças e diferenças entre as narrativas apresentadas nas revistas internacionais e pela Samarco. Investigar o contexto histórico e temporal em que os vídeos, relatórios da Samarco, bem como as notícias pesquisadas e analisadas, foram produzidos.
Etapa III	Compreender o que acontece e como acontece.	Através da leitura dos documentos, identificar as narrativas empregadas tanto pela Samarco Mineração S.A quanto pelas mídias internacionais em relação ao ecocídio, bem como compreender como essas narrativas foram formuladas e apresentadas.
Etapa IV	Promover a prática da escuta dialógica, concentrando-se na narrativa apresentada pelo narrador e integrando teorias e conceitos pertinentes à pesquisa, a fim de estimular reflexões e oferecer explicações adequadas.	Considerando quais foram e como foram as narrativas midiáticas das revistas e da Samarco sobre o ecocídio, detectar nestas narrativas o falar, dizer, <i>doxa</i> , ortodoxia, heterodoxia, alodoxia e a doxosofia.
Etapa V	Realizar uma análise das informações e interpretá-las com base em uma compreensão pessoal, evitando a necessidade de fazer afirmações gerais e absolutas ou de realizar descrições categóricas.	Identificar, a partir de narrativas enunciadas, o falar, o dizer e a doxa sobre o ecocídio de Mariana/MG.

Fonte: elaborado pela autora a partir das contribuições de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2000).

Com base nisso, o objetivo da pesquisa foi discernir o falar e o dizer por meio das narrativas fornecidas pela Samarco Mineração S.A. e pelas fontes midiáticas. Este estudo busca identificar as estratégias discursivas utilizadas para ocultar os verdadeiros interesses da organização. Assim, após a fundamentação dos métodos

utilizados para a elaboração desta pesquisa, as análises relacionadas à mineradora e às fontes midiáticas serão apresentadas na próxima seção.

4 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo tem o propósito de oferecer uma análise dos documentos compilados para esta pesquisa. Essa compilação engloba oito relatórios de sustentabilidade da empresa Samarco Mineração S.A., treze vídeos institucionais publicados no canal oficial da empresa no YouTube. Adicionalmente, são consideradas notícias veiculadas em revistas selecionadas que abordam o ecocídio ocorrido em Mariana (MG), sendo 7 notícias do Al Jazeera, 36 da Deutsche Welle, 19 do Le Monde, 22 do The Guardian e 5 do The New York Times. Para tanto, este capítulo foi organizado da seguinte maneira: primeiro as narrativas que se referem ao rompimento apresentadas de acordo com os documentos da Samarco, seguido pelas narrativas das revistas e, então, o falar e o dizer da Samarco e da fontes midiáticas internacionais.

4.1 SAMARCO MINERAÇÃO S.A.

A Samarco Mineração S.A., fundada em 1977, é uma empresa brasileira que atua no setor de mineração. Seu principal produto são as pelotas de minério de ferro, que são exportadas para a indústria siderúrgica em países do Oriente Médio, Europa, Ásia e Américas. Com 44 anos de experiência no segmento mineral, a empresa alcançou a 12ª posição na lista das maiores exportadoras do Brasil em 2015. Suas unidades operacionais incluem a Germano, localizada em Mariana (MG) e Ouro Preto (MG), e a Ubu, situada em Anchieta (ES). De acordo com informações do site institucional da empresa, a Samarco baseia sua atuação em valores como propósito, respeito às pessoas, integridade, mobilização para resultados e segurança (SAMARCO, 2023).

Em novembro de 2015, a Samarco Mineração S.A. suspendeu suas operações devido ao colapso da barragem de Fundão, localizada na unidade Germano em Mariana, que ocorreu no dia 5 deste mesmo mês. Os danos e consequências resultantes foram de uma magnitude extraordinária, afetando significativamente tanto o meio ambiente quanto a sociedade. De acordo com o proposto por Higgins (2015), ecocídio é determinado como uma “extensa destruição, danos ou a perda de ecossistema(s) de um determinado território”. Considerando que o ocorrido resultou

em 19 mortes imediatas e no derramamento de aproximadamente 50 milhões de metros cúbicos de resíduos minerais no Rio Doce, e que este percorreu uma extensão de cerca de 600 quilômetros até atingir o litoral do estado do Espírito Santo, o caso de Mariana se encaixa na definição de ecocídio proposto pela autora.

Vale a pena observar que as conversas sobre sustentabilidade já estavam em andamento dentro da empresa antes desse acontecimento. Isso fica evidente ao analisar os vídeos publicados no canal do YouTube da empresa em 2010, nos quais o tema da sustentabilidade era abordado com a participação de seus representantes, diretores e gerentes. Em um desses vídeos, Eduardo Bahia, diretor financeiro, enfatizou a relevância de debater a sustentabilidade em uma empresa envolvida na exploração de recursos naturais, reconhecendo os inevitáveis impactos sociais e ambientais associados a esse tipo de atividade. Ele ressaltou o desafio de conciliar a busca pelo lucro com a responsabilidade ambiental e social, sublinhando que a compreensão e a adoção da ideia de sustentabilidade por parte dos funcionários em seu cotidiano eram cruciais para alcançar esse equilíbrio (SAMARCO MINERAÇÃO, 2010).

No ano de 2015, quando ocorreu o rompimento, a empresa declarou agir com prontidão, concentrando seus esforços na assistência às vítimas, seus familiares e as comunidades afetadas. Além disso, se comprometeu a prestar esclarecimentos às autoridades e aos órgãos competentes. A Samarco Mineração S.A. emitiu relatórios de sustentabilidade abrangendo os anos seguintes, ou seja, 2015 e 2016, nomeando como relatório bienal, diferentemente dos anos anteriores. De acordo com a empresa, o rompimento de barragens representava um dos principais riscos inerentes ao seu negócio, e o desastre resultante marcou profundamente sua história, colocando em xeque sua reputação, licenças de operação e até sua própria continuidade. A empresa também reconheceu o desafio significativo de gerar recursos financeiros para manter os investimentos necessários na remediação e neutralização dos impactos ambientais, fornecendo, assim, os recursos necessários para a Fundação Renova (SAMARCO, 2015 e 2016).

No ano seguinte, especificamente em junho de 2016, a Fundação Renova foi estabelecida de acordo com o que estava previsto no Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC), assinado pelas empresas Samarco, Vale e BHP Billiton, suas acionistas. Segundo o relatório da Samarco, a Fundação deu

continuidade às ações que haviam sido iniciadas pela empresa a partir de agosto de 2016. Nesse mesmo ano, a empresa também destaca um aumento nas avaliações de risco, com o objetivo de não apenas promover a reparação e a compensação, mas também de retomar suas operações, cumprindo seus compromissos com as autoridades públicas e a sociedade (SAMARCO, 2015 e 2016).

Nos anos de 2015 e 2016, é evidente a significativa preocupação com a continuidade da empresa e sua retomada das atividades, como expresso em uma passagem localizada no Relatório de Sustentabilidade 2015-2016. Nessa narrativa, é destacado que “esse fato [...] marcou a história da Samarco, exigindo, assim, enorme capacidade de resposta e expondo a empresa a uma série de outros riscos, relacionados à reputação, às licenças de operação e à sua própria continuidade” e ainda acrescenta que

A Samarco entende que os custos computados referentes às ações emergenciais já empreendidas são apenas o começo de um extenso trabalho para recuperar todo o impacto causado. Por isso, para além das ações de reparação e compensação, pretende-se promover o retorno às operações da empresa e, com isso, cumprir com os compromissos assumidos com o poder público e a sociedade (SAMARCO, 2015 e 2016, p. 29).

No relatório que abrange o período de 2017 e metade de 2018, a Samarco Mineração S.A. nomeou seu relatório como um relatório de comunicação de progresso, reconhecendo neste que sua reputação sofreu abalos significativos. No entanto, a empresa continua direcionando seus esforços para projetos voltados à conformidade ambiental e à segurança de suas estruturas, incluindo a construção de diques para conter rejeitos (SAMARCO, 2017 e 2018). Com o objetivo de fortalecer sua imagem e transmitir uma mensagem de mudança, a Samarco revisa sua missão corporativa, removendo as referências ao desenvolvimento econômico e social, bem como ao respeito às pessoas e ao meio ambiente, que constavam em sua antiga missão apresentada no relatório de 2012. Em vez disso, a empresa incorpora valores como segurança, eficiência e inovação, destacando mais uma vez a importância da sustentabilidade como um pilar fundamental em sua estratégia.

O relatório publicado pela Samarco Mineração S.A. correspondente à segunda metade de 2018 e ao ano de 2019 também foi chamado de relatório bienal, sendo então o último, pois no ano seguinte - 2020 - o nome do mesmo voltaria a ser relatório de sustentabilidade. Nele, a empresa comenta em detalhes sobre o ocorrido em Mariana no dia 05 de novembro de 2015, em que 32,6 milhões de m³ de rejeitos

desceu de Fundão e ultrapassou a barragem de Santarém, estrutura que reteve grande parte dos rejeitos. Ela ainda acrescenta que o material vazado alcançou cerca de 680 km de corpos hídricos pertencentes à bacia hidrográfica, o que gerou a interrupção no fornecimento de água em nove cidades, além de ter resultado na morte de 19 pessoas (SAMARCO, 2018 e 2019).

Apesar disso, a Samarco Mineração S.A. afirma ter voltado todos os esforços ao resgate, buscando dar suporte integral às famílias das vítimas e adiciona que sua prioridade e de suas acionistas foi entender, tecnicamente, os motivos que levaram ao rompimento. Rodrigo Alvarenga Vilela, atual presidente da empresa, relata que jamais se esqueceram do ocorrido e que estão comprometidos em realizar uma mineração diferente e sustentável, para construir valor à população. Neste mesmo relatório, a Samarco Mineração S.A. declara entender ser necessário a construção de uma nova história para os compromissos assumidos, mas que já tem a documentação necessária para a retomada de suas operações (SAMARCO, 2018 e 2019).

Neste relatório, observa-se uma mudança significativa no posicionamento estratégico da Samarco em comparação com anos anteriores. Em 2012, a empresa tinha como missão central a produção e fornecimento de pelotas de minério de ferro, com uma ênfase notável na aplicação intensiva de tecnologia para otimizar o uso de recursos naturais. Essa missão era expressa como "produzir e fornecer pelotas de minério de ferro, aplicando tecnologia de forma intensiva para otimizar o uso de recursos naturais e gerando desenvolvimento econômico e social, com respeito às pessoas e ao meio ambiente" (SAMARCO, 2012, p. 15).

Entretanto, um redirecionamento estratégico ocorreu nos anos de 2017/2018, quando a missão da Samarco foi reformulada para se concentrar em "otimizar a transformação dos recursos minerais em valor para a sociedade, de forma segura, eficiente e inovadora, hoje e no futuro" (SAMARCO, 2017 e 2018, p. 14). Essa modificação na missão, evidenciada no relatório desse período, reflete a adaptação da empresa para priorizar a otimização da transformação de recursos minerais, com um foco específico em segurança, eficiência e inovação, alinhando-se às demandas contemporâneas e futuras da sociedade.

Em 2020, o relatório emitido pela empresa volta então a ser chamado de relatório de sustentabilidade, correspondendo portanto ao ano completo. Neste relatório, a empresa apresenta uma síntese do desempenho financeiro e não

financeiro, argumentando que o foco é “concretizar o propósito de fazer uma mineração diferente e reconstruir nossas relações com a sociedade” (SAMARCO, 2020). O relatório adere a metodologia e referências das Normas da Global Reporting Initiative (GRI) - organização internacional, sem fins lucrativos e que foi pioneira no desenvolvimento de uma estrutura para relatórios sustentáveis - opção de acordo Essencial, que engloba o mínimo de informações necessárias para que seja possível entender a natureza da organização; as diretrizes de Relato Integrado do International Integrated Reporting Council / Value Reporting Foundation (VRF); e os dez Mining Principles do Conselho Internacional de Mineração e Metais (ICMM, na sigla em inglês), argumentando também que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o Pacto Global são balizadores importantes para sua atuação.

No início do relatório, destaca-se o desafio significativo enfrentado, em parte devido ao impacto da pandemia de Covid-19 e também à interrupção de suas atividades por 5 anos, retomadas somente em dezembro do mesmo ano. Esses fatores influenciaram consideravelmente a magnitude dos indicadores ambientais e financeiros de acordo com a empresa. Ela enfatiza que o relatório aborda exclusivamente o escopo das atividades da Samarco, não se estendendo à Fundação Renova, responsável pelas áreas afetadas pelo rompimento da barragem. Consequentemente, as ações de reparação e compensação não são abrangidas pelo referido relatório (SAMARCO, 2020).

Em nota, o CEO Rodrigo Vilela destaca a atuação na Samarco no combate ao Covid-19 e reforça que a empresa segue comprometida com as ações emergenciais que contemplam o seu retorno gradual e seguro às atividades minerárias a partir de uma agenda de compromissos pelo desenvolvimento sustentável. Ele acrescenta que aproximadamente 200 contratações foram realizadas e que sua capacidade de produção segue em cerca de 7-8 toneladas de minério de ferro, o que representa 26% da sua capacidade produtiva total (SAMARCO, 2020).

O CEO da Samarco reitera o compromisso da empresa com a comunidade e as áreas afetadas, destacando o aporte de 1,33 bilhões de reais provenientes do apoio dos acionistas para iniciativas de reparação e compensação. Além disso, ele destaca a conclusão, em dezembro de 2020, das obras no Sistema de Disposição de Rejeitos Cava Alegria Sul e a implementação da tecnologia de filtragem de rejeito arenoso,

ambos localizados no Complexo Germano, o que garante, segundo ele, mais segurança no empilhamento a seco de 80% do rejeito gerado. Ainda segundo ele

Nossas lições aprendidas e valores nos guiaram até a retomada operacional e norteiam nosso propósito de fazer uma mineração diferente, mais segura e sustentável. Estamos atentos ao cenário atual, aos riscos que nos cercam – em aspectos como o regulatório/jurídico, o climático, entre outros – e, sobretudo, aos próximos desafios. Entre eles está a de reestruturar nossa estrutura de capital [...] (SAMARCO, 2020, p. 11).

A Samarco destaca que o 5 de novembro de 2015 deixará uma marca perene em sua história e na sociedade brasileira e que os impactos do rompimento da barragem foram cruciais para inúmeras lições aprendidas, levando a uma profunda reflexão no setor e a alterações fundamentais nas bases de segurança, estabilidade e controle de riscos do negócio. A empresa argumenta que, durante o período de paralisação, percorreram uma extensa jornada de preparação, amadurecimento, aprimoramento de sistemas e processos, obtenção de licenciamentos, e estabelecimento de diálogo contínuo com empregados, comunidades, clientes, fornecedores, autoridades públicas e a sociedade em geral e ainda afirma:

Faz parte da Nova Jornada da Samarco, construída nos últimos anos para dar sustentação ao processo de reconstrução de nosso propósito e identidade, um profundo senso de responsabilidade para com a reparação e compensação dos impactos decorrentes do rompimento da barragem de Fundão (SAMARCO, 2020, p. 60).

Por fim, o relatório conclui destacando que o rompimento da barragem gerou períodos de incerteza e apreensão em relação ao futuro, resultando em uma decisão difícil de reestruturar a empresa visando um retorno operacional com 26% de sua capacidade. Além disso, ressalta que a empresa mantém uma reputação sólida nas comunidades, mas o ocorrido desafiou-os a conquistar esse lugar de destaque na sociedade.

Com cada vez menos informações sobre o rompimento em seus relatórios, em 2021 a Samarco inicia destacando o fato de que continua atuando em 26% de sua capacidade. Desta vez, os indicadores abrangem o ano completo, ao contrário de 2020, quando as operações retomaram apenas em dezembro. o CEO da empresa reitera que a decisão de não operar com plena capacidade continua impactando seus indicadores operacionais e afirma:

Vivemos nesses últimos seis anos a transição de uma organização com operações paralisadas, cercada de incertezas quanto ao seu futuro, com enorme responsabilidade de financiar a reparação dos impactos causados

pelo rompimento da barragem de Fundão, para uma companhia motivada pelo compromisso de retomar as atividades operacionais buscando uma mineração diferente, adotando novas tecnologias para a disposição de rejeitos [...] (SAMARCO, 2021, p. 12).

Em uma situação desafiadora, a Samarco destaca que enfrenta uma considerável carga de dívidas adquiridas que foi agravada ainda mais após o rompimento da barragem. A empresa entrou com o pedido de recuperação judicial em abril de 2021, uma medida impulsionada por essas dívidas que foram acumuladas grande parte devido aos projetos de expansão da capacidade produtiva anteriores ao ocorrido. A Samarco reconhece novamente que o rompimento da barragem se tornou um evento marcante em sua história, mas reafirma o compromisso de reparação integral dos danos. Destaca que, imediatamente após o ocorrido, agiu de forma imediata e emergencial para mitigar os impactos nas comunidades afetadas. Além disso, reitera seu empenho em operar com plena capacidade até 2029 (SAMARCO, 2021).

No relatório de sustentabilidade de 2022, embora seja o mais extenso desde que retomou esse nome, observa-se que é o que aborda de maneira mais limitada o tema do rompimento até o momento. A empresa inicia esclarecendo que as ações de reparação decorrentes do ocorrido em Fundão continuam sendo coordenadas em conjunto com suas controladoras, através de mais de 40 programas implementados pela Fundação Renova. Ressalta-se ainda que para obter informações detalhadas, a divulgação é conduzida pela referida entidade (SAMARCO, 2022).

A empresa destaca que, ao longo do tempo, construiu relações sólidas com a comunidade e solidificou sua posição como referência global em pelotas de alto teor de minério de ferro, permitindo-a atender diversos players da indústria siderúrgica. No entanto, ressalta que sua história foi transformada pelo rompimento de Fundão em novembro de 2015, acarretando impactos socioambientais significativos nos estados em que opera e resultando na interrupção de suas atividades até dezembro de 2020 (SAMARCO, 2022).

Conforme comunicado pela Samarco (2022), após um extenso processo de licenciamento, diálogo com as autoridades e a sociedade, a empresa retomou suas operações com 26% de sua capacidade, adotando um novo modelo de disposição de rejeitos “com um propósito claro: fazer uma mineração diferente, mais segura e sustentável” (SAMARCO, 2022, p. 12). Logo, a trajetória da empresa teria sido

interrompida pelo rompimento da barragem de Fundão, mas experimentou um novo capítulo com seu retorno gradual às atividades no final de 2020.

De acordo com a empresa, esses impactos resultaram em lições aprendidas, desencadeando uma profunda reflexão sobre sua razão de ser, modo de operar e planejamento estratégico. Nesse processo, a Samarco revisou seus valores, missão e construiu uma identidade organizacional alinhada ao que denomina de "Nova Jornada da Samarco". Esse redirecionamento foi comunicado à sociedade como um posicionamento no contexto da retomada, definido como "Aprender para Evoluir e Transformar" (SAMARCO, 2022).

O Plano de Recuperação proposto pela Samarco foi elaborado com a premissa de que os imperativos financeiros fundamentais da empresa, incluindo os custos da Fundação Renova e a completa reparação de danos, não sofram impacto. Isso decorre principalmente do fato de que uma considerável parcela das dívidas da empresa está vinculada a financiamentos e recursos obtidos para projetos de expansão do negócio anteriores ao rompimento. Dessa forma, a Samarco destaca que o seu compromisso em remediar os impactos socioambientais e socioeconômicos resultantes do ocorrido em Fundão é um "habilitador e requisito para o negócio" (SAMARCO, 2022, p. 21).

Por fim, a Samarco elucida que, desde o rompimento, intensificou o diálogo com os fóruns institucionais, reconhecendo que sua trajetória está intrinsecamente ligada às comunidades nos 30 municípios mineiros e capixabas onde realiza suas atividades. Consciente desse vínculo, a empresa assume o desafio de reconquistar a confiança depositada em seu negócio. Para atender a essa 'necessidade', como afirma a empresa, a Samarco apoiou a realização de 18 simulados de emergência destinados às comunidades circunvizinhas, buscando preparação e resposta eficazes, além de 9 seminários orientativos envolvendo órgãos de resposta e as próprias comunidades (SAMARCO, 2022).

Para facilitar a compreensão das ações e enunciações presentes nos relatórios da Samarco durante esse período, rompimento da barragem até então, apresenta-se de forma resumida o quadro abaixo:

Quadro 03 – Narrativas enunciadas pela Samarco de 2015 a 2023

ANO	SÍNTESE DOS EVENTOS	EXEMPLOS DE NARRATIVAS
2015 / 2016	Declara agir com prontidão às vítimas devido à tragédia ambiental ocorrida; Fundação Renova constituída em Junho de 2016;	A fim de agir com a maior prontidão possível, imediatamente após o rompimento, a Empresa concentrou esforços na assistência emergencial às vítimas, aos seus familiares e às comunidades impactadas e na prestação de esclarecimentos às autoridades e aos órgãos competentes. Também foram priorizadas a destinação de recursos para as ações emergenciais; a busca pela minimização dos impactos causados pelos rejeitos; e a execução de obras para reforçar as estruturas de outras duas barragens (Santarém e Germano) (SAMARCO, 2015, 2016, p. 6).
2017 / 2018	A empresa altera sua missão e declara concentrar seus esforços na manutenção de segurança de suas estruturas;	Refletindo sua história e sua cultura organizacional, construída ao longo de quatro décadas, a Empresa revisitou sua Missão, Visão e Valores a partir dos aprendizados adquiridos e estabeleceu uma Nova Jornada para si. Traduzida em um novo Mapa Estratégico, com diretrizes e em habilitadores próprios para o negócio, essa jornada serve como um guia para empregados, lideranças e parceiros rumo à Samarco do futuro (SAMARCO, 2017, 2018, p. 13).
2018 / 2019	Afirma novamente ter se esforçado para o resgate e suporte às famílias e declara ter de construir uma nova história. A empresa altera sua missão e também garante ter a documentação para retornar às atividades;	Os anos de 2018 e 2019 representaram um período de esclarecimentos, investimentos e intensa preparação para uma retomada segura e sustentável das operações da Samarco. Alinhada ao seu propósito, a Empresa estudou, planejou e está executando projetos que a permitam o retorno da mineração de uma forma diferente, com modelos de menor impacto ambiental e máximos patamares de segurança (SAMARCO, 2018, 2019, p. 40)
2020	Relata o desafio enfrentado pela empresa devido a interrupção das suas atividades, somado ao COVID-19. Ela retoma suas atividades em dezembro com 26% da capacidade;	Apesar de nos apontar horizontes positivos quanto à perenidade do negócio, os sistemas, juntos, nos permitiram um retorno ainda com capacidade produtiva reduzida a 26%, conforme o plano de retomada gradual previsto na LOC. O plano de negócios que apresentamos às autoridades contemplam nosso compromisso para o desenvolvimento de novas soluções de tratamento de rejeitos e estruturas de disposição de longo prazo. A expansão de nossa capacidade até o retorno aos patamares anteriores a 2015 demanda, necessariamente, a definição de novos espaços para destinação de rejeitos (SAMARCO, 2020, p. 47).
2021	Segue operando em 26% de sua capacidade e destaca uma série de dívidas, agravadas com o rompimento. Compartilha seu empenho em voltar à 100% da produção até 2029;	Do ponto de vista econômico-financeiro, em abril de 2021, ajuizamos pedido de recuperação judicial à Justiça de Minas Gerais para proteger nossas operações, manter a função social e a geração de empregos, renda e tributos e renegociar nossa dívida - em sua maior parte financeira e em poder de detentores estrangeiros de títulos. Sem impacto para as operações da Empresa, a medida atende à necessidade de reequilíbrio do capital social da Samarco para que possa honrar suas dívidas com fundos de investimento e seus acionistas – que forneceram recursos

		para a retomada da Empresa e para as ações de compensação e reparação conduzidas pela Fundação Renova desde 2016 (SAMARCO, 2021, p. 29).
2022	Destaca que sua trajetória foi profundamente alterada devido ao rompimento de Fundão em novembro de 2015, resultando na interrupção de suas operações. Afirma ainda que, a partir das lições aprendidas, forjou uma nova identidade alinhada à "Nova Jornada da Samarco".	As lições aprendidas após os impactos gerados pelo rompimento sobre comunidades capixabas e mineiras e a Bacia Hidrográfica do Rio Doce nos levaram, nos últimos anos, a uma profunda reflexão sobre nossa razão de ser, nosso modo de operar e nosso planejamento estratégico. Revisitamos nossos valores, missão e construímos uma identidade organizacional alinhada à Nova Jornada da Samarco – e divulgamos à sociedade um posicionamento no contexto da retomada, de “Aprender para Evoluir e Transformar” (SAMARCO, 2022, p. 16).

Fonte: elaborado pela autora a partir das narrativas da Samarco Mineração S.A.

Nota-se que a empresa declara diferentes narrativas ao longo dos anos e a diferença é ainda maior quando comparado com os relatórios anteriores ao rompimento da barragem e também após o retorno das suas atividades minerárias. Isto posto, apresentadas as narrativas enunciadas pela Samarco, apresenta-se as enunciações feitas pelas fontes midiáticas internacionais: Al Jazeera, Deutsche Welle, Le Monde, Reuters, The Guardian e The New York Times.

4.2 FONTES MIDIÁTICAS INTERNACIONAIS

Nesta seção, examinam-se as visões publicadas por fontes midiáticas internacionais, oferecendo uma apresentação de suas narrativas por meio das notícias relacionados ao rompimento da barragem e ao que envolve o mesmo, que foram veiculadas globalmente. A organização se deu por ordem alfabética das fontes, resultando em: 7 notícias do Al Jazeera, 36 da Deutsche Welle, 19 do Le Monde, 22 do The Guardian e 5 do The New York Times.

4.2.1 Al Jazeera

Al Jazeera foi lançada em novembro de 1996 em Doha, capital do Qatar, sendo o primeiro canal de notícias independente do mundo árabe. Segundo o canal, anteriormente, a mídia por lá era marcada por narrativas controladas pelo estado, privando o público do direito de informação e da oportunidade de ser ouvido. Segundo

a Al Jazeera, sua abordagem trouxe à tona um novo paradigma para o jornalismo, caracterizado pela profundidade e relevância para sua audiência. Isso se traduziu em uma perspectiva mais abrangente sobre temas regionais e internacionais, com o foco direto no ser humano, centralizando-o na agenda noticiosa (AL JAZEERA, 2024).

O canal árabe de notícias não emitiu muitas matérias referente ao rompimento da barragem em 2015. Suas duas primeiras publicações sobre o assunto aconteceram no dia seguinte ao rompimento, no qual ela detalha o evento e seus desdobramentos. Até aquele momento, com 17 mortes, relata-se que a barragem foi projetada para conter água e resíduos das operações minerárias, incluindo rejeitos compostos por limalhas de metal e, ocasionalmente, produtos químicos. Destaca-se também o comunicado da Samarco em seu próprio site, no qual a empresa afirma estar fazendo esforços para priorizar as pessoas e mitigar os danos, ao mesmo tempo em que ressalta a dificuldade em confirmar a causa e a existência de vítimas (AL JAZEERA, 2015).

Ainda em 2015, o canal exibe que o IBAMA descreve o ocorrido como a “pior catástrofe ambiental da história” do país, mas que de acordo com a Samarco, a inspeção realizada no ano anterior indicava as barragens como totalmente seguras. Já no ano seguinte, Al Jazeera se refere ao rompimento como considerado o pior desastre ambiental da história do Brasil. Ela relata que, de acordo com especialistas, houve uma grave falha na abordagem preventiva por parte das empresas gestoras e em minimizar os danos subsequentes. Ela traz uma resposta dos moradores afetados em Barra Longa que argumentam que a resposta da Samarco e do governo local foi lenta. Nesta matéria, ela ainda destaca os altos níveis de arsênico e outros materiais tóxicos contidos na lama e que segundo analistas,

“o Brasil – tal como a maioria dos países em desenvolvimento de rendimento médio, ricos em recursos naturais – precisa de grandes projetos para criar investimento, riqueza e empregos e, como resultado, as regulamentações são muitas vezes ignoradas.” (AL JAZEERA, 2016, tradução nossa).

Alguns meses após o rompimento da barragem, o canal publicou uma matéria intitulada “Rompimento da barragem de Fundão no Brasil: o silêncio depois da lama” (2016, tradução nossa), apresentando depoimentos dos afetados, incluindo os de Batista e Expedito. Este último argumenta que houve tempo suficiente para evacuar

todos, afirmando que bastaria receber o aviso, ressaltando a falta de alerta de evacuação para a vila de Bento Rodrigues, rota das ondas tóxicas.

A reportagem destaca também o histórico 'nada limpo' das empresas controladoras da Samarco, Vale e BHP Billiton, segundo organizações ambientais como o Greenpeace. Em 2012, a Vale recebeu o "Prêmio Olho Público", classificado como 'vergonhoso' pela Al Jazeera, visando envergonhar empresas acusadas de violações ambientais ou de direitos humanos. Mario Zonta, membro das Vítimas da Mineração, argumenta que o ocorrido não foi um acidente, responsabilizando as empresas em 100%, acrescentando que a pressão por lucros crescentes compromete a segurança operacional: "A lógica das mineradoras é trabalhar a todo vapor, 24 horas por dia", afirma. Ele destaca que, apesar de cientes dos riscos, as empresas não têm obrigação de cuidar do meio ambiente ou das comunidades afetadas.

Em 2017, o canal de notícias árabe expôs a impactante realidade dos Krenak no Brasil após o rompimento. As aldeias da tribo, situadas às margens do Rio Doce, testemunharam uma transformação radical em suas vidas. Antes da inundação, 126 famílias indígenas caçavam e utilizavam a água do rio para consumo e irrigação. Contudo, após o desastre, passaram a depender de carne bovina, porco e frango adquiridos em supermercados. A matéria revela que a Samarco proibiu a pesca da tribo e instalou uma cerca para impedir o acesso dos indígenas às águas sagradas do "Watu", como o Rio Doce é chamado na língua Krenak.

Na mais recente matéria publicada em 2021, a Al Jazeera destaca o processo no Reino Unido contra a BHP por falhas na barragem no Brasil. O processo, envolvendo 200 mil reclamantes brasileiros, buscou sem sucesso ressuscitar uma ação britânica de 5 bilhões de libras contra a mineradora anglo-australiana BHP relacionada ao rompimento. Goodhead, advogado representante dos requerentes, aponta que a não retomada do processo envia uma mensagem frágil sobre a responsabilidade corporativa e as consequências legais das irregularidades. Segundo um relatório das Nações Unidas publicado em setembro de 2021, o rompimento em Mariana-MG devastou os meios de subsistência de mais de três milhões de pessoas, expondo os habitantes locais a poeira e metais pesados na lama. Além disso, destaca-se que as informações sobre a toxicidade eram inadequadas, e todos os projetos de reparação estavam atrasados.

Com o intuito de aprimorar a análise das narrativas apresentadas por cada fonte midiática, identificar o conteúdo principal abordado, e, dessa forma concluir a etapa III e alcançar a etapa IV do Quadro 02, foram destacadas ênfases discursivas. Essas ênfases, que podem ser uma ou mais em cada notícia consultada, foram posteriormente organizadas em grupos temáticos, conforme apresentado a seguir:

Quadro 04 – Síntese descritiva da análise de narrativas do Al Jazeera

GRUPOS TEMÁTICOS	EXEMPLOS DE NARRATIVAS	CONTEÚDO NARRATIVO	QUANTIDADE DE ÊNFASES
Desdobramentos	Os residentes que viviam em uma área abaixo da barragem foram instruídos a evacuar para locais mais altos. As autoridades disseram que a barragem foi construída para reter água e resíduos das operações de mineração, uma mistura que muitas vezes pode ser tóxica. A barragem continha rejeitos, um resíduo de mineração composto por limalhas de metal, água e, ocasionalmente, produtos químicos (AL JAZEERA, 2015).	Implicações sociais, ambientais e econômicas	1
Ecocídio	O desastre da mineração de Mariana é amplamente considerado o pior desastre ambiental da história do Brasil (COWIE, 2016).	História, Mariana, tragédia	4
Complicadores	“Houve tempo. Deu tempo de evacuar todo mundo, bastasse chegar o aviso”, afirma Expedito (FADNES, 2016).	Dados relevantes sobre a performance da empresa	4
Responsabilidade	Ambas as empresas têm um histórico nada limpo, de acordo com organizações ambientais internacionais, incluindo o Greenpeace. Em 2012, a Vale recebeu o vergonhoso “Prêmio Olho Público”, concedido para envergonhar empresas acusadas de violações ambientais ou de direitos humanos (FADNES, 2016).	Omissões, erros, negligência e culpa	2
Agentes externos	Desde a enchente, que é amplamente considerada o pior desastre ambiental do Brasil, a vida nas margens do rio foi completamente transformada. Antes do desastre, as 126 famílias	Comunidade, vítimas e agências	3

	indígenas que viviam nas sete aldeias caçavam peixes, capivaras, tatus e outros animais, e usavam o Rio Doce para beber água e irrigar suas lavouras (TORRE; CAMPOREZ, 2017).		
Samarco	A mineradora Samarco afirmou em comunicado em seu site que está fazendo “todos os esforços para priorizar o cuidado às pessoas e mitigar os danos ao meio ambiente”. “Não é possível neste momento confirmar a causa... nem se há vítimas”, acrescentou (AL JAZEERA, 2015).	Declarações, decisões, notícias e informações	2
Questões Legais	Um vasto grupo de reclamantes brasileiros, composto por 200 mil pessoas, não conseguiu reavivar um processo de 6,9 mil milhões de dólares no Reino Unido contra a gigante mineira anglo-australiana BHP, relacionado com o pior desastre ambiental do Brasil (AL JAZEERA, 2021).	Denúncias, processo, ações e multas	2

Fonte: elaborado pela autora a partir das narrativas do Al Jazeera

Através da análise do quadro, que compreende um total de 18 ênfases discursivas, é evidente que o Al Jazeera direcionou sua atenção para os temas de ecocídio, complicadores, seguidos por agentes externos. Estes foram enfatizados em maior quantidade, representando mais da metade das ênfases totais. Dessa forma, a próxima fonte midiática, é a alemã Deutsche Welle.

4.2.2 Deutsche Welle

A Deutsche Welle (DW) é uma emissora internacional de notícias com sede em Bonn e Berlim, Alemanha. Fundada em 1953, a DW é uma empresa de mídia independente que se destaca por seu compromisso com a imparcialidade e independência em suas informações. Ela oferece uma cobertura abrangente de temas internacionais, incluindo economia, política, cultura e sociedade, com análises aprofundadas de questões complexas (DEUTSCHE WELLE, 2024). A primeira matéria encontrada postada pela Deutsche Welle foi publicada em inglês por Nádia Pontes. Segundo ela, a extensão do desastre ainda não era clara e que outras

barragens também corriam risco de rompimento, como foi sugerido pelo gerente de projetos da Samarco, Germano Lopes. Ela ainda acrescenta que uma fonte que solicitou anonimato argumentou que um tremor de terra teria causado o rompimento. Porém, de acordo com especialistas, é o oposto, o rompimento pode ter causado os tremores. Na matéria seguinte Pontes relata o rompimento da barragem que derramou 60 milhões de metros cúbicos de rejeitos minerários. Nessa notícia, de acordo com Izabella Teixeira, o rompimento não foi um desastre natural, mas sim um desastre causado por atividades econômicas (PONTES, 2015).

Em outro artigo, a plataforma de notícias alemã traz o depoimento da então presidenta, Dilma Rousseff, de que as empresas mineradoras seriam as culpadas pelo rompimento, e que, portanto, as controladoras por trás da Samarco seriam responsabilizadas pelo rompimento mortal das barragens (DEUTSCHE WELLE, 2015). Renata Malkes foi quem escreveu os dois artigos seguintes sobre o rompimento. No primeiro, ela conta sobre um grupo de voluntários comandado por estudantes, veterinários, bombeiros civis e membros da Associação Ouro-pretana de proteção ambiental que estavam trabalhando na recuperação dos animais feridos no avalanche.

Já no segundo, na matéria intitulada “Samarco, a empresa que rachou Mariana”, Malkes relata a divisão moral das comunidades de Mariana. Em uma cerimônia ecumênica em homenagem às vítimas do rompimento, cerca de 100 pessoas apenas compareceram, já que, enquanto uns possuem raiva da Samarco, outros hesitam em condená-la. Isso se dá pois, 80% da economia da cidade gira em torno da exploração minerária, logo, criticar a companhia pode significar a perda dessa renda. Um morador de Porecatu de Baixo, anonimamente argumentou sentir um aperto no peito, mas que muita gente não havia comparecido por medo de perder o emprego, e que, sem a mineradora a cidade simplesmente acabaria. Por outro lado, os que não são empregados pela mineradora apontam a Samarco como culpada e garantem ser um crime ambiental e não um acidente. De acordo com a aposentada Maria Ignácia Tavares Camelo (apud MALKES, 2015),

Não tem dúvidas de quem é o culpado. Nossos governos deixam a mentalidade capitalista medíocre explorar nossos recursos sem controle. Primeiro, roubaram o ouro. Depois, os minérios, e agora, querem matar o povo. Queremos mais verde e menos mineradoras. Basta de governos

lutando pelos interesses das grandes empresas. É preciso controlar o que elas fazem e trazer novas indústrias para Mariana.

Letícia Oliveira, da coordenação estadual do MAB, argumenta que não se deveria deixar tudo na mão da Samarco pois “é como deixar a chave da penitenciária nas mãos do próprio bandido” (apud MALKES, 2015), e acrescenta que as empresas seguem brincando com a urgência das pessoas, se aproveitando da desinformação das vítimas e da omissão do poder público. Malkes (2015) conclui afirmando que a Samarco limitou-se a informar que 115 famílias já estariam morando em casas alugadas pela empresa e que haviam iniciado a distribuição do primeiro lote de auxílio mensal às famílias atingidas.

Completo um mês desde o rompimento, Érika Kokay aborda de maneira mais detalhada as consequências da tragédia na barragem. Além dos impactos ambientais catastróficos, destacados de forma minuciosa, ela ressalta que os danos sociais também são numerosos e, em alguns casos, irreparáveis. Kokay cita informações do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), indicando que a estimativa para a recuperação dos danos ambientais é de, no mínimo, dez anos. No tocante à qualidade da água, especialistas mantêm uma perspectiva otimista. No entanto, no caso do alto rio Doce, a destruição causada pela avalanche demandará intervenções de engenharia florestal e agrônômica para corrigir o solo e promover o replantio da vegetação marginal, pois “sem incursão de obras, ou de intervenção humana o rio Doce levará cerca de 20 anos para voltar a sua condição original” (CAMPERA, apud KOKAY, 2015).

Nas matérias seguintes são relatados os impasses sobre a água do rio Doce conter ou não metais tóxicos. Segundo um relatório do Ministério das Minas e Energia (MME), as amostras comprovaram que a água estava compatível com os resultados anteriores à lama de rejeitos ser liberada. Foram 25 amostras de água e os resultados de 2015 eram similares aos de 2010 (CAULY, 2015). No entanto, análises feitas por pesquisadores independentes mostraram que os níveis de água não eram seguros, contendo elevados níveis de metais pesados, como o manganês, arsênio e chumbo. Em um terceiro relatório, dessa vez coletados pelo Instituto Mineiro de Gestão das Águas (Igam), foram detectados metais pesados em altas concentrações, mas principalmente nos dias em que a enxurrada de lama passava pelos pontos de coleta. De acordo com os pesquisadores voluntários não foram usados os dados de

comparação corretos do Conama 357 no relatório do MME, mas que segundo o relatório a água é tratável e isso realmente é (KOKAY, 2015).

Ainda em 2015, a Deutsche Welle relata que a Vale iria recorrer à ação movida contra ela para bloqueio de bens. Segundo a notícia “a Vale é do lado da anglo-australiana BHP Billiton, dona da mineradora Samarco, responsável pela tragédia que causou enormes danos ambientais e lançou uma onda de lama tóxica no Rio Doce” (DEUTSCHE WELLE, 2015).

No ano subsequente, a emissora alemã reportou a indicação da Vale, da Samarco por crime ambiental e da empresa responsável por atestar a estabilidade da barragem por meio de um laudo. Em resposta, a Vale argumentou que as causas do rompimento ainda não foram devidamente confirmadas, o que impossibilita a estabelecer umnexo de causalidade efetivo com o acidente. Por fim, a DW destacou que os documentos contendo os planos de emergência foram entregues após o descumprimento do prazo em duas ocasiões. Em outra matéria, a emissora relata o interesse da Vale e da BHP em negociar um acordo com o governo federal e os estados afetados, Minas Gerais e Espírito Santo. Subsequentemente, informa que o acordo foi finalizado no valor inicial de R\$4,4 bilhões, a serem pagos até 2018 pela Samarco ou, na impossibilidade desta, pela Vale e BHP Billiton. A homologação desse acordo ocorreu seis meses após o rompimento, e a DW não deixou de publicar sobre. Conforme estabelecido no documento, o pacto prevê contribuições de aproximadamente 12 bilhões de reais para reparos e compensações ao longo dos próximos anos. No entanto, tanto o Ministério Público Federal quanto os Ministérios Públicos de Minas e Espírito Santo argumentaram que o acordo não assegura a reparação total dos danos, e, portanto, recusaram-se a assiná-lo (DEUTSCHE WELLE, 2016).

Em março do mesmo ano, a Deutsche Welle informou a descoberta de mais um corpo, a 18ª vítima, quatro meses após o rompimento. Já em maio, Nádia Pontes abordou o sexto mês de Mariana submersa na lama. Pontes (2016) destacou que, sem saber a causa do maior desastre ambiental do Brasil, a Samarco expressava o desejo de retomar suas operações. A autora ressalta a crescente preocupação com o desemprego na região. O presidente de Mariana, Duarte Junior, alertou sobre a iminência de problemas financeiros, prevendo encerrar o ano com uma dívida de 40 milhões. Ele também criticou a falta de envolvimento da empresa nos problemas

enfrentados pela cidade, afirmando que suas ações "deixam muito a desejar". Para o diretor da Samarco, a solução era simples: retomar as operações, considerando que era a única maneira de reverter a situação (PONTES, 2016).

Nádia Pontes também abordou o aniversário de um ano, descrevendo-o como um período vivido "debaixo da lama". Conforme ela relata, esperança e solidão são sentimentos que permeiam as vítimas enquanto os esforços para conter os danos continuam e a empresa busca retomar suas atividades. A empresa, que pediu o licenciamento para despejar rejeitos na Cava Alegria do Sul, teve maiores movimentações naquelas últimas semanas. Pontes (2016) destaca o testemunho de seu Zezinho, um residente da região afetada que, segundo ela, não se opõe à retomada das operações da empresa.

Ainda em 2016, a Deutsche Welle informa a denúncia realizada pelo MPF (Ministério Público Federal) de funcionários e ex-funcionários da Samarco e de suas controladoras. O MPF alegou que eles sabiam dos riscos, mas que a ganância falou mais alto que a segurança. Para o procurador José Adércio Leite Sampaio "havia sempre a busca pela exploração de mais minério, sempre em busca de aumentar os lucros e dividendos para a Samarco e suas detentoras" (apud DEUTSCHE WELLE, 2016). Já a Samarco, Vale e BHP Billiton são acusadas por crimes ambientais. Mais tarde, a emissora elucida que a justiça aceitou a denúncia contra 21 funcionários e ex-funcionários da Samarco, incluindo o ex-presidente da empresa, Ricardo Vescovi, e as quatro empresas envolvidas: Samarco, Vale, BHP Billiton e VogBR, responsável pelo laudo de estabilidade, assim como seu engenheiro. Mais tarde, o ex-presidente e outras seis pessoas foram acusados de homicídio doloso qualificado, inundação e poluição de água potável. Além disso, eles podem responder 19 vezes pelo crime de homicídio, correspondendo a cada uma das vítimas. De acordo com o delegado Rodrigo Bustamante, essas pessoas foram negligentes e assumiram o risco de causar o acidente. Quanto ao crime ambiental, uma investigação separada será conduzida em um segundo inquérito (DEUTSCHE WELLE, 2016).

Na última matéria de 2016, Nádia Pontes destacou que as obras de contenção de danos e restauração continuavam a ser insatisfatórias, insuficientes ou, em alguns casos, não foram concluídas, conforme relatado em um documento da última inspeção realizada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - Ibama. Segundo o relatório, as recomendações anteriores não foram atendidas pela empresa, e o baixo percentual

de áreas em que obras estavam em andamento durante a inspeção (apenas 8%) indicava que os esforços empreendidos pela empresa estavam aquém do necessário (PONTES, 2016).

Em 2017, a emissora publicou apenas duas reportagens. A primeira, por Priscila Jordão, aborda as obras da artista brasileira Silvia Noronha, em exposição na Alemanha. Noronha coletou a lama resultante do rompimento e transformou-a em pedras com uma aparência modificada. De acordo com a artista, o resultado narra a história do descaso com o meio ambiente e de um capitalismo desastroso. Na segunda matéria, escrita por Nádia Pontes, explora-se a extensão da tragédia, ainda desconhecida mesmo dois anos após o rompimento, mas que, de acordo com a Fundação Renova, o diagnóstico estava completo. Além disso, ela informa que um novo pedido de licenciamento, permitindo a retomada das atividades, estava sob avaliação pelos órgãos responsáveis, que não estavam dispostos a aceitar mais do mesmo, conforme argumentou a coordenadora da força-tarefa do Ministério Público de Minas Gerais, Andressa Lanchotti (JORDÃO, 2017; PONTES, 2017).

Por outro lado, no ano de 2018, a Deutsche Welle apresentou mais do que o dobro de notícias em comparação ao ano anterior. A primeira publicação, elaborada por Fabio Corrêa, destaca que, mesmo após dois anos e meio, as vítimas ainda aguardam o reassentamento. A Renova afirma estar à espera da licença ambiental para instalar o canteiro de obras. No entanto, conforme apontado pelo promotor de justiça Guilherme de Sá Meneghin, esse canteiro "foi um puro circo, uma atividade meramente de marketing, porque ele não significa nada". O promotor também destaca que não foi elaborado o projeto correto em 2017. Esses equívocos não se limitam ao reassentamento. Segundo o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), entre 2016 e 2017, foram identificadas 200 famílias atingidas apenas na região de Mariana que tiveram seus auxílios financeiros de renda e moradia indevidamente negados. Além disso, mais 100 casos foram descobertos em 2018 (CORRÊA, 2018).

Em outra reportagem, Isadora Pamplona (2018) expõe a cumplicidade de bancos europeus no desastre de Mariana, conforme relatório. Segundo uma ONG alemã, grandes instituições financeiras foram coniventes com a tragédia ao manterem relações comerciais com a BHP Billiton e a Vale, ambas acionistas da Samarco, assumindo assim uma parcela de responsabilidade por não excluí-las de suas transações comerciais. O relatório revela que bancos europeus disponibilizaram 25,8

bilhões de investimentos e títulos para as duas empresas entre 2010 e 2017, mesmo diante de evidências de falhas no gerenciamento desde 2007. Dois bancos são explicitamente apontados como cúmplices do rompimento: o francês BNP Paribas e o inglês HSBC.

A ONG citada por Pamplona (2018) também investiga o envolvimento de grandes bancos de cinco países europeus que são coniventes com desastres ambientais globalmente, ao financiarem atividades de multinacionais que consistentemente violam direitos humanos e ambientais. Os resultados revelam que mais de 100 bilhões de euros foram alocados para dez empresas por dez bancos, na forma de capital novo (créditos, ações e bônus de subscrições) durante o período analisado. O relatório enfatiza que a maioria dos bancos europeus não está realizando esforços suficientes para estimular as empresas do setor de recursos naturais a aprimorarem suas práticas em relação aos direitos humanos e ao meio ambiente, e também não demonstra disposição para estabelecer métodos ou limites que excluam essas empresas. A autora conclui ressaltando que a Alemanha foi um dos países que menos contribuiu com a provisão de capital (PAMPLONA, 2018).

A Deutsche Welle também esclarece o acordo firmado pelas mineradoras para reparação dos danos em Mariana, buscando uma maior participação das pessoas afetadas nas decisões relacionadas a compensações e perdas. O Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), assinado com os Ministérios Públicos dos estados impactados, modifica o Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC) referente às reparações do rompimento (DEUTSCHE WELLE, 2018). Em um artigo subsequente, Nádia Pontes aborda a demora na reparação de Mariana e a persistência de famílias que ainda aguardam assistência emergencial. Ela menciona o TAC, destacando que o mesmo estabeleceu mecanismos para promover a participação social, incluindo no conselho da Fundação Renova (PONTES, 2018).

Em outro artigo, Pontes (2018) aborda os três anos desde o rompimento, enfatizando novamente a magnitude desse evento, considerado o maior desastre ambiental na história do Brasil. A autora destaca que, em dias chuvosos, os impactos do rompimento ressurgem, e não existem prazos definidos para o pagamento integral das indenizações. Ela compartilha o caso de Ariel, um ex-morador da área afetada e pescador que ainda não recebeu qualquer forma de auxílio, enquanto que apenas uma licença separa a empresa Samarco da retomada da produção.

Nos anos seguintes as matérias publicadas sobre o rompimento foram escritas por Nádia Pontes. Em 2019 e 2020, apenas uma matéria relacionada ao rompimento da Samarco foi publicada. Tanto na cobertura de 2019 quanto na de 2020, Pontes destaca a prolongada espera por reparação, já transcorridos 4 e 5 anos desde a tragédia. Ela destaca que moradores relataram problemas de saúde enquanto a Samarco recebeu autorização para retomar suas operações, destacando a história de Eliane Balke, uma pescadora de São Mateus do Espírito Santo, que realizou um exame revelando níveis elevados de arsênio em seu organismo. Na outra matéria, Pontes aborda a falta de conclusão dos assentamentos, com apenas duas das 235 casas previstas prontas. Ela ressalta novamente que a Samarco se preparava para retomar suas operações no final de 2020, enquanto sua controladora, a Vale, registrava um lucro de R\$15,615 bilhões apenas no terceiro trimestre. Contrapondo esses números, a procuradora federal Silmara Goulart argumenta que "nenhum grupo de atingidos foi integralmente indenizado", e, conforme destacado por Pontes (2020), "até hoje, ninguém foi preso ou responsabilizado pelo rompimento de Fundão".

Em 2021, foram publicadas duas matérias. Na primeira, Pontes expõe a indignação dos afetados com o retorno da Samarco, ocorrido em 23 de dezembro, véspera de Natal. Em menos de um mês de operação, a primeira carga internacional já havia partido para a Europa, totalizando 75 mil toneladas. Para Mônica dos Santos, moradora local, isso é considerado uma afronta, pois eles continuam na mesma situação e sem perspectivas. Pontes destaca que, desde a criação da Fundação Renova, as discussões sobre reparação dos danos evitam diretamente mencionar o nome da Samarco. Na segunda matéria, são marcados seis anos desde o rompimento, enquanto famílias ainda lutam para serem reconhecidas como atingidas. Pontes informa que o primeiro prazo para a entrega dos assentamentos expirou em 2019, e outras duas datas, em agosto de 2020 e depois em fevereiro de 2021, também não foram cumpridas pela Renova. Questionada, a Fundação afirmou que as obras devem ser concluídas em 2022 (PONTES, 2021).

No ano seguinte, na data que marca 7 anos do desastre, Pontes (2022) aborda detalhadamente a abordagem de contenção aplicada nas barragens que desencadearam as tragédias em Minas Gerais, Mariana e Brumadinho. Ela narra a experiência de Marcos (nome fictício), um residente que observa a estrutura de contenção a jusante (ECJ) da janela de sua casa, destacando seu papel crucial na

retenção de rejeitos em caso de ruptura. Erguida através do método a montante, no qual os diques de contenção são suportados pelos próprios rejeitos depositados, esta abordagem está programada para ser desmontada até 2027, com uma alta probabilidade de conclusão até 2025, conforme declarado pela mineradora. Vale ressaltar que o prazo original, estipulado para 2022 pela legislação Mar de Lama Nunca Mais, foi amplamente descumprido, o que levou o governo estadual e o Ministério Público a assinarem um termo de compromisso flexibilizando o cronograma (PONTES, 2022).

O professor Daniel Neri, do Instituto Federal de Minas Gerais, campus Ouro Preto, critica essa situação, observando que parece que a lei Mar de Lama Nunca Mais foi ignorada. Ele destaca a celebração de acordos individuais com as empresas, resultando em prazos revisados para a desativação das barragens a montante, considerados desrespeitosos às vítimas das tragédias. A lei em questão (23.291/2019) foi promulgada para abolir a tecnologia associada a essas tragédias, proibindo a construção de novas barragens a montante e ordenando a eliminação das existentes. Neri expressa sua crítica à transformação do programa, chamando-o de "não descomissionamento". Ele aponta que a maioria das barragens problemáticas da Vale agora tem até 2035 para serem descaracterizadas. É relevante notar que Minas Gerais concentra a maioria das barragens a montante, com 39 das 56 ativas e 17 pertencentes à Vale (PONTES, 2022).

Na mais recente publicação, que marca o oitavo aniversário do rompimento, Pontes destaca a alarmante possibilidade de o número de vítimas atingir a marca de 1 milhão, abrangendo as 49 cidades influenciadas pela rota da lama. A responsabilidade pela reparação dos danos foi atribuída à Fundação Renova, mediante acordo entre o sistema judiciário e as empresas mineradoras. Apesar da afirmação da entidade ter destinado R\$32,66 bilhões em ações de reparação e compensação até agosto de 2023, Rodrigues Pires Vieira, assessor técnico da região, ressalta que

Os valores pagos não asseguram o modo de vida dos afetados. Não garantem, por exemplo, água para o cultivo. A Renova argumenta que é dispendioso, mas ela precisa arcar, pois o custo do que as mineradoras fizeram foi elevado para as pessoas. Elas sepultaram vidas, memórias, história, praticamente tudo (apud PONTES, 2023).

Franciene Vasconcelos, coordenadora institucional da Associação de Defesa Ambiental e Social (Aedas), complementa afirmando que "A atitude das mineradoras é de não reconhecer sua responsabilidade no rompimento e na obrigação de reparar os danos decorrentes de um crime ambiental". Pontes ainda destaca que, mesmo após oito anos do desastre, ninguém foi detido como responsável pelo rompimento. No entanto, na Inglaterra, está agendado para agosto de 2024 o julgamento do processo que levará a mineradora anglo-australiana BHP aos tribunais (PONTES, 2023).

José do Nascimento de Jesus, entrevistado pela DW, expressa falta de otimismo, mencionando que muitas casas construídas pela Renova estão deteriorando e apresentam diversas trincas. Após a veiculação da reportagem, a Renova enviou uma resposta à DW, declarando que

As chaves dos imóveis só são entregues após vistoria do morador, que pode ser acompanhada pela assessoria técnica independente. Cada casa possui um projeto arquitetônico e construtivo individual e exclusivo, levando em consideração as expectativas e necessidades de cada família. A obra só inicia após a aprovação final do desenho pelos futuros moradores, que podem acompanhar todas as etapas. A correção de pequenos defeitos, comuns em obras de grande porte, será realizada (apud PONTES, 2023).

Após o desastre de Mariana, os moradores afetados uniram-se ao Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), destacando que os impactos do evento de 2015 persistem e aumentam, oito anos depois. Thiago Alves, do MAB e um dos coordenadores da campanha Revida Mariana, ilustra: "A cada enchente, o crime se renova. O rio Doce sobe e expulsa rejeitos novamente." Considerado um dos desastres socioambientais mais estudados globalmente, o caso de Mariana tem provocado significativo sofrimento mental entre os moradores. Alves comenta que "Estudos de saúde indicam uma deterioração progressiva na vida dos afetados. Esse é um tema que as empresas não aceitam, não possuindo um programa específico para danos à saúde mental" (PONTES, 2023).

Após explorarmos as diversas enunciações da Deutsche Welle (DW), apresenta-se a seguir os temas que permeiam suas narrativas. Reunidos em grupos temáticos, esses tópicos apontam suas ênfases discursivas:

Quadro 05 – Síntese descritiva da análise de narrativas da Deutsche Welle

GRUPOS TEMÁTICOS	EXEMPLOS DE NARRATIVAS	CONTEÚDO NARRATIVO	QUANTIDADE DE ÊNFASES
Desdobramentos	Por outro lado, o alto rio Doce, profundamente devastado pela avalanche de sedimentos, "precisa urgentemente de uma intervenção de engenharia florestal e agrônoma, a fim de corrigir o solo e fazer o replantio da vegetação marginal", alerta o especialista (KOKAY, 2015).	Implicações sociais, ambientais e econômicas	7
Ecocídio	O rompimento da barragem de Fundão, em Minas Gerais, completa um mês neste sábado (05/12) com uma lista catastrófica de impactos ambientais – sem entrar no mérito dos impactos sociais do desastre, vários irrecuperáveis (KOKAY, 2015).	História, Mariana, tragédia	7
Complicadores	Às vésperas do primeiro aniversário da tragédia de Mariana, as obras de contenção dos danos e restauração seguem "insatisfatórias", "insuficientes" ou "não foram cumpridas", afirma o relatório da última vistoria feita pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), divulgado nesta terça-feira (25/10) (PONTES, 2016).	Dados relevantes sobre a performance da empresa	4
Responsabilidade	"A postura das mineradoras é de não reconhecer sua responsabilidade sobre o rompimento e a necessidade de reparar danos decorrentes de um crime ambiental", analisa Franciene Vasconcelos, coordenadora institucional da Associação de Defesa Ambiental e Social Aedas (PONTES, 2023).	Omissões, erros, negligência e culpa	4
Agentes externos	Mais de dois anos e meio depois do maior desastre ambiental da história do Brasil, ex-moradores do vilarejo de Bento Rodrigues, que ficou coberto de lama, ainda aguardam reassentamento (CORRÊA, 2018).	Comunidade, vítimas e agências	10
Questões Legais	Ricardo Vescovi, presidente licenciado da Samarco, e outras seis pessoas foram indiciadas por homicídio doloso qualificado, inundação e poluição de água potável. Penas podem chegar a 30	Denúncias, processo, ações e multas	6

	anos de reclusão (DEUTSCHE WELLE, 2016).		
Samarco	"A Samarco é uma das dez maiores exportadoras brasileiras e está, neste momento, integralmente focada no atendimento às pessoas e não está poupando recursos para mitigar os efeitos decorrentes do acidente", diz a nota (MALKES, 2015).	Declarações, decisões, notícias e informações	2
Acordos	As duas empresas, que dividem o controle da mineradora Samarco, manifestaram interesse em chegar a um acordo na esfera judicial com o governo federal e os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, disse a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira (DEUTSCHE WELLE, 2016).	Acordos assinados	5
Retomada das atividades minerárias	O diretor da Samarco só vê uma solução para esse problema: voltar a operar. "É a única forma que se tem de reverter essa situação. Não tem outra. Porque você voltando a operar, você volta a gerar imposto, mantém os empregos" (PONTES, 2016)	Termos, licenças e prazos	5
Assuntos diversos	Para ONG alemã, grandes instituições financeiras europeias foram coniventes com o desastre ao manterem relações comerciais com a BHP e a Vale, acionistas da Samarco. Grandes instituições financeiras europeias também têm uma parcela de culpa no desastre de 2015 em Mariana, por não excluírem de suas relações comerciais a BHP Billiton e a Vale, acionistas da Samarco, acusa um relatório (PAMPLONA, 2018)	Projetos, pesquisas, BHP e Vale	4
Reparos e respostas	Os equívocos apontados pelo MPMG, no entanto, vão além do reassentamento. Entre 2016 e 2017, a instituição identificou 200 famílias atingidas só na região de Mariana que tiveram os auxílios financeiros de renda e moradia negados indevidamente. Em 2018, mais cem casos foram descobertos (CORRÊA, 2018).	Avaliações e reclamações	5

Fonte: elaborado pela autora a partir das narrativas da Deutsche Welle

Ao examinarmos o quadro, que abrange um total de 59 ênfases discursivas, torna-se claro que a Deutsche Welle concentrou-se nos temas de agentes externos, ecocídio, desdobramentos, seguidos por questões legais. Notavelmente, estes últimos foram destacados em maior número, representando praticamente a metade de todas as ênfases - possuindo uma a mais que a metade. Diante disso, a próxima fonte midiática a ser abordada é a francesa, Le Monde.

4.2.3 Le Monde

O jornal Le Monde apresentou um posicionamento mais definido quando comparado à Al Jazeera e The New York Times - a ser apresentado mais adiante. Com origem na Segunda Guerra Mundial, especificamente em 1944, ele cobre uma ampla gama de tópicos, incluindo política, economia, cultura e assuntos internacionais, sendo conhecido por sua perspectiva editorial de centro-esquerda. Sua primeira notícia sobre o rompimento se deu no dia seguinte, 06 de novembro de 2015, do qual o jornal detalhou o ocorrido afirmando que a barragem continha resíduos tóxicos (LE MONDE, 2015). ela especifica que as casas foram engolfadas até o telhado por uma lama vermelha espessa. Nomeando-o de acidente neste primeiro momento, o jornal lamenta que entre as cidades atingidas estão as históricas Ouro Preto e Mariana e acrescenta que, segundo o sindicalista Ronaldo Bento, as lamas tóxicas provenientes de resíduos minerais e perigosas ao meio ambiente derramados corresponde à uma área equivalente à 10 estádios de futebol (LE MONDE, 2015).

Em outra matéria, Le Monde elucida o risco de uma nova barragem de mineração se romper, liberando mais materiais tóxicos. Claire Gatinois, uma das escritoras do jornal de São Paulo, publica uma notícia em tom provocador referente ao rompimento. Ela se pergunta sobre os culpados e responsáveis já que as causas ainda não foram identificadas. No entanto, segundo ela, a Vale e a BHP Billiton são, “tal como as autoridades brasileiras, suspeitas de negligência” (GATINOIS, 2015, tradução nossa). No mesmo artigo, a autora inclui depoimentos de diversos membros da comunidade. Nilo Davila, do Greenpeace brasileiro, afirma que não havia um plano de vigilância ou alarme, destacando ainda a existência de outras 15 barragens com elevado risco de rompimento, conforme indicado por um relatório de avaliação de 2014, descrevendo a situação como uma insanidade. Vinicius Polignano, coordenador

de um projeto ambiental da Universidade de Minas Gerais, destaca que os danos são de magnitude imensurável e argumenta que não se pode mais confiar em modelos do século XVIII estando no século XXI. Ela também expõe o prêmio da vale, o “Nobel da Vergonha” recebido em 2012, por título de pior empresa concedido pelo Public Eye. Por fim, ela traz um alerta do prefeito Duarte Junior que afirma que “Sem minas a cidade vai à falência” (GATINOIS, 2015).

Em 2015, o jornal ainda reporta sobre o valor do minério de ferro daquele ano, o qual sofreu uma queda drástica devido ao rompimento. Em uma declaração da Samarco, é assegurado que a barragem estava passando por obras de expansão e que, em julho de 2015, foi devidamente inspecionada, sendo considerada totalmente segura. Entretanto, devido a tremores no dia do ocorrido, uma equipe de fiscalização foi despachada uma hora antes do rompimento, mas não identificou qualquer anormalidade (LE MONDE, 2015). Posteriormente, ainda em 2015, o jornal relata sobre o apelo da ONU ao Brasil e às empresas brasileiras para tomarem medidas contra deslizamentos. Agora nomeado como um desastre ecológico sem precedentes, o jornal afirma que, de acordo com cientistas, o Rio Doce já é considerado morto. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas, a lama derramada contém altos níveis de metais pesados, bem como outros produtos químicos tóxicos. A Samarco, no entanto, continua a afirmar que a lama não apresenta riscos à saúde, mesmo em caso de exposição à chuva. Isabelle Teixeira, ministra das Relações Exteriores, declara que o rompimento é o pior desastre *natural* da história do país e não deve se repetir. Por outro lado, os relatores da ONU, Knox e Tuncak, afirmam que as medidas adotadas pelo governo brasileiro e pelas empresas envolvidas são “claramente insuficientes” (LE MONDE; REUTERS, 2015).

No ano seguinte, com menos notícias publicadas sobre o assunto, Le Monde noticiou sobre o acordo realizado que garantia a concretização de investimentos em 38 programas socioeconômicos e socioambientais, além da reivindicação do governo brasileiro na justiça referente à 5,2 bilhões de dólares às empresas responsáveis (LE MONDE, 2016). Um artigo redigido por Laurence Girard, ainda em 2016, detalha a tensão entre o sistema judicial brasileiro e as empresas controladoras da Samarco. Embora se estime um montante de 155 milhões de reais em danos causados pela ruptura, a perspectiva de pagamento integral por parte das empresas é considerada improvável, o que gera preocupações entre os investidores e contribui para o que a

autora descreve como uma 'novela ambiental-financeira'. De um lado, o Ministério Público de Minas Gerais acusa os gestores da Samarco de ocultar documentos de organizações ambientalistas. Por outro lado, Ricardo Vescovi, o diretor da Samarco, argumenta a intenção de retomar a produção até o final de 2016 com dois terços da capacidade, considerados por ele como pré-requisito para o pagamento das indenizações. Enquanto isso, o valor do ferro que passava por baixas em 2015 após o rompimento, se recupera e volta ao verde, o que resultou em um lucro líquido anunciado pela Vale de 575 milhões de dólares no terceiro trimestre de 2016 (GIRARDI, 2016).

Claire Gatinois continuou abordando o tema do rompimento em 2016 pelo *Le Monde*. Em um de seus artigos, Gatinois explora detalhadamente o rompimento que resultou na devastação da fauna e da flora, argumentando que a Samarco é suspeita de negligência, especialmente no que diz respeito à ativação do alarme que poderia ter salvo vidas. Ela ressalta o fato de que a empresa já tinha conhecimento de suas deficiências nas duas barragens desde 2014. Durante um interrogatório policial, o engenheiro Joaquim Pimenta de Ávila confidenciou ter alertado a empresa sobre o risco iminente, mas as ações subsequentes da Samarco permanecem envoltas em mistério. Ao ser questionada, a empresa nega veementemente, afirmando que nunca recebeu um alerta sobre o risco de rompimento da barragem. A Samarco argumenta que uma barragem é uma estrutura complexa e vulnerável, e, por isso, não há risco zero, classificando o ocorrido como um acidente complexo (GATINOIS, 2016).

Em outro de seus artigos, ela destaca o desastre ecológico que devastou completamente o vale do Rio Doce, observando que um ano após a tragédia, restavam apenas as paredes sujas do monumento histórico, a igreja do século XVIII. Em uma dessas paredes, entre os destroços de uma casa, uma pichação clamava: "A Samarco nos matou, Jesus nos salvou". Zezinho, presidente da associação dos moradores e porta-voz da aldeia, relatou que, em uma conversa com a Samarco, lhes asseguraram que não havia perigo. Alvaro Pereira, engenheiro da Samarco cedido pela Fundação Renova, argumenta que não há um orçamento mínimo e, portanto, deveria haver menos palavras e mais ação (GATINOIS, 2016).

Em 2017, a autora relata a suspensão dos processos por crimes ambientais e homicídios diante da Justiça Brasileira. Diante dessa notícia, Thiago Alves, porta-voz do Movimento dos Atingidos por Barragens, expressou desgosto, revolta e, ao mesmo

tempo, falta de surpresa, dando um expressivo revirar de olhos. A interrupção do processo ocorreu devido à alegação de provas ilegais, representadas por escutas telefônicas coletadas além do prazo estabelecido pelos tribunais. Esse argumento levou o advogado Paulo Freitas a solicitar a anulação do processo, destacando que ninguém agiu com intenção homicida, enfatizando que seria mais apropriado concentrar os esforços na reparação dos danos materiais do que na ação criminal. O Ministério Público, por sua vez, sustenta que há elementos suficientes para uma condenação e assegura que, mais cedo ou mais tarde, o caso retomará seu curso, e a justiça será aplicada (GATINOIS, 2017).

Em 2018, a autora relembra os eventos em uma matéria intitulada "No Brasil, lama tóxica matou o Rio Doce" e apresenta os acontecimentos mais recentes relacionados ao rompimento em outra intitulada "Contaminações: No Brasil, o setor de mineração no centro de vários escândalos" (GATINOIS, 2018, tradução nossa). Na última, ela destaca que, conforme relatado por Nilo Davila do Greenpeace Brasil, mesmo após três anos do rompimento, nada está sendo efetivamente feito para prevenir uma nova catástrofe ambiental. Gatinois (2018) critica a abordagem dos políticos brasileiros, chamando-os de emocionados, ao referir-se do decreto assinado por Michel Temer, que altera as normas que regem a atividade mineradora, supostamente para torná-la mais ecologicamente responsável, ao impor a obrigação de as indústrias repararem os danos causados. No entanto, segundo Davila, o texto é considerado 'chuva que não molha', sendo apenas uma repetição do que já existe, uma vez que a obrigação de reparar os danos já estava prevista em lei. Ele sugere que o ideal seria exigir que as empresas reservassem quantias substanciais como precaução contra acidentes, o que não foi o caso. Davila ainda enfatiza que nenhuma lição foi aprendida, e a autora conclui indicando que os eventos atuais tendem a confirmar a validade desse argumento.

Ainda em 2018, uma outra notícia é publicada, dessa vez pela atriz Ana Suárez, que apela à comunidade internacional que ajude o povo Krenak. Ela argumenta que há três anos tal povo indígena é vítima de uma poluição massiva devido à "escolhas irresponsáveis" da Samarco. Assim, a France Libertés e o povo indígena Krenak do Brasil lançam a campanha "Justiça para Krenak" com objetivo de denunciar a violação dos direitos deste povo e a destruição do seu modo de vida, já que eles tiveram seu estilo de vida extremamente impactado após o rompimento. Por fim, a atriz conclui

que esta grande poluição não é fruto de um acidente mas sim de escolhas irresponsáveis da Samarco que estava perfeitamente consciente dos perigos do que sua negligência representava (SUÁREZ, 2018).

Por último, uma matéria em 2019 apenas cita o rompimento da barragem como o desastre que devastou o ecossistema local, tornando-o o pior desastre ambiental da história brasileira, ao expor uma nova barragem que se rompeu, desta vez em Brumadinho - MG, cuja propriedade pertencia à Vale (LE MONDE, 2019). Assim, ao concluir a descrição das enunciações realizadas pelo Le Monde, apresenta-se a seguir as ênfases discursivas organizadas em grupos temáticos:

Quadro 06 – Síntese descritiva da análise de narrativas do Le Monde

GRUPOS TEMÁTICOS	EXEMPLOS DE NARRATIVAS	CONTEÚDO NARRATIVO	QUANTIDADE DE ÊNFASES
Desdobramentos	Um ano depois da tragédia, nada resta daquela vida. Nada além das paredes sujas da igreja do século XVIII, um monumento histórico que os arqueólogos limpavam com uma colher e um pincel (GATINOIS, 2016).	Implicações sociais, ambientais e econômicas	5
Ecocídio	Uma barragem que retém rejeitos de minério de ferro rompeu na quinta-feira, derramando 60 milhões de metros cúbicos de lama tóxica. O número atualmente é de um morto e 25 desaparecidos (LE MONDE, 2015).	História, Mariana, tragédia	9
Complicadores	Uma nova barragem de mineração poderá romper no sudeste do Brasil, liberando resíduos e deslizamentos de terra tóxicos. Moradores da área da tragédia mineira de Mariana, no sudeste do Brasil, foram evacuados “como medida de segurança” na quarta-feira, 11 de novembro (LE MONDE, 2015).	Dados relevantes sobre a performance da empresa	5
Responsabilidade	Culpado? Responsável? As causas do rompimento das duas primeiras barragens ainda não foram identificadas. Mas a Vale e a BHP Billiton são, tal como as autoridades brasileiras, suspeitas de negligência. “Não houve plano de vigilância, nem alarme planejado”, diz Nilo Davila, do Greenpeace no Brasil. Aos seus	Omissões, erros, negligência e culpa	4

	olhos, a catástrofe estava prevista (GATINOIS, 2015).		
Agentes externos	Moradores da área da tragédia mineira de Mariana, no sudeste do Brasil, foram evacuados “como medida de segurança” na quarta-feira, 11 de novembro (LE MONDE, 2015).	Comunidade, vítimas e agências	3
Questões Legais	O governo brasileiro já reivindicou na justiça 5,2 bilhões de dólares (4,8 bilhões de euros) às empresas responsáveis (LE MONDE 2016).	Denúncias, processo, ações e multas	4
Samarco	A Samarco garantiu que a barragem, que estava em obras de ampliação, foi fiscalizada em julho e apresentava “totais condições de segurança” (LE MONDE, 2015)	Declarações, decisões, notícias e informações	1
Acordos	Dos 6,1 mil milhões de dólares, 1,1 mil milhões serão depositados pelo dono da barragem até 2018, para “garantir a concretização de investimentos em 38 programas socioeconômicos e socioambientais”, segundo o acordo (LE MONDE 2016).	Acordos assinados	2
Retomada das atividades minerárias	O chefe da empresa, Ricardo Vescovi, diz que quer retomar a produção no final de 2016 com dois terços de sua capacidade. Pré-requisito, segundo ele, para honrar o pagamento da indenização (GIRARDI, 2016).	Termos, licenças e prazos	1

Fonte: elaborado pela autora a partir das narrativas do Le Monde

O quadro acima engloba um total de 34 ênfases discursivas, no qual é evidente que o Le Monde direcionou seu foco para os temas de ecocídio, desdobramentos e complicadores. Esses foram ressaltados em maior quantidade, representando mais da metade de todas as ênfases identificadas. Diante desse contexto, a próxima fonte midiática a ser abordada é a britânica, The Guardian.

4.2.4 The Guardian

The Guardian é um jornal britânico que foi fundado em 1841. Propriedade do Guardian Media Group, o jornal possui apenas um acionista, o Scott Trust, que existe para garantir a independência financeira e editorial do mesmo. Com teor investigativo, ele publica notícias internacionais, políticas e culturais, de perfil geralmente progressista (THE GUARDIAN, 2024). Sua primeira matéria sobre o caso de Mariana se deu em 06 de novembro de 2015, quando o jornal publica a notícia sobre o rompimento informando que o derramamento de lama matou pelo menos 15 pessoas, mas que ainda não havia confirmação oficial do número de mortos. A notícia ainda conta com falas da Samarco, Vale e BHP Billiton que afirmam não saber a causa e que estão focando seus esforços nos afetados e priorizando o cuidado às pessoas (THE GUARDIAN, 2015)

A matéria seguinte conta com as informações referente à chegada do presidente da BHP no Brasil, para ver a devastação causada pelo rompimento. Em comunicado a BHP ofereceu seu apoio para ajudar nos esforços imediatos de resgate e para auxiliar na investigação (FERRER, 2015). Em outra escrita pela Reuters, ele elucida o congelamento dos ativos das mineradoras Vale e BHP, controladoras da Samarco. Tal decisão foi tomada pelo juiz do estado brasileiro de Minas Gerais que determinou que ambas empresas poderiam ser responsabilizadas pelo desastre em que o governo exige 20 mil milhões de reais de indenização. De um lado, a Vale argumenta que a Samarco como uma entidade legal independente, foi totalmente responsável pelo acidente e pelos danos e multas que se sucederam. Do outro, o juiz Marcelo Aguiar Machado discorda, afirmando que a Vale e a BHP como controladoras podem ser consideradas como poluidoras indiretas e, portanto, responsáveis pelos danos ambientais causados (REUTERS, 2015).

Neste mesmo ano, escrito pela Reuters, The Guardian publicou sobre os pedidos por regulamentações mais rígidas no setor de mineração, afirmando que o desespero se transformou em raiva devido ao rompimento 'mortal' da barragem. De acordo com a notícia, as equipes de resgate seguem a procura dos desaparecidos, dentre eles Tiago Damasceno de 7 anos, enquanto a esperança é cada vez menor passados 5 dias após o ocorrido. Desde então, cerca de 750 pessoas se encontravam

desabrigadas. Na mesma matéria, Leonardo Quintão, patrocinador de um novo código de mineração no Congresso, afirma à Reuters que pretende adicionar medidas para regulamentação das barragens de rejeitos. O governador de Minas Gerais, então Fernando Pimentel, concorda que as regulamentações estaduais não são suficientes e que talvez seja necessário repensar seus esforços para acelerar o licenciamento (REUTERS, 2015).

Duarte Júnior, então prefeito de Mariana, argumenta que “Samarco é só um nome que eles inventaram. Precisamos que a BHP e a Vale assumam a responsabilidade por esta tragédia” (REUTERS, 2015). Isso porque a Samarco é uma joint venture formada 50% pela Vale, maior mineradora de minério de ferro, e 50% pela BHP Billiton, maior mineradora do mundo. Na sua próxima notícia, ainda escrita pela Reuters, o jornal evidencia as contradições da ONU com relação à toxicidade da água do Rio Doce. Enquanto a Samarco diz que a lama liberada pelo rompimento é composto por água, óxidos de ferro e sílica ou quartzo e não apresenta risco à saúde humana, o gabinete do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos argumentam que o resíduo continha altos níveis de metais pesados tóxicos e outros produtos químicos, também tóxicos. A ONU em comunicado, ainda critica a resposta das empresas e do governo brasileiro declarando ser insuficiente, já que ambos deveriam fazer de tudo para evitar mais danos (REUTERS, 2015).

Ainda em 2015, Dom Phillips escreve para o The Guardian relatando alegações de negligência por parte do governo e da indústria. Phillips sugere que o desastre poderia ter sido evitado, atribuindo-o a uma regulamentação de segurança negligente na indústria de mineração. Essa perspectiva também foi apoiada por promotores, incluindo Carlos Pinto, líder de uma equipe de promotores ambientais em Minas, que definiu negligência como a falta de devidos cuidados na operação ou monitoramento da barragem. Antes da decisão estadual de 2013 que permitiu à Samarco aumentar a altura da barragem, um relatório ambiental do Instituto Prístino expressou preocupações sobre a segurança e recomendou medidas como monitoramento, um plano de contingência e uma análise de rompimento de barragens. Pinto acrescenta “Não é possível uma barragem ser tão segura e poucos meses depois ter um desastre dessa magnitude” (PHILLIPS, 2015, tradução nossa).

No ano seguinte, conforme relatado por Terry Macalister no The Guardian, surge a notícia do pedido de indenização contra a BHP Billiton, no montante de 155

bilhões de reais (equivalente a £30 bilhões). Segundo procuradores federais em Minas Gerais, esse valor foi calculado com base nos custos de limpeza resultantes do desastre. De acordo com estudos, os impactos provocados pelo rompimento são, no mínimo, equivalentes aos observados no Golfo do México, levando à conclusão de que o valor estipulado não é crível que seja menor no Brasil do que em outros países. A reportagem também destaca os esforços da Samarco em retomar as operações da mina o mais rapidamente possível, no entanto, um oficial ambiental estadual demandou que isso não ocorra até que a empresa demonstre o fim da poluição (MACALISTER, 2016).

No mesmo ano, Farrell e Ruddick (2016) destacam as perdas significativas da BHP após a crise de commodities, somadas ao colapso da barragem. Surpreendentemente, apesar desses desafios, as ações da empresa apresentaram um aumento de 1,7%. Davies, ainda em 2016, aborda o protesto que ocorreu durante a Assembleia Geral da BHP em Londres. Ele relata que os ativistas estão pressionando a empresa a assumir a responsabilidade pelo rompimento da barragem, solicitando a remoção dos resíduos no Rio Doce e o cancelamento da construção de outra barragem na mesma região. Davies destaca ainda que os ativistas planejam denunciar a Fundação Renova, argumentando que esta não possui legitimidade, pois não está suficientemente envolvida com a comunidade (DAVIES, 2016).

Escrito pela Reuters, em 2016 The Guardian traz o processo de bilhões pelo desastre, com pagamento inicial de 7,7 bilhões de reais. Tal ação civil é separada da ação judicial enfrentada pela Samarco, Vale e BHP em março, em que as empresas pagariam cerca de 20 milhões de reais pelos danos (REUTERS, 2016). Dom Phillips, em 2016, escreve que segundo os críticos a Samarco - BHP e Vale - só quer encobrir a confusão e reabrir a mina. Segundo ele, há um incentivo financeiro para retomar as operações, tendo em vista a perda recorde de 6,4 milhões de dólares anunciada em agosto daquele ano pela BHP Billiton. Para Carlos Pinto, todo o esforço da empresa está voltado para o retorno de suas atividades ao invés de para sociedade e a recuperação ambiental (PHILLIPS, 2016).

Em 2017, o The Guardian não abordou o caso da Samarco, mas retomou a cobertura em 2018. Jonathan Watts elucida o processo que a mineradora BHP está enfrentando pelas vítimas brasileiras. Segundo ele “descobriu-se que a empresa previu com precisão os riscos numa avaliação do pior caso feita seis semanas antes”

(WATSS, 2018, tradução nossa). Já o artigo redigido por Phillips destaca documentos não divulgados que corroboram a ciência prévia da Samarco sobre a ameaça antes do desastre, mas a empresa deixou de adotar medidas preventivas. Em vez disso, focou na redução de custos e aumento da produção. Conforme observado por José Adércio Sampaio, coordenador de uma força-tarefa de procuradores federais, “priorizaram o lucro e deixaram a segurança em segundo plano” (PHILLIPS, 2018, tradução nossa). Contudo, mesmo após dois anos, ninguém assumiu a responsabilidade pelo ocorrido.

Conforme o autor, a empresa conduziu uma avaliação do cenário mais desfavorável da barragem, que alertava para a possibilidade de uma perda máxima devido à liquefação, implicando potencialmente em 20 mortes. Os promotores argumentam, adicionalmente, que a barragem que se rompeu já era intrinsecamente problemática, apresentando questões recorrentes desde o início de suas operações em 2008. Relatórios de inspeção evidenciam problemas no sistema de drenagem e sinais de erosão já nos primeiros anos. Em resposta, a Samarco tomou medidas como a redução do nível do reservatório, modificação do sistema de drenagem e implementação de diversas obras de remediação (PHILLIPS, 2015).

Entretanto, o relatório de investigação revelou que falhas na construção danificaram o sistema de drenagem original. Além disso, o documento destaca a ocorrência de três pequenos abalos sísmicos na área aproximadamente 90 minutos antes do rompimento, possivelmente acelerando o desencadeamento do evento. Em 2013 e novamente em agosto de 2014, foram observadas infiltração, saturação e rachaduras na barragem, levando a Samarco a fortalecê-la com uma berma. Um mês depois, o consultor Joaquim Pimenta Ávila alertou que a situação não estava sob controle, mas a Samarco persistiu na elevação da altura da barragem. Em resposta ao *The Guardian*, as três empresas refutaram as acusações. A Samarco não forneceu respostas às perguntas dos promotores, a BHP afirmou não ter razões para crer que estava ciente do risco, e a Vale argumentou repudiar a denúncia, alegando que nunca foi responsável pela gestão operacional da barragem. No momento do rompimento, a barragem de Fundão estava equipada com dispositivos para medir a pressão do líquido e o nível da água, mas, segundo os procuradores, vários não estavam funcionando devidamente, seja por falta de baterias ou por terem sido transferidos

para outra barragem. A ausência de uma sirene de alerta foi justificada pela Samarco, que alegou que tal medida não era exigida por lei (PHILLIPS, 2015).

Scott Ludlam também escreve para The Guardian, ainda em 2018, sobre o ocorrido em Mariana. Em uma matéria intitulada “Foi um desastre numa escala quase inconcebível, depois o mundo seguiu em frente”, Ludlam argumenta que o local não se trata de um desastre natural. Ele cita o relatório da ONU que contradisse a Samarco à respeito do chorume conter metais pesados tóxicos e outros produtos químicos e ainda afirma que apesar do vídeo de Bento Rodrigues ter sido visualizado 1,7 milhões de vezes, a atenção ao rompimento desaparece rapidamente em um mundo saturado de informações, sendo esse desvanecimento mais rápido que os impactos destrutivos. O autor enfatiza que a BHP Billiton e a Vale seguiram uma estratégia altamente eficaz de minimização de perdas, desafiando concepções fundamentais de justiça e observa que a primeira reação dessas empresas foi se esconder atrás de uma fachada corporativa, em que ambas detêm 50% de participação. Ludlam ressalta a criação da Fundação Renova em 2016, mas, mesmo três anos após a catástrofe, os residentes das comunidades ainda vivem em alojamentos temporários. O maior receio dessas pessoas é serem esquecidas à medida que a natureza recobre as ruínas de suas comunidades (LUDLAM, 2018).

Em 2019 e 2020 não houveram notícias sobre o caso de Mariana pela The Guardian. Cabe ressaltar que janeiro de 2019 foi o ano do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho. No entanto, o jornal britânico retoma as enunciações sobre Mariana em 2021, em uma matéria do qual destaca a reabertura da ação judicial movida contra a BHP em Londres. O mesmo assunto é tratado na primeira matéria de em 2022, em que Phoebe Weston destaca a fala do sócio gerente da PGMBM, Tom Godhead, em que diz:

A BHP é uma multinacional que gera enormes lucros nas regiões onde opera, e é justo que a empresa... seja responsabilizada diretamente na sua sede. Os dias em que grandes corporações faziam o que queriam em países do outro lado do mundo e escapavam impunes acabaram (GODHEAD, apud WESTON, 2016, tradução nossa).

Neste mesmo ano, Débora Linton traz em uma matéria para o jornal a história de Jonathan Knowles de 57 anos que está entre as 200 mil pessoas que movem a ação judicial contra a BHP nessa ação coletiva em Londres. Para Knowles, a água do rio era tudo. Era onde as pessoas se reuniam para pescar, praticar asa delta e

esportes náuticos, caminhar e correr no fim de semana, mas que “mesmo agora, seis anos depois, você pode colocar um ímã em um saco plástico e, se tocar na lama ao redor do rio, ele gruda” (KNOWLES apud LINTON, 2022, tradução nossa). A autora ressalta então os altos níveis de metais tóxicos encontrados na água e o perigo que isso representa às comunidades, de acordo com um estudo em dezembro de 2021. Tal estudo incluía relatos de distúrbios mentais, gastrointestinais, lesões na pele, dores ósseas e mal-estar que estão potencialmente ligados ao ocorrido. Knowles está entre as famílias que não receberam nenhuma compensação pelo rompimento, portanto, concluir o caso e receber o dinheiro para começar de novo é o que ousam esperar (LINTON, 2022).

Também em 2022, Phoebe Weston realiza a cobertura das vítimas que comparecem aos tribunais no Reino Unido. Conforme a sentença do tribunal de apelação, apresentada em um documento de 107 páginas, a BHP é convocada a prestar esclarecimentos sobre seu papel no desastre. A decisão destaca que a compensação concedida no Brasil não parece adequada. O processo, inicialmente instaurado em 2018 na Inglaterra pela PGMBM e reaberto em julho de 2021, foi minuciosamente examinado durante uma audiência de cinco dias. Um porta-voz da BHP Billiton informou que a sentença será revisada e reiterou a posição da empresa de que essa ação apenas duplica as questões já abordadas pelo trabalho em curso da Fundação Renova, supervisionado pelos tribunais brasileiros. Portanto, a empresa considera tal iniciativa desnecessária (WESTON, 2022).

Em 2023, The Guardian continua a reportar sobre o caso de Mariana, mantendo-se como uma das únicas das fontes analisadas a abordar essa questão – Deutsche Welle também aborda o evento em 2023. Sarah Johnson, autora da primeira matéria de 2023, esclarece os detalhes contidos em uma carta apresentada por indivíduos afetados, na qual acusam a BHP de racismo ambiental. A carta argumenta que as comunidades indígenas são as mais impactadas e estão em maior risco devido às atividades de mineração, continuando a enfrentar a negação de justiça por parte da empresa. A BHP, conforme declaração de um porta-voz, rejeita veementemente tais acusações. Para Tai Dhesi, deputado trabalhista de Slough, empresas que conduzem operações de grande escala global não devem ser autorizadas a se esconderem atrás de suas subsidiárias quando enfrentam problemas ou diante de um desastre ambiental. Ele destaca o papel significativo do Reino Unido em âmbito global.

Por outro lado, Jim Shannon, membro do DUP, argumenta que se comunidades britânicas e australianas tivessem sido afetadas de maneira semelhante, o caso teria sido resolvido há muito tempo. Enquanto isso, a Vale e a BHP continuam em uma disputa legal sobre quem possui a responsabilidade legal e financeira pelo desastre. Para Godhead, advogado das vítimas, essa contenda representa um espetáculo vergonhoso, no qual tempo e recursos são desperdiçados em vez de enfrentar as consequências da negligência (JOHNSON, 2023).

No mesmo ano, Johnson destaca os alarmantes casos de câncer e diabetes que aumentaram significativamente após o rompimento da barragem. Viana, líder indígena da comunidade Krenak, viu sua vida se transformar drasticamente desde o desastre. Sua comunidade não pratica mais a pesca no rio devido à contaminação da água, sendo obrigada a adquirir alimentos processados. Como resultado, doenças antes desconhecidas na região, como diabetes e hipertensão, assolaram a comunidade. A ex-mulher de Viana foi uma das 15 pessoas que faleceram devido a complicações decorrentes do diabetes desde o rompimento. Outros membros da comunidade sofrem com obesidade, depressão e ansiedade. Assim como Viana, Antônio Carvalho, cacique do povo Guarani, também testemunhou uma transformação em seu modo de vida. Ele relata que crianças que se banham na praia agora enfrentam problemas de pele e nos olhos. Membros de comunidades quilombolas expressam indignação, afirmando não terem recebido compensações adequadas e reforçando que as empresas não podem simplesmente explorar recursos e deixá-los em condições precárias (JOHNSON, 2023).

A mais recente matéria publicada até o momento sobre o ocorrido foi redigida por Constance Malleret em novembro de 2023. no artigo, Malleret narra o caso de Marino D'Ângelo Júnior, que, desde o rompimento, depende regularmente de antidepressivos e medicamentos para dormir. Segundo ela, o homem de 54 anos viu sua identidade ser despedaçada pelo derramamento de lama que devastou sua cidade, que há quase uma década ainda aguarda por justiça. Para D'Ângelo Júnior, o rompimento resultou em uma série de rupturas invisíveis, afetando conexões, laços familiares, comunidades, histórias e sonhos. Malleret argumenta que, até o momento, ninguém foi responsabilizado pelo desastre e que o processo judicial brasileiro contra oito réus acusados de crimes ambientais se arrasta há quase 7 anos (MALLERET, 2023).

Finalizada a apresentação das diversas enunciações presentes no The Guardian, expõe-se agora os grupos temáticos que estruturam suas narrativas. Essa organização também permite observar as ênfases discursivas em suas publicações:

Quadro 07 – Síntese descritiva da análise de narrativas do The Guardian

GRUPOS TEMÁTICOS	EXEMPLOS DE NARRATIVAS	CONTEÚDO NARRATIVO	QUANTIDADE DE ÊNFASES
Desdobramentos	Três anos após a catástrofe, os residentes das comunidades mais afectadas ainda vivem em alojamentos temporários, enquanto o governo hesita na construção de novos assentamentos, e muitos outros se vêem confrontados com advogados empresariais cujo único imperativo é reduzir os custos (LUDLAM, 2018)	Implicações sociais, ambientais e econômicas	4
Ecocídio	Em cinco dias de esforços de resgate em cidades devastadas pelo enorme fluxo de lama, seis corpos foram encontrados e 22 pessoas ainda estão desaparecidas, tornando foi um dos piores desastres de mineração da história do Brasil (REUTERS, 2015).	História, Mariana, tragédia	9
Complicadores	Seis meses antes de uma barragem contendo milhões de litros de resíduos de mineração ruir, matando 19 pessoas no pior desastre ambiental do Brasil, a empresa operar a mina previu com precisão o impacto potencial de tal desastre em uma avaliação de risco no pior caso (PHILLIPS, 2018).	Dados relevantes sobre a performance da empresa	5
Responsabilidade	O que causou o rompimento da barragem ainda não está claro, mas há sugestões de que esta foi uma catástrofe evitável, resultado de uma regulamentação de segurança negligente na indústria de mineração brasileira (PHILLIPS, 2015).	Omissões, erros, negligência e culpa	2
Agentes externos	A família de Knowles não recebeu nenhuma compensação no Brasil, onde Samarco, BHP e Vale estabeleceram a Fundação Renova para mitigar as consequências ambientais do colapso e fornecer compensação a indivíduos e	Comunidade, vítimas e agências	7

	algumas pequenas empresas por perdas e danos (LINTON, 2022).		
Questões Legais	Ninguém ainda foi responsabilizado pelo desastre socioambiental. BHP, Vale, Samarco e outros oito réus são acusados de crimes ambientais em um processo judicial brasileiro que se arrasta há sete anos (MALLERET, 2023)	Denúncias, processo, ações e multas	4
Samarco	A Samarco disse em nota que os testes pré e pós-desastre mostram que a lama liberada no rompimento da barragem, uma mistura de água, óxidos de ferro e sílica ou quartzo conhecida como rejeito, não apresentava perigo à saúde humana e não continha contaminantes da água. (THE GUARDIAN, 2015).	Declarações, decisões, notícias e informações	2
Acordos	Separadamente da ação civil, as três empresas firmaram um acordo com os governos federal e estadual em março de 2016 para realizar programas de reparação, restauração e reconstrução. Gastaram mais de mil milhões de dólares numa enorme operação de limpeza e socorro, separada das ações civis lançadas pelos procuradores (PHILLIPS, 2018).	Acordos assinados	2
Retomada das atividades minerárias	A Samarco está tentando trazer a mina de volta à operação o mais rápido possível, mas um oficial ambiental do estado exigiu que isso não aconteça até que a empresa possa mostrar que a poluição acabou (MACALISTER, 2016).	Termos, licenças e prazos	1
Assuntos diversos	Em 2016, BHP, Vale e Samarco criaram a Fundação Renova para compensar perdas e danos. Até à data, a BHP afirma que a fundação gastou mais de 32 mil milhões de reais (5,3 mil milhões de libras) em programas de reparação e compensação, com cerca de 50% desse valor pago como compensação individual diretamente às pessoas afetadas (MALLERET, 2023).	Projetos, pesquisas, BHP e Vale	3
Reparos e respostas	Quase uma década depois, as pessoas afetadas pela pior tragédia ambiental do Brasil ainda aguardam justiça enquanto vivem à sombra da	Avaliações e reclamações	4

	lama tóxica que varreu a vida como a conheciam. (MALLERET, 2023).		
--	---	--	--

Fonte: elaborado pela autora a partir das narrativas do The Guardian

O quadro apresenta um total de 43 ênfases discursivas, onde se destaca claramente que o The Guardian concentrou sua atenção nos temas de ecocídio, agentes externos e complicadores. Esses aspectos foram destacados em maior número, representando quase a metade de todas as ênfases identificadas, ficando apenas uma contagem abaixo da metade. Nesse contexto, a próxima fonte midiática a ser abordada é a americana, The New York Times.

4.2.5 The New York Times

The New York Times, por sua vez, teve ainda menos matérias publicadas sobre a ruptura da barragem, mesmo quando comparado a Al Jazeera, e abordou os acontecimentos sem demonstrar um interesse evidente na busca por respostas sobre o ocorrido. Com um ar mais informativo e com mais objetividade, o jornal evidencia os pormenores do rompimento, conferindo um destaque aos elementos complicadores para a Samarco. The New York Times teve sua primeira edição em setembro de 1851 e foi fundada por Henry Jarvis Raymond. Com a sua sede em Manhattan, Nova Iorque, o jornal americano possui uma abordagem focada na qualidade e cobertura imparcial dos acontecimentos globais.

Publicada no dia 05 de novembro de 2015, a primeira matéria que relatou o rompimento trouxe as informações sobre a barragem argumentando que o episódio “surpreendeu um país que depende fortemente de barragens para produzir eletricidade e da mineração para gerar receitas de exportação” (ROMERO, 2015, tradução nossa). A matéria também evidencia que, segundo um funcionário do Departamento Nacional de Produção Mineral, os resíduos não são considerados de alto risco de poluição, uma vez que, a lama consistia principalmente de rocha com pequenas quantidades de minério de ferro natural. Na mesma matéria, o promotor de Minas Gerais, Carlos Eduardo Ferreira Pinto argumentou que existe a necessidade de rigor na determinação do que ocorreu.

A matéria seguinte foi publicada ainda em novembro do mesmo ano. Escrita pela Reuters, a matéria traz informações sobre os níveis ilegais de arsênio e mercúrio contendo no rio, elucidado a posição da Samarco e de seus co-proprietários de que os níveis não são tóxicos. Ainda em 2015, o jornal ainda publica sobre tal lama tóxica, em que Vanessa Bárbara escreve: “Não tinha sistema de alarme nem um bom plano de emergência ou rotas de evacuação designadas. Segundo os moradores, ninguém foi avisado sobre a violação” e acrescenta, Mais de um mês após o rompimento da barragem, não está claro quanto tempo levará para o ecossistema – e a economia – se recuperar.” (BARBARA, 2015, tradução nossa).

No ano seguinte, o jornal fala sobre os acusados pelo rompimento da barragem, no qual o então presidente e outras seis pessoas foram acusadas de homicídio qualificado pela morte das então 17 pessoas. Após essa matéria, somente em 2019 o jornal volta a comentar sobre o rompimento, em uma notícia escrita pela Reuters, do qual traz as acusações da Polícia Federal contra a Vale e alguns funcionários, apresentando as acusações feitas contra o auditor do projeto TÜV SÜD por falsificação dos documentos que atestavam a estabilidade da barragem (REUTERS, 2019). No quadro a seguir, exhibe-se as ênfases discursivas proferidas pelo The New York Times estruturadas em grupos temáticos:

Quadro 08 – Síntese descritiva da análise de narrativas do The New York Times

GRUPOS TEMÁTICOS	EXEMPLOS DE NARRATIVAS	CONTEÚDO NARRATIVO	QUANTIDADE DE ÊNFASES
Desdobramentos	O episódio num distrito de Mariana, uma cidade de 58 mil habitantes no estado de Minas Gerais, surpreendeu um país que depende fortemente de barragens para produzir eletricidade e da mineração para gerar receitas de exportação (ROMERO, 2015)	Implicações sociais, ambientais e econômicas	1
Ecocídio	Mais de um mês após o rompimento da barragem, não está claro quanto tempo levará para o ecossistema – e a economia – se recuperar. E mais duas barragens na região correm risco de rompimento (BÁRBARA, 2015).	História, Mariana, tragédia	2

Complicadores	Níveis ilegais de arsênico e mercúrio poluíram um rio dias após o rompimento de uma barragem em uma mina de minério de ferro neste mês, no pior desastre ambiental do Brasil, de acordo com testes de uma agência estadual de recursos hídricos, o Instituto de Gestão das Águas de Minas Gerais (REUTERS, 2015).	Dados relevantes sobre a performance da empresa	1
Responsabilidade	Não tinha sistema de alarme nem bom plano de emergência ou rotas de evacuação designadas. Segundo os moradores, ninguém foi avisado sobre a violação (BÁRBARA, 2015).	Omissões, erros, negligência e culpa	1
Questões Legais	Polícia Federal propôs acusações criminais contra a empresa de engenharia Vale e vários funcionários em relação ao rompimento mortal de uma barragem em janeiro, de acordo com documento visto pela Reuters (REUTERS, 2019).	Denúncias, processo, ações e multas	2
Samarco	A Samarco, a operadora da mina, e seus coproprietários, BHP Billiton e Vale, disseram repetidamente que a água e os resíduos minerais liberados pelo rompimento da barragem não eram tóxicos (REUTERS, 2019).	Declarações, decisões, notícias e informações	1

Fonte: elaborado pela autora a partir das narrativas do The New York Times

O quadro acima exhibe um conjunto de 8 ênfases discursivas, evidenciando que o jornal americano direcionou seu enfoque para os temas de ecocídio e questões legais. Esses aspectos foram proeminentemente destacados, totalizando precisamente a metade de todas as ênfases identificadas. Isto posto, o próximo capítulo abordará o falar, o dizer e a doxa da Samarco e das fontes midiáticas aqui apresentadas.

4.3 O FALAR, O DIZER E A DOXA DA SAMARCO E DAS FONTES MIDIÁTICAS INTERNACIONAIS

Ao considerar as narrativas exibidas nesta pesquisa, diversas análises podem ser feitas à luz de Pierre Bourdieu. Tal autor fundamenta sua teoria na história, na qual surgem distinções como indivíduo e sociedade, subjetivo e objetivo, ao longo de seu

percurso de estudos sobre a linguagem, o autor esclarece o jogo semântico entre "falar" e "dizer". Isso ocorre devido às diferentes interpretações da linguagem e resulta das interações linguísticas (SIEMON, 1997; BOURDIEU, 2008). As interações linguísticas são atos simbólicos que contribuem para a construção de significado no discurso. Segundo Bourdieu, essas interações linguísticas têm o poder de atualizar as relações de poder entre os emissores e seus grupos, representando relações de poder simbólico. É por meio de uma linguagem considerada legítima que essas interações linguísticas ocorrem, conferindo autoridade ao falante diante de um discurso (BOURDIEU, 2008). Assim, ao considerar a Samarco Mineração S.A. como empresa dominante no setor de mineração em Mariana e o que ocorreu no ano de 2015, pode-se levantar diversos discursos sobre o tema que foram elucidados em seus relatórios, antes, durante e depois do rompimento, no qual essa pesquisa, volta os olhos à enunciação ocorridas após o rompimento.

Bourdieu (2008) propõe o conceito de falar como resultado das diferentes recepções por meio da linguagem, destacando-o como um rito de passagem que contribui para a construção da representação social. Como já mencionado, o ato de falar representa a expressão tangível das palavras, utilizando a linguagem para legitimá-las e conferir-lhes validade. Nesse contexto, a Samarco Mineração S.A. emprega narrativas que afirmam que o rompimento da barragem foi um acidente. Essa narrativa foi proferida por Ricardo Vescovi, então presidente da Samarco, durante a coletiva de imprensa realizada em 13 de novembro de 2015, na qual ele declarou lamentar profundamente o ocorrido (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015).

No entanto, em outra entrevista coletiva, Kleber Terra, então diretor de operações e infraestrutura, juntamente com Germano Lopes e José Bernardo, respectivamente gerente geral de projetos estruturantes e engenheiro civil e geotécnico, afirmou que a empresa é uma referência em monitoramento de barragens, superando as normas estabelecidas. Eles afirmaram que, no dia do acidente, a Samarco Mineração S.A. seguiu integralmente o Plano de Emergência. Quando questionados sobre a possibilidade de pedir desculpas às comunidades e famílias afetadas, responderam que não consideravam a situação como um caso de desculpas, mas sim como uma necessidade de investigar o que realmente ocorreu. Eles enfatizaram que a Samarco Mineração S.A. sempre se esforçou para minimizar

os impactos causados, conforme declarado no documento da empresa (SAMARCO, 2015d).

Observa-se que ao longo dos anos, a empresa busca afirmar e conquistar o reconhecimento como uma organização comprometida com práticas sustentáveis por meio de um discurso dominante. Como mencionado anteriormente, esse discurso pode ser interpretado como uma estratégia destinada a fortalecer a legitimação e aceitação por parte dos agentes de maneira simbólica. A concepção de estratégia surge como uma ferramenta derivada da ruptura com a perspectiva objetivista, sendo "um produto do senso prático como o sentido do jogo, de um jogo social específico, historicamente definido, adquirido desde a infância ao participar das atividades sociais" (BOURDIEU, 2004, p. 81). A estratégia representa a margem de improvisação do agente, ou seja, a perspectiva subjetivista que rompe com a visão dicotômica, garantindo a capacidade de ação do indivíduo.

Portanto, a Samarco Mineração S.A. constrói narrativas que afirmam que o rompimento foi uma tragédia sem precedentes na mineração brasileira. Segundo a empresa, "assim como a sociedade, a Samarco buscou compreender o que levou a um rompimento sem precedentes como este" (SAMARCO, 2015 e 2016, p. 61). Dessa forma, a análise das narrativas sugere, no que se refere à configuração objetiva, o falar, que a Samarco Mineração S.A. se posiciona como uma empresa que respeita o meio ambiente, considerando-se sustentável. No entanto, ela reafirma sua natureza competitiva em busca do lucro e argumenta que o rompimento da barragem foi um acidente, no qual a empresa agiu prontamente para auxiliar as famílias afetadas e prestar esclarecimentos.

Neste ponto, levanta-se a colocação da Samarco referente ao risco que rompimentos de barragens representa ao seu negócio como sendo algo inerente a sua operação, ressalta-se o argumento proposto por Higgins (2013) sobre a não necessidade de comprovar intenção em casos de ecocídio, visto que a intenção abre lacunas para o não cumprimento da responsabilidade legal frente aos danos e a destruição causada. Ela acrescenta que, muitas vezes, ecocídios corporativos são vistos como acidentes, exatamente como a Samarco argumenta, ou seja, é extremamente raro que as corporações tenham a intenção deliberada de causar danos e destruição em larga escala, neste cenário esses danos são frequentemente considerados uma consequência não planejada.

Nos anos de 2015 e 2016, torna-se evidente uma significativa apreensão quanto à continuidade e à retomada das atividades da empresa. Essa preocupação é explicitada em uma narrativa contida no Relatório de Sustentabilidade 2015-2016, que destaca que "esse acontecimento [...] marcou a história da Samarco, demandando uma considerável capacidade de resposta e expondo a empresa a diversos outros riscos, incluindo os relacionados à reputação, às licenças de operação e à sua própria continuidade" (SAMARCO, 2015, 2016, p. 15). Mais adiante, ela ainda acrescenta:

A Samarco entende que os custos computados referentes às ações emergenciais já empreendidas são apenas o começo de um extenso trabalho para recuperar todo o impacto causado. Por isso, para além das ações de reparação e compensação, pretende-se promover o retorno às operações da empresa e, com isso, cumprir com os compromissos assumidos com o poder público e a sociedade (SAMARCO, 2015 e 2016, p. 29).

A inquietação em relação ao retorno da empresa persiste no relatório subsequente, acompanhada pela apreensão acerca de sua reputação, que, conforme destacado, encontra-se comprometida. No relatório referente ao ano de 2017 e à primeira metade de 2018, observa-se uma modificação na missão da empresa, na qual são retirados os elementos ligados ao desenvolvimento econômico e social, ao respeito às pessoas e ao meio ambiente. Uma vez que a missão não se altera todo dia, a alteração de perspectiva resultou das atividades conduzidas por uma empresa que se comprometia publicamente a produzir e fornecer pelotas de ferro, aplicar tecnologia, otimizar o uso de recursos naturais, promover o desenvolvimento econômico e social, além de respeitar as pessoas e o meio ambiente, já que sua missão até então era "produzir e fornecer pelotas de minério de ferro, aplicando tecnologia de forma intensiva para otimizar o uso de recursos naturais e gerando desenvolvimento econômico e social, com respeito às pessoas e ao meio ambiente" (SAMARCO, 2012, p. 15). Este compromisso foi rompido, como evidenciado pela ruptura na missão da empresa.

Em contrapartida, na sua nova missão são introduzidos conceitos de segurança, eficiência e inovação, buscando assim projetar uma imagem de transformação e conferir uma nova identidade à empresa. Assim, a partir desse comunicado, como forma de buscar revitalizar a estabilidade da empresa por meio de uma comunicação pública permanente, houve uma tentativa de destacar a singularidade e mudança na atualização da formulação da missão, passando então a ser expressa como "otimizar a transformação dos recursos minerais em valor para a

sociedade, de forma segura, eficiente e inovadora, tanto no presente quanto no futuro" (SAMARCO, 2017, 2018, p. 14).

Quando se aborda o falar, que consiste na externalização das palavras de maneira objetiva, como nas declarações da Samarco Mineração S.A., Bourdieu (2008) introduz o conceito de dizer, englobando a capacidade interpretativa das palavras e os aspectos subjetivos da linguagem. O dizer surge da atribuição de sentido às palavras e é construído por meio da linguística. Nesse contexto, ao analisar as declarações veiculadas nos canais de comunicação da Samarco, é possível atribuir, por meio dos efeitos simbólicos da linguagem, diversos significados às proibições explicitadas pela autoridade institucionalizada. Em outras palavras, busca-se compreender o que se quis transmitir por meio dessas falas.

A nova missão enfatiza a segurança, eficiência e inovação, tanto no presente quanto no futuro. Essa mudança sugere uma transição da empresa em direção a uma abordagem mais ampla, limitando-se a um discurso vazio, que negligencia assumir responsabilidade por seu passado. Neste ponto, destaca-se ainda que a enunciação da Samarco em 2018 revela uma dissonância intrigante em sua missão. Ao passo que o discurso se concentra no presente e no futuro, exaltando temas como produção, eficiência, inovação e desenvolvimento, parece ignorar o passado marcado pelo rompimento da barragem de Mariana em 2015. Essa contradição se torna ainda mais evidente quando analisamos a nova missão da empresa, publicada três anos após o desastre de Fundão. Apesar de mencionar a responsabilidade social e ambiental, a missão não faz menção específica ao rompimento, reforçando a sensação de que a empresa busca distanciar-se de seu passado.

Logo, com base nas narrativas analisadas, no que diz respeito à configuração subjetiva, o dizer, pode-se concluir que a Samarco Mineração S.A. demonstra preocupação com sua reputação e a retomada de suas atividades. Destaca-se, portanto, que a busca por interesses econômicos prevalece sobre as preocupações sociais e ambientais e que a empresa também parece não perceber a necessidade de oferecer um pedido de desculpas, considerando-se inocente e enfatizando seus esforços para mitigar os impactos do rompimento. A abordagem e o posicionamento em relação às falas e os dizeres da empresa tornam-se discerníveis ao analisar detidamente as declarações exibidas em seus relatórios.

Em relação ao falar, observa-se narrativas abordando temas como produção, eficiência, tecnologia, inovação, otimização, desenvolvimento econômico e social, criação de valor para a sociedade, respeito pelas pessoas, pelo meio ambiente, reputação, licença de operação, continuidade, compromissos com o governo e com a sociedade, além de avaliações de risco. Por outro lado, em relação ao dizer, as narrativas envolvem tópicos como geração de caixa, manutenção de liquidez, realização e preservação de investimentos, controle de custos, esforços consideráveis para recuperar o impacto causado e a promoção do retorno das operações. O quadro a seguir apresenta algumas das narrativas referente à configuração objetiva, o falar, e à construção subjetiva, o dizer:

Quadro 09 – Narrativas quanto a configuração objetiva (falar) que embasaram a construção subjetiva (dizer)

CONFIGURAÇÃO OBJETIVA	CONSTRUÇÃO SUBJETIVA
<p>O rompimento da barragem foi uma tragédia ambiental sem precedentes na mineração brasileira (SAMARCO, 2015 e 2016, p. 61).</p> <p>Apesar da paralisação das atividades relacionadas ao processo produtivo da Samarco, houve produção de pellet feed e consideráveis emissões a partir do consumo de combustíveis, aquisição de energia elétrica e obras da barragem, que caracterizam os escopos 1 e 2 (SAMARCO, 2015 e 2016, p. 41).</p> <p>A fim de agir com a maior prontidão possível, imediatamente após o rompimento, a empresa concentrou esforços na assistência emergencial às vítimas, aos seus familiares e às comunidades impactadas e na prestação de esclarecimentos às autoridades e aos órgãos competentes (SAMARCO, 2015 e 2016 p. 6).</p> <p>Em um primeiro momento, entre 2015 e 2016, a Samarco concentrou os esforços nas ações humanitárias e emergenciais associadas à população das áreas impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão, de Minas Gerais ao Espírito Santo. Essas medidas foram acompanhadas de discussões sobre os programas de recuperação socioeconômica e socioambiental – que posteriormente se traduziram na construção do Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC), firmado em março de 2016 entre a Empresa e suas acionistas</p>	<p>Por isso, para além das ações de reparação e compensação, pretende-se promover o retorno às operações da empresa e, com isso, cumprir com os compromissos assumidos com o poder público e a sociedade (SAMARCO, 2015 e 2016, p. 29).</p> <p>A Samarco teve que enxugar sua estrutura ao longo desse período e isso tem sido um desafio constante na manutenção do seu capital intelectual. E a formação do Comitê Executivo (EXCO) trouxe foco e velocidade nesse momento de reinvenção da Empresa (SAMARCO, 2017 e 2018, p. 6).</p> <p>A reputação forte da Samarco, sinalizada até a última pesquisa realizada anteriormente ao rompimento da barragem de Fundão, demonstrava a percepção positiva da sociedade sobre como a Empresa gerenciava seus impactos ambientais. Depois do rompimento da barragem de Fundão em 2015, no entanto, essa confiança foi abalada: reconstruí-la é um desafio assumido por todos os empregados, expresso na Missão, na Visão e nos Valores organizacionais e traduzido no novo Mapa Estratégico que aponta suas diretrizes para o futuro (SAMARCO, 2017 e 2018, p. 34).</p>

Vale e BHP, e os governos federal e estaduais de Minas Gerais e Espírito Santo, e diversos entes e organizações (SAMARCO, 2017 e 2018, p. 16).

Fonte: elaborada pela autora com base nas enunciações feitas pela mineradora.

No entanto, pôde ser observado uma alteração no falar e no dizer da empresa, uma vez que ela retoma suas atividades em dezembro de 2020. Quando a empresa retoma então as operações, seu foco parte para mudar a percepção da sociedade perante sua reputação que se encontra abalada, o que a faz criar o que eles chamam de nova identidade, a Nova Jornada da Samarco. Nota-se também o objetivo da empresa em reforçar que operam em apenas 26% de sua capacidade e que os números correspondentes aos endividamentos da empresa precedem ao rompimento. O quadro a seguir evidencia algumas dessas narrativas referente ao seu falar e seu dizer após o retorno das suas atividades em 2020:

Quadro 10 – Narrativas quanto a configuração objetiva (falar) que embasaram a construção subjetiva (dizer)

CONFIGURAÇÃO OBJETIVA	CONSTRUÇÃO SUBJETIVA
<p>Promover uma reconstrução completa de nossos fundamentos operacionais, relações e processos foi um compromisso assumido pela Samarco ao longo dos últimos anos (SAMARCO, 2020, p. 11).</p> <p>Paralelamente às ações emergenciais, seguimos comprometidos com nosso plano de negócios, que contempla um retorno gradual e seguro às atividades minerárias e de beneficiamento, transporte, pelotização e embarque de minério de ferro, e com a construção de uma agenda de compromissos pelo desenvolvimento sustentável (SAMARCO, 2020, p. 11).</p> <p>Por meio das lições aprendidas, seguimos firmes em nosso compromisso com a reparação e compensação dos impactos causados pelo rompimento da barragem de Fundão e trabalhamos para operar com plena capacidade até 2029 (SAMARCO, 2021, p. 26).</p> <p>O rompimento da barragem de Fundão é um acontecimento que ficará para sempre marcado em nossa história (SAMARCO, 2021, p. 30).</p> <p>Ao longo do tempo, consolidamos posição de referência global pela produção de pelotas com</p>	<p>O principal desafio da Empresa, hoje, está nos passivos associados às dívidas com credores e às obrigações relacionadas ao financiamento da reparação socioambiental e socioeconômica pós-rompimento da barragem de Fundão (SAMARCO, 2020, p. 56).</p> <p>Também mantínhamos uma reputação forte – conforme metodologias de referência – nas comunidades, o que nos desafia a reconquistar esse lugar na sociedade para além de questões econômicas, de emprego e de renda, considerando também a percepção de segurança quanto aos nossos processos produtivos e instalações (SAMARCO, 2020, p. 87).</p> <p>Reconhecendo a posição difícil da Empresa em relação a dívidas originadas antes do rompimento da barragem de Fundão, fizemos o ajuizamento do pedido de recuperação judicial da Samarco em abril de 2021 (SAMARCO, 2021, p. 15).</p> <p>Nosso plano de negócios prevê, com uma série de habilitadores e requisitos legais, sociais e ambientais, o retorno a 100% da capacidade produtiva até 2028. Para isso, nos empenhamos em, com humildade, respeito às pessoas e</p>

<p>alto teor de minério de ferro, capazes de atender diferentes players da indústria siderúrgica, e construímos relações sólidas com as comunidades que nos recebem. Essa história, entretanto, foi transformada pelo rompimento da barragem de Fundão, em novembro de 2015 – que gerou impactos socioambientais nos dois estados em que estamos presentes e paralisou nossas atividades até dezembro de 2020 (SAMARCO, 2022, p. 12).</p> <p>Desde o rompimento da barragem de Fundão e da assunção de diversos compromissos com a sociedade, fortalecemos esse diálogo nos fóruns institucionais e buscamos ser cada vez mais proativos na comunicação (SAMARCO, 2023, p. 73).</p>	<p>resiliência, avançar em nossa Nova Jornada e reconquistar a confiança historicamente depositada sobre nós pela sociedade brasileira (SAMARCO, 2022, p. 12).</p> <p>O compromisso da Samarco com a reparação dos impactos socioambientais e socioeconômicos gerados após o rompimento da barragem de Fundão é um habilitador e requisito para nosso negócio (SAMARCO, 2022, p. 21).</p> <p>Oferecer condições e percepção real de segurança às comunidades anfitriãs é outra prioridade para nós, sobretudo após o rompimento da barragem de Fundão e da necessidade de reconquistarmos a confiança da sociedade quanto ao negócio (SAMARCO, 2022, p. 56).</p>
---	--

Fonte: elaborada pela autora com base nas enunciações feitas pela mineradora.

Assim, no que diz respeito ao falar, percebe-se narrativas que revisitam temas como produção, eficiência, tecnologia, inovação, otimização, desenvolvimento econômico e social, criação de valor para a sociedade, respeito pelas pessoas e pelo meio ambiente, reputação, continuidade, compromissos com o governo e com a sociedade, avaliações de risco, além de lições aprendidas e compromissos assumidos, e, anteriormente abordadas em seu dizer, o retorno das atividades. Já relativo ao dizer, as narrativas se concentram novamente em tópicos como geração de caixa, manutenção de liquidez, realização e preservação de investimentos, controle de custos, além do retorno a 100% da capacidade produtiva, gestão de dívidas adquiridas e preservação da reputação da empresa.

Bourdieu (2008) esclarece que entre o falar (dimensão objetiva) e o dizer (dimensão subjetiva), existe uma linguagem impregnada de sentido (dimensão simbólica), denominada por Bourdieu como doxa. A doxa, segundo o autor, desempenha o papel de reproduzir a ordem de dominação estabelecida, constituindo-se como uma imposição simbólica que representa uma visão considerada única e verdadeira. Essa dimensão simbólica credencia os dominantes a impor perspectivas, consolidar ideias, pensamentos e ações. Em termos mais simples, a doxa é responsável pelo discurso que é aceito, naturalizado e compartilhado por todos, tornando-se particularmente significativa quando associada ao simbólico - o que não pode ser objetivamente explicado pela subjetividade individual (BOURDIEU, 2008).

Por meio da dimensão objetiva, a Samarco obscurece ainda mais a dimensão subjetiva, com o propósito de desviar a atenção dos pontos críticos relacionados ao ocorrido, adotando estratégias para manter suas narrativas, e direcionando-se a um discurso que enfatiza sua postura sustentável, retratando o rompimento da barragem como um acidente. A prioridade declarada pela empresa é o atendimento às famílias, vítimas do ocorrido e comunidades afetadas, constituindo-se como uma manifestação da *doxa*. Dessa forma, a Samarco Mineração S.A. reproduz uma visão geral que destaca o retorno das atividades - antes de 2020 - e o retorno à 100% - depois de 2020 - e a preservação de sua reputação, especialmente ao abordar temas como reparação, respeito ao meio ambiente e assistência às vítimas. Esse posicionamento pode ser identificado em declarações como "[...] a empresa concentrou esforços na assistência emergencial às vítimas, aos seus familiares e às comunidades impactadas e na prestação de esclarecimentos às autoridades e aos órgãos competentes" (SAMARCO, 2015, p. 6); "Todos os esforços de resgate foram realizados e a Samarco buscou dar suporte integral às famílias das vítimas" (SAMARCO, 2018 e 2019, p. 34).

Sabendo que a *doxa* pode ser encontrada em quatro orientações: ortodoxia, heterodoxia, *alodoxia* e ortodoxosofia (BOURDIEU, 2012), algumas narrativas elucidaram tais posicionamentos. A ortodoxia tende a impor a ordem estabelecida pela *doxa*, referindo-se ao discurso codificado dominante, estando situada nas diversas enunciações dos diretores e gerentes da Samarco. Ela corresponde à orientação que procura manter a ordem imposta pela *doxa*, sendo responsável por reproduzir o discurso dominante compartilhado como verdade única (BOURDIEU, 2008). Assim, algumas narrativas podem ser levantadas com posicionamentos ortodoxos, como a fala de Kleber Terra, então diretor de operações e infraestrutura, que afirmou não sentir necessidade de um pedido de desculpas pela empresa. Outros discursos também incluindo ao atendimentos às vítimas e orientados por uma ortodoxia, podem ser elucidados:

Quadro 11 – Narrativas ortodoxas antes de 2020

A fim de agir com a maior prontidão possível, imediatamente após o rompimento, a Empresa concentrou esforços na assistência emergencial às vítimas, aos seus familiares e às comunidades impactadas e na prestação de esclarecimentos às autoridades e aos órgãos competentes. Também foram priorizadas a destinação de recursos para as ações emergenciais [...] (SAMARCO, 2015, 2016 p. 6).

Com o apoio da BHP Billiton e da Vale, a Samarco se mobilizou, desde o rompimento da barragem de Fundão, para prestar assistência às comunidades impactadas, para reinstalar a população desabrigada, apoiar a busca por desaparecidos e prestar esclarecimentos às autoridades e ao poder público (SAMARCO, 2015, 2016 p. 68).

O outro lado do rio que desce, na margem direita dele teve uma parte bem atingida que lá a gente não conseguiu nem acessar lá ainda, mas não tem mais ninguém, as famílias de lá já estão todas realocadas (VILLAS BOAS, 2016a).

Foi uma coisa muito feia o que aconteceu, mas quando chegou aqui a empresa Samarco já estava por perto né, pra dar uma assistência à essa situação e por isso amenizou bastante o que a gente tava esperando (SOUZA DE OLIVEIRA, 2016a).

Após atuar nas ações emergenciais e humanitárias em resposta ao rompimento da barragem de Fundão, a Samarco e suas acionistas se tornaram responsáveis por prover recursos para os processos de reparação e compensação, e a Fundação Renova [...] (SAMARCO, 2017, 2018, p. 3).

Todos os esforços de resgate foram realizados e a Samarco buscou dar suporte integral às famílias das vítimas (SAMARCO, 2018, 2019, p 34).

Fonte: elaborada pela autora com base nas enunciações feitas pela mineradora.

No que diz respeito à heterodoxia e à alodoxia, Bourdieu (2008) conceitua a heterodoxia como o discurso que entra em confronto com a doxa, desafiando constantemente o alinhamento à ortodoxia. Trata-se de um embate político que confronta continuamente a ordem estabelecida. Logo, com relação a discursos heterodoxos, foram encontradas apenas duas: as declarações de Ricardo Vescovi, então presidente da Samarco, e Rodrigo Alvarenga Vilela, atual presidente da empresa, no qual manifestaram tristeza e apresentaram um pedido de desculpas pelo terrível acontecimento na Barragem do Fundão, diferentemente do discurso adotado pela Samarco. Por outro lado, a alodoxia refere-se a um discurso confuso e equivocado, porém favorecido pelo discurso dominante. Essa perspectiva aponta para uma narrativa alternativa que não se enquadra na relação dualística das duas histórias (BOURDIEU, 2008). Em relação a tal posicionamento da doxa, foi encontrada a narrativa de Kleber Terra, que declara:

A gente teve um evento trágico, a Samarco também está envolvida neste evento trágico e a gente está muito solidário e muito envolvido com tudo que aconteceu. Nós também somos funcionários orgulhosos dessa empresa. [...] a Samarco está fazendo o seu melhor esforço para diminuir ao máximo o impacto que a gente causou na vida das pessoas com esse trágico evento (TERRA, 2015d).

Na ocasião, o diretor de operações e infraestrutura declara orgulho da empresa em nome de outros dois funcionários presentes na coletiva, o que representa uma

tentativa de atribuir à empresa um reconhecimento público inadequado a partir de um esforço de representar e explicar a doxa da Samarco de maneira enganosa, e dessa forma, consolidando o que Bourdieu chamou de *alodoxia*.

O quarto posicionamento possível da doxa é denominado *doxosofia*. Este envolve um discurso que busca aparentar cientificidade, utilizando termos rebuscados para a interpretação e/ou produção de juízos de valor. A *doxosofia* se apropria de terminologia elaborada com o objetivo de conferir credibilidade ao discurso (BOURDIEU, 1972). Esse posicionamento específico foi identificado nas declarações de Kleber Terra e Germano Lopes, então diretor de operações e infraestruturas e gerente geral de projetos estruturantes, respectivamente, durante uma coletiva de imprensa realizada em 18 de novembro de 2015. Na ocasião, ao ser questionado sobre a segurança da barragem de Santarém, afetada devido ao efeito cascata do rompimento da barragem de Fundão, a resposta baseou-se em números e estatísticas, deixando os repórteres sem compreender totalmente o significado desses dados (SAMARCO, 2015).

Após o retorno das atividades a empresa passou a reproduzir uma doxa diferente. Deixando de lado cada vez mais as ações realizadas para recuperação das comunidades e o apoio às vítimas do rompimento de Fundão, deixando para a empresa criada, a Fundação Renova, a Samarco passa a manifestar uma doxa de que lições foram aprendidas, buscando novamente encobrir a sua subjetividade referente ao retorno total de sua capacidade de produção e a sua preocupação com o âmbito financeiro. Posicionamentos ortodoxos podem ser encontrados nos três relatórios publicados pela Samarco após o seu retorno às atividades, principalmente na sessão contendo a mensagem do presidente, Rodrigo Vilela. Quanto aos discursos orientados pela heterodoxia, *alodoxia* e *doxosofia* não foram encontradas narrativas da Samarco Mineração S.A. que elucidassem tais posicionamentos.

Quadro 12 – Narrativas ortodoxas após 2020

Para isso, somamos as lições aprendidas às exigências da sociedade e dos organismos reguladores; reorganizamos nossos processos e nossa estrutura corporativa; e iniciamos os trabalhos voltados à retomada, que incluíram o estudo de novos modelos de produção, a obtenção de licenças ambientais e operacionais – um processo de alta complexidade, dada a conjuntura de retomada e os requerimentos para todos os ativos e estruturas – e o estreitamento de laços com as comunidades próximas (SAMARCO, 2020, p. 23).

A partir das lições aprendidas após o rompimento da barragem de Fundão em 2015, que marcou nossa história e impactou os fundamentos do setor mineral, desenvolvemos uma profunda revisão de missão, visão, valores, cultura, processos e estratégias, pautados por pilares de governança e cultura organizacional, relações sociais, meio ambiente e segurança e inovação – expressos em nossa Declaração de Compromisso com a Sustentabilidade (SAMARCO, 2021, p. 20)

Essa demanda vai além de uma pressão social; é uma agenda positiva com a qual a Empresa está comprometida para concretizar seu novo modelo de negócio, construído a partir das lições aprendidas até o momento (SAMARCO, 2022, p. 8)

Fonte: elaborada pela autora com base nas enunciações feitas pela mineradora.

Logo, é perceptível que a Samarco Mineração S.A. utiliza uma variedade de discursos para legitimar-se e buscar reconhecimento como uma entidade legítima, mantendo assim a ordem estabelecida. A presença da doxa, entendida como uma imposição simbólica que dissemina uma visão específica como única verdade, é manifestada por meio de um discurso dominante associado ao simbólico (BOURDIEU, 2008). Nesse contexto, a empresa adota um discurso no qual se apresenta como não culpada pelo rompimento de Fundão, argumentando que o rompimento da barragem em Mariana, MG, foi simplesmente um acidente no qual são inocentes, e que tomaram todas as medidas ao seu alcance. Ao utilizar discursos como estratégia para preservar sua posição dominante e exercer violência simbólica, a Samarco Mineração S.A. reproduz uma doxa que incorpora um discurso assistencial. Essa abordagem visa criar uma atmosfera de familiaridade para o público, sem comprometer as declarações anteriores da organização, nem confirmar nem negar os relatos relacionados ao ocorrido em Mariana, especialmente ao tratar de temas como reparação, respeito ao meio ambiente e assistência às vítimas.

Nesse contexto, as trocas linguísticas originadas na língua legítima, que envolvem relações de força e poder simbólico, desencadeiam a prática da violência simbólica por meio das narrativas da Samarco Mineração S.A. A linguagem, conforme destacado por Bourdieu (2008), possui o poder de exercer autoridade por meio do discurso dominante, apresentando uma capacidade ilimitada de geração que delimita áreas e restringe as fronteiras de ação. Dessa forma, as interações linguísticas promovidas pela empresa desempenham um papel crucial na imposição e manutenção de sua posição, consolidando sua influência por meio de um discurso dominante.

É conhecido que o ocorrido em Mariana causou devastação em comunidades inteiras, afetando um total de 39 cidades. Os rejeitos percorreram cerca de 650 km,

destruindo o rio Doce até alcançar o oceano no distrito de Regência, no município de Linhares, no Espírito Santo. Essa catástrofe impactou profundamente os modos de vida de diversas pessoas e resultou na perda de 19 vidas humanas. Considerando o conceito de ecocídio como a extensa destruição, danos ou perda de ecossistemas em um determinado território, o ocorrido em Mariana pode ser categorizado como ecocídio. É crucial destacar a necessidade de distinguir entre ecocídio e crime ambiental em casos como este, a fim de assegurar o devido reconhecimento e tratamento da gravidade de ações prejudiciais.

Adicionalmente, conforme proposto por Higgins, há dois tipos de ecocídio: o natural e o causado pelo homem. No contexto da barragem de Fundão, este ecocídio é classificado como o segundo tipo, causado pelo homem, uma vez que não está vinculado a mudanças climáticas. Pode ser classificado como determinável, pois descreve a consequência, ou a consequência potencial, em que ocorre a destruição, dano ou perda do território, e a responsabilidade da(s) pessoa(s) jurídica(s) pode ser estabelecida, neste caso, a Samarco. Logo, considerando que uma organização ecocida é caracterizada por suas ações ou práticas que causam danos significativos e irreversíveis ao meio ambiente, priorizando interesses econômicos sobre a proteção ambiental e causando danos sérios e irreparáveis ao ecossistema, torna-se evidente que a Samarco pode ser considerada uma organização ecocida devido ao colapso da barragem de Fundão.

Ao examinar as narrativas emitidas pela Samarco e pela mídia internacional sobre o rompimento da barragem de Fundão, deparamo-nos com um intrigante paradoxo. A empresa busca construir uma narrativa que enfatiza responsabilidade social, segurança e compromisso com o desenvolvimento sustentável. No entanto, ao analisarmos as narrativas da Samarco, percebemos a construção social de uma realidade que reflete percepções simplificadas, resultando em alguns paradoxos nas suas declarações. A empresa, ao atribuir significado ao evento, representa um sistema complexo por meio de duas percepções contraditórias. Por outro lado, a mídia internacional, ao abordar o mesmo acontecimento, constrói narrativas, muitas vezes, divergentes das apresentadas pela Samarco. Esses paradoxos entre as narrativas da empresa e da mídia internacional refletem a complexidade da construção social da realidade, em que atores sociais interpretam e representam eventos de maneira contraditória, influenciando suas ações e moldando a percepção pública do desastre.

A disparidade de perspectivas destaca o embate entre representações simplificadas e complexas, orientando as ações dos envolvidos e alimentando o contínuo debate sobre as responsabilidades e impactos do trágico evento. Esse cenário ressalta a importância de compreender as diferentes narrativas para uma visão mais abrangente e contextualizada do ocorrido, já que as fontes midiáticas internacionais analisadas apresentaram narrativas distintas acerca do rompimento de Fundão.

Com um total de 162 ênfases discursivas, as cinco revistas analisadas nesta pesquisa apresentaram distintas abordagens sobre o ecocídio em Mariana, MG, quando comparadas com a perspectiva da empresa. No entanto, elas compartilharam semelhanças entre si, uma vez que os grupos temáticos mais enfatizados se repetiram. Apresenta-se a distribuição de atenção entre os grupos temáticos, destacando aqueles que receberam ênfases em maior e menor medida. A abordagem adotada considerou como referência a metade de ênfases recebidas em um grupo temático, tornando-se a linha divisória entre aqueles com mais e menos destaque na análise.

Nesse contexto, é pertinente revisitar a abordagem proposta por Bourdieu (2008), que, por meio de seus estudos, explora o conceito de fala. A fala, entendida como a externalização objetiva das palavras, utiliza referências linguísticas para legitimar-se. Dentro da representação social, o ato de falar se configura como um rito de passagem, gerando significados simbólicos (BOURDIEU, 2008). As fontes midiáticas selecionadas realizam diversas enunciações ao longo dos anos de 2015 a 2023, em suas reportagens sobre a Samarco e o ecocídio de Mariana - MG, informando e influenciando ativamente seus leitores. Logo, ao explorar os grupos temáticos, concentra-se naqueles que manifestam uma maior número de ênfases discursivas ao longo de toda a extensão temporal e em todas as fontes midiáticas, enquanto também direciona-se a atenção para grupos temáticos específicos em cada publicação consultada, com o intuito de compreender o discurso relacionado ao crime ambiental em Mariana.

O grupo temático ecocídio destacou-se em todas as fontes analisadas, totalizando 31 ênfases em destaque das 31 totais. Os grupos temáticos de agentes externos e complicadores ocuparam as posições seguintes em destaque, sendo o primeiro com 20 ênfases em destaque das 23 totais emitidas e o segundo com 14

ênfases dentre as 19 totais. Por fim, os grupos temáticos de desdobramentos e questões legais foram os últimos em destaque, com 12 das 18 ênfases em desdobramentos e 8 das 18 totais em questões legais. Quando olhado de forma isolada, o Al Jazeera, o Le Monde, o The Guardian e o The New York Times deram mais atenção ao grupo temático ecocídio, enquanto a Deutsche Welle focou mais no grupo temático agentes externos.

Entre as fontes internacionais escolhidas, Al Jazeera, Le Monde, The Guardian e The New York Times, é evidente a presença de uma codificação nos discursos analisados de maneira integrada. Essa codificação opera como uma ferramenta de neutralização e sistematização, desempenhando um papel crucial na manutenção simbólica que facilita a previsão e a clareza nas relações sociais (BOURDIEU, 2004). Todas as publicações examinadas abordam o ecocídio relacionado à Samarco Mineração S.A. em Mariana - MG, variando em termos de criticidade, mas compartilhando essencialmente do mesmo discurso. A Deutsche Welle, por sua vez, destaca de maneira mais intensa o grupo de agentes externos, deixando o grupo ecocídio para uma posição secundária. Assim, a partir dessa observação, e com o respaldo fornecido pelas ênfases discursivas, as fontes midiáticas selecionadas, ao narrar os eventos do rompimento da barragem em Mariana - MG, falam de ecocídio. Já analisando de forma isolada, o discurso das fontes midiáticas internacionais sobre o ecocídio falam tanto sobre ecocídio quanto de agentes externos. No quadro a seguir, pode-se observar isso de forma detalhada:

Quadro 13 – Narrativas quanto a configuração objetiva (falar)

Al Jazeera	<p>Uma barragem que retém as águas residuais de uma mina de minério de ferro no sudeste do estado de Minas Gerais rompeu, devastando uma cidade próxima com deslizamentos de terra e deixando as autoridades da região remota lutando para avaliar as vítimas (AL JAZEERA, 2015).</p> <p>A barragem continha rejeitos, um resíduo de mineração composto por limalhas de metal, água e, ocasionalmente, produtos químicos (AL JAZEERA, 2015).</p>
Deutsche Welle	<p>O rompimento da barragem de Fundão, em Minas Gerais, completa um mês neste sábado (05/12) com uma lista catastrófica de impactos ambientais – sem entrar no mérito dos impactos sociais do desastre, vários irrecuperáveis (KOKAY, 2015).</p> <p>Em Naque, onde fica o Quilombo 14, um levantamento de dados inicial apontou a dificuldade de acesso à água e empobrecimento da população como consequências mais visíveis após o colapso da barragem (PONTES, 2023).</p>

Le Monde	<p>O desastre de 2015 atingiu a cidade de Mariana, matando 19 pessoas. Porém, devastou o ecossistema local, tornando-se o pior desastre ambiental da história brasileira (LE MONDE, 2016).</p> <p>Um desastre ecológico que devastou todo o vale do Rio Doce e matou dezenove pessoas, incluindo duas crianças de Bento Rodrigues (GATINOIS, 2016).</p>
The Guardian	<p>Às 15h45 do dia 5 de novembro de 2015, uma enorme barragem de rejeitos operada pela mineradora brasileira Samarco ruiu e um maremoto de 32 a 40 milhões de metros cúbicos de resíduos de mineração varreu a bucólica paisagem de belos vales verdes, vilas e terras agrícolas (PHILLIPS, 2016).</p> <p>Quase uma década depois, centenas de milhares de pessoas continuam a sofrer diariamente os efeitos, no solo contaminado e impróprio para a agricultura, nos peixes doentes que capturam no rio poluído e no colapso das suas comunidades e tradições culturais (MALLERET,).</p>
The New York Times	<p>O presidente da mineradora Samarco e outras seis pessoas foram acusados de homicídio qualificado pela morte de pelo menos 17 pessoas após o rompimento de uma barragem (BÁRBARA, 2015).</p> <p>A lama cor de cobre destruiu mais do que apenas a escola. Destruiu toda a aldeia. Pelo menos 16 pessoas morreram, incluindo duas crianças. Três pessoas ainda estão desaparecidas e 631 perderam suas casas (BÁRBARA, 2015).</p>

Fonte: elaborado pela autora com base nas narrativas emitidas pelas fontes midiáticas internacionais.

Considerando que o ato de falar é uma externalização objetiva das palavras, Bourdieu (2008) apresenta o conceito de dizer, que se origina do significado das palavras e é construído por meio da linguística. O dizer envolve a capacidade de explicar o significado das palavras com elementos subjetivos da linguagem (BOURDIEU, 2008). Em paralelo, para Bourdieu (2008, 2018), o dizer leva em conta as condições de produção do falar e ultrapassa os limites demarcados pela definição para atribuir significado às palavras, influenciando as relações sociais por meio de aspectos subjetivos da linguagem. Embora esteja relacionado ao ato de falar, o dizer enfrenta censura proveniente de diversas fontes, permanecendo disponível, porém com acesso dificultado devido à sua mensagem não se alinhar à disseminação ideal sobre um determinado tema. A identificação do dizer nas revistas que abordam o ecocídio de Mariana requer uma análise dos grupos temáticos com a menor quantidade de ênfases discursivas ao longo do período analisado em todas as fontes, e também dos grupos temáticos com a menor quantidade de ênfases discursivas em cada uma das fontes escolhidas.

Seguindo tal critério, de forma segmentada, quando as fontes falam do ecocídio em Mariana, o Al Jazeera quer dizer desdobramentos, o Deutsche Welle Samarco, o

Le Monde Samarco, o The Guardian retomada das atividades minerárias e The New York Times complicadores, responsabilidade e Samarco. Pontua-se aqui que apenas o Al Jazeera diz sobre desdobramentos, seguindo o critério estabelecido. No entanto, o grupo Samarco segue em segundo lugar, juntamente ao grupo temático questões legais e responsabilidade. O mesmo acontece com o The Guardian, que o primeiro lugar é tomado pelo grupo retomada das atividades minerárias, seguido do grupo temático Samarco. Sendo assim, ao analisarmos todas as fontes sobre o ecocídio em Mariana, observamos que elas tratam do tema e fazem menção à empresa Samarco. Esse discurso é configurado por meio de ênfases discursivas que exploram diferentes facetas do ecocídio em Mariana, incluindo a exposição e postura da empresa, alertas, histórico da região, e culminando na síntese de uma mensagem que destaca a relevância dos eventos históricos associados ao colapso da barragem de Fundão, mas que, em contrapartida, aborda especificamente o ecocídio em Mariana, referindo-se à Samarco e incorporando declarações da empresa, decisões tomadas, assim como suas notícias e informações correlatas, sendo esse o dizer.

Logo, nota-se que a fala se apresenta de forma mais clara, ao passo que a representação do dizer é complexa e turva. Ou seja, quando as fontes analisadas falam ecocídio e agentes externos, elas dizem Samarco e retomada das atividades minerárias. E, de forma isolada, quando elas falam ecocídio, agentes externos, desdobramentos, complicadores e questões legais, elas dizem Samarco, retomada das atividades, desdobramentos, complicadores e responsabilidade. Isto pode ser observado nas seguintes narrativas:

Quadro 14 – Narrativas que embasaram à interpretação da construção subjetiva (dizer)

Al Jazeera	<p>Em declaração à Al Jazeera, a Samarco, uma das maiores produtoras mundiais de minério de ferro, disse que as inspeções das autoridades em julho passado indicaram que as barragens “eram totalmente seguras” (RIFAI, 2015).</p> <p>A mineradora Samarco afirmou em comunicado em seu site que está fazendo “todos os esforços para priorizar o cuidado às pessoas e mitigar os danos ao meio ambiente”. “Não é possível neste momento confirmar a causa... nem se há vítimas”, acrescentou (AL JAZEERA, 2015).</p>
-------------------	---

Deutsche Welle	"A Samarco é uma das dez maiores exportadoras brasileiras e está, neste momento, integralmente focada no atendimento às pessoas e não está poupando recursos para mitigar os efeitos decorrentes do acidente", diz a nota (MALKES, 2015).
Le Monde	A Samarco garantiu que a barragem, que estava em obras de ampliação, foi fiscalizada em julho e apresentava "totais condições de segurança". Pouco antes do acidente, foram registrados pequenos tremores sísmicos, muito comuns nesta região. A Samarco também havia indicado na sexta-feira que após esses tremores despachou uma equipe de fiscalização que não notou nada de anormal, uma hora antes do desastre (LE MONDE, 2015).
The Guardian	Em declarações ao Guardian, Samarco, Vale e BHP Billiton afirmaram rejeitar as acusações, que a segurança foi e continua a ser uma prioridade e que a barragem cumpre a legislação brasileira. [...] "A Samarco acredita que há aspectos técnicos e jurídicos nas decisões que precisam ser reavaliados", afirmou a empresa em comunicado (PHILLIPS, 2018).
The New York Times	A Samarco, a operadora da mina, e seus coproprietários, BHP Billiton e Vale, disseram repetidamente que a água e os resíduos minerais liberados pelo rompimento da barragem não eram tóxicos (REUTERS, 2019).

Fonte: elaborado pela autora com base nas narrativas emitidas pelas fontes midiáticas internacionais.

Dessa perspectiva, emerge a dimensão simbólica - uma linguagem dotada de significado - que se situa entre a dimensão objetiva e a dimensão subjetiva, correspondentes ao falar e dizer, respectivamente. Conforme a visão de Bourdieu (2008), a dimensão simbólica representa a *doxa*, desempenhando um papel crucial na reprodução da ordem de dominação ao encarnar uma visão singular amplamente compartilhada como verdadeira. Paralelamente à *doxa*, surge o simbólico, cuja natureza é desconhecida, mas ainda assim sentida e reconhecida. Quando associado à *doxa*, o simbólico também desempenha um papel no discurso compartilhado, naturalizado e aceito pelos agentes (BOURDIEU, 2008). Assim, conforme a sociologia de Bourdieu (BOURDIEU, 2001, 2011), a *doxa* das fontes midiáticas internacionais sobre o ecocídio em Mariana representa o discurso que compartilhou senso e significados, agregando familiaridade ao evento.

As revistas selecionadas reproduzem uma *doxa* que fala ecocídio quando realizam enunciações sobre o rompimento, ou de forma segmentada, que fala sobre ecocídio, agentes externos, complicadores, desdobramentos e questões legais. Neste

contexto, ao analisar o conteúdo dessas narrativas, identificou-se as ênfases discursivas que caracterizam cada um dos grupos temáticos enfatizados, permitindo identificar a doxa sobre o ecocídio e posteriormente, descrevê-la. Dessa forma, as narrativas do grupo temático sobre o ecocídio em Mariana, como mencionado anteriormente, abordam diversos aspectos, como alertas, histórico e a situação em Mariana. Elas sintetizam uma mensagem destacando a relevância dos eventos históricos relacionados ao colapso da barragem de Fundão, considerado o maior desastre ambiental do Brasil. Ao explorar as declarações e manifestações daqueles afetados pelo rompimento da barragem, o grupo temático de agentes externos consolida uma mensagem predominante de transformação. Nesse contexto, a comunidade, as vítimas e os afetados compartilham como o ecocídio alterou significativamente suas vidas, independentemente de terem ou não recebido compensação. As narrativas do grupo temático de complicadores oferecem informações substanciais sobre o desempenho da Samarco no contexto do ecocídio em Mariana e fortalece a percepção de elementos agravantes relacionados ao colapso da barragem de Fundão, evidenciando a negligência da empresa diante dos perigos associados à barragem. Por outro lado, as narrativas do grupo temático de desdobramentos abordam as diversas implicações sociais, econômicas e ambientais resultantes do crime ambiental em Mariana, comunicando uma mensagem acerca dos efeitos decorrentes da ruptura da barragem de Fundão. Enquanto isso, as narrativas do grupo temático de questões legais discutem acusações, processos, multas e ações enfrentadas pela empresa, gerando uma mensagem sobre justiça e responsabilidade diante do ocorrido em Mariana. Em suma, as fontes midiáticas internacionais demonstram apresentar, impor e familiarizar uma perspectiva abrangente sobre o ecocídio em Mariana, abordando fatos históricos, impactos, agravantes e a busca por justiça.

A doxa, conjunto de crenças e valores compartilhados por um grupo social, pode ser analisada em diferentes orientações, uma delas é a ortodoxia. Esta se alinha ao discurso dominante, aquele que tende a impor a ordem estabelecida, buscando mantê-la e reproduzi-la (BOURDIEU, 2008). No caso do ecocídio em Mariana, a doxa e a fala nas fontes internacionais compõem a ortodoxia desses veículos de comunicação sobre o colapso da barragem de Fundão. Essa correlação narrativa entre fatos históricos, impactos, agravantes, busca por justiça, ecocídio, agentes

externos, complicadores, desdobramentos e questões, para Bourdieu (2008, 2018), é a maneira como tais fontes procuram solidificar suas posições sobre o ecocídio. Em outras palavras, as fontes internacionais, ao reproduzirem o discurso dominante, contribuem para a construção de uma verdade oficial sobre o ecocídio em Mariana. Essa verdade, por sua vez, tende a legitimar a ordem social e política vigente.

Ao explorarmos o discurso dominante, conhecido como doxa, deparamo-nos com outras três perspectivas distintas: heterodoxia, alodoxia e doxosofia. A heterodoxia se manifesta por meio de discursos que desafiam a doxa, buscando alternativas e questionando a ordem estabelecida. No ecocídio em Mariana, os grupos Samarco e Retomada das Atividades Minerárias personificam essa heterodoxia. O grupo Samarco contradiz a doxa ao apresentar-se como uma empresa cooperativa, comunicativa, segura, assertiva e cautelosa com o meio ambiente e as pessoas. Por outro lado, o grupo Retomada das Atividades Minerárias confronta a doxa ao abordar o retorno da mineração antes do reassentamento dos moradores da comunidade afetada, ignorando os danos causados pelo ecocídio e priorizando os interesses da empresa, revelando insensibilidade para com as vítimas e a comunidade. Essas narrativas, portanto, entram em conflito com a ortodoxia das fontes internacionais sobre o tema, representando, com base nas notícias, a heterodoxia do ecocídio em Mariana.

A alodoxia refere-se a um discurso equivocado que favorece a doxa predominante (BOURDIEU, 2001). Nesse contexto, o grupo temático sobre acordos concentra-se nos compromissos legais assumidos pela empresa em resposta aos danos causados pelo rompimento da barragem. Este grupo explora minuciosamente os termos, condições e implicações desses acordos com várias partes interessadas, incluindo autoridades governamentais, comunidades afetadas e órgãos ambientais. Essa abordagem revela um entendimento equivocado ao enfatizar os acordos e contribuem para uma mensagem alodoxa, pois apesar de destacar principalmente a formalidade desses dos mesmos nota-se que muitos deles não foram efetivamente cumpridos e estão pendentes ou ainda em andamento. O terceiro posicionamento abordado, a doxosofia, diz respeito à utilização de terminologia refinada, conferindo um aspecto científico com o propósito de agregar credibilidade ao discurso (BOURDIEU, 2012). Assim, dado que não existem narrativas que apresentem esse ar de cientificidade, é evidente a ausência de discursos alinhados a doxosofia.

Isto posto, nota-se que as fontes escolhidas, Al Jazeera, Deutsche Welle, Le Monde, The Guardian e The New York Times enunciam narrativas sobre agentes externos, complicadores, desdobramentos e questões legais quando falam sobre o ecocídio em Mariana, mas que dizem, Samarco, retomada das atividades, desdobramentos, responsabilidade e questões legais. Possuindo um discurso codificado e dominante entre elas, sendo esta a doxa das fontes, elas reproduzem um discurso que fala de fatos históricos, impactos, agravantes, busca por justiça, ecocídio, agentes externos, complicadores, desdobramentos e questões legais, no qual as narrativas ortodoxas vão de encontro à esse posicionamento. Posicionamentos heterodoxos são encontrados nas narrativas do grupo temático Samarco e retomada das atividades, já que tais enunciações confrontam a doxa estabelecida. Adicionalmente, é possível categorizar o grupo temático referente aos acordos como uma postura alodoxa, uma vez que ele assume os compromissos legais estabelecidos pela empresa em resposta aos danos causados, tratando-se, portanto, de um discurso equivocado que favorece a doxa. Não foram identificados posicionamentos relacionados à doxosofia.

Considerando o que foi discutido neste capítulo, ressalta-se que para muitas empresas ecocidas, a sustentabilidade tornou-se uma mera estratégia de compliance mínimo, uma fachada para atender às exigências do mercado e da governança sem um compromisso real com a preservação ambiental. Essa apropriação do conceito pelas grandes corporações configura-se como uma doxa, um discurso dominante que mascara práticas predatórias de exploração dos recursos naturais. Ao adotarem práticas superficiais, como campanhas de marketing verde e programas de reciclagem, essas organizações não apenas iludem consumidores e investidores, mas também perpetuam a destruição ambiental em vez de mitigá-la. Este ciclo de compliance superficial, embora atenda aos requisitos regulatórios, falha em abordar as raízes do problema e contribui para a deterioração contínua do meio ambiente.

O conceito distorcido de sustentabilidade, conforme adotado pelas grandes corporações, não apenas fracassa em preservar o meio ambiente, mas também contribui para sua aceleração rumo à deterioração. Ao transformarem a sustentabilidade em um mero slogan de marketing, essas empresas criam uma ilusão de responsabilidade ambiental enquanto continuam a explorar os recursos naturais de maneira insustentável. Essa doxa, que reduz a sustentabilidade a uma formalidade

vazia, permite que as organizações persistam em suas práticas destrutivas sob a máscara da conformidade. Em vez de adotarem mudanças reais em seus modelos de negócio, elas se contentam com ações superficiais de marketing e comunicação, gerando a falsa percepção de que estão agindo para proteger o meio ambiente. Essa falsa sustentabilidade se manifesta em relatórios de impacto adornados, investimentos simbólicos em projetos verdes e campanhas publicitárias que projetam uma imagem distorcida da realidade. Enquanto se autoproclamam agentes de transformação, essas empresas continuam a devastar florestas, poluir rios e mares, e esgotar os recursos naturais sem limites. A doxa da sustentabilidade serve como um escudo para suas práticas predatórias, acalmando a consciência pública e adiando as mudanças urgentes que o planeta tanto necessita.

A perpetuação da doxa mercadológica da sustentabilidade como uma mera estratégia de compliance reforça a nociva ideia de que a preservação ambiental é uma questão negociável, subordinada aos interesses comerciais. Enquanto as empresas continuarem a privilegiar o lucro em detrimento da genuína responsabilidade ambiental, a degradação dos recursos naturais persistirá, agravando os desafios enfrentados pelo planeta. É imperativo reconhecer e desafiar essa narrativa distorcida, promovendo uma abordagem verdadeiramente sustentável que coloque a conservação e regeneração do meio ambiente como prioridades. Desmascarar essa farsa e exigir das grandes corporações um compromisso autêntico com a sustentabilidade são passos essenciais. A verdadeira mudança requer uma transformação profunda em seus modelos de negócio, colocando a responsabilidade ambiental e social acima do mero desejo de lucro desenfreado. Assim, uma vez esclarecido tais discursos, Samarco Mineração S.A. e fontes midiáticas internacionais, Al Jazeera, Deutsche Welle, Le Monde, The Guardian e The New York Times sobre o ecocídio de Mariana (MG), o próximo capítulo corresponde às considerações finais da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

A eclosão do colapso ambiental deriva diretamente da expansão industrial dos países do hemisfério Norte, considerados desenvolvidos. Este fenômeno é originado por uma métrica de produção e consumo incompatível com a capacidade de acompanhamento dos países do Sul, classificados como subdesenvolvidos ou emergentes. A disseminação do capital proveniente dos países desenvolvidos instiga nações menos favorecidas a intensificarem a exploração de recursos naturais, visando o progresso de seus próprios interesses econômicos e a obtenção de níveis semelhantes de prosperidade econômica observados nos países desenvolvidos (REDCLIFT, 2014). Como consequência dessas práticas, verifica-se a ocorrência de crimes ambientais, culminando em eventos mais severos, exemplificados pelo ecocídio ocorrido em Mariana.

O termo "ecocídio" entrou em discussão em 1970, quando o professor Arthur W. Galston o cunhou durante a Conferência sobre Guerra e Responsabilidade Nacional em Washington. Atualmente, Polly Higgins, destacada advogada e escritora, é amplamente reconhecida como uma das principais autoridades associadas a esse conceito. O ecocídio abrange a destruição ou perda extensiva do ecossistema em uma determinada região, seja por ação humana ou outras causas, provocando um impacto substancial no bem-estar tranquilo dos residentes (HIGGINS, 2015). Sendo assim, a pesquisa apresentada teve como objetivo: Identificar o falar, o dizer e a doxa da Samarco Mineração S.A. e da mídia internacional sobre o ecocídio de Mariana (MG). A resposta para o problema de pesquisa definido como: "Qual a fala, o dizer e a doxa da Samarco Mineração S.A. e da mídia internacional sobre o ecocídio de Mariana (MG)?" foi construída a partir de uma análise de narrativas de agentes inseridos em um contexto gestão de uma organização internacionalizada que declarava publicamente um compromisso com a sustentabilidade antes do ocorrido.

As contínuas mutações do mundo contemporâneo exercem diversas influências nas organizações, provocando alterações e ajustes nos processos de produção e nas tomadas de decisão. Essas mudanças também se refletem nos discursos organizacionais, ampliando a discrepância entre as declarações proferidas e as práticas efetivamente adotadas, suscitando questionamentos devido às contradições evidenciadas. Esse fenômeno contribui para o aumento dos paradoxos

nas organizações atuais, conforme observado por Pettigrew, Woodman e Cameron (2001). Essas dissonâncias não apenas conduzem a desafios organizacionais, mas também levam a interações sociais percebidas, por indivíduos e grupos, como manifestações de duas dimensões opostas, gerando confusão e perturbação.

Lewis (2000) no intuito de atribuir sentido e compreender essa ambiguidade, argumenta que indivíduos polarizam suas percepções em torno de componentes antagônicos, o que ele defende ser sua representação subjetiva da realidade. Composta por esses indivíduos, as organizações, portanto, são confrontadas com essas ambiguidades e divergências perceptivas materializadas por esse sistema social que questionam e tentam modificar constantemente a práxis vigente, gerando energia para a transformação e estabelecendo um processo dialético de mudança (LEWIN, 1965). Logo, compreende-se que os paradoxos constituem os processos organizacionais nos quais duas forças vitais devem ser equilibradas ao longo do tempo, sem que necessariamente sejam resolvidas, uma vez que ambas desempenham papéis cruciais no contexto organizacional.

Considerando o papel crucial da mídia na compreensão e disseminação das diversas experiências e representações da realidade social, como destacado por Alexandre (2001), esta pesquisa buscou não apenas explorar, mas também interpretar as narrativas relacionadas ao ecocídio de Mariana/MG, utilizando como fontes de renome internacional, tais como The New York Times, Le Monde, The Guardian, Deutsche Welle e Al Jazeera. A análise qualitativa das narrativas dessas organizações, que desempenharam um papel significativo na cobertura dessa tragédia ambiental, foi realizada sob a lente teórica da sociologia de Pierre Bourdieu. Essa escolha teórica se revelou adequada para aprofundar a análise, permitindo uma compreensão mais profunda das capacidades argumentativas dessas instituições diante de um evento de tal magnitude. Pierre Bourdieu, por meio de suas investigações sobre a linguagem e seu papel nas interações sociais, introduziu discussões profundas acerca das trocas linguísticas. Nesse contexto, o autor esclarece o jogo semântico entre o falar e o dizer, destacando que o uso da fala representa efetivamente um dos sistemas mais sutis de censura, excluindo aqueles que não têm o direito de falar e conferindo esse poder apenas aos dominantes (BOURDIEU, 2008).

O ato de falar refere-se à exteriorização objetiva das palavras, constituindo-se como um meio complexo de comunicação por meio da linguagem. Encarado como uma aplicação pragmática, o falar não apenas engloba referências linguísticas, mas também incorpora ritos que buscam legitimar e reconhecer como legítima a expressão verbal. Nesse contexto, a análise das narrativas sugere, no âmbito da configuração objetiva, que a Samarco Mineração S.A. se posiciona como uma empresa comprometida com o respeito ao meio ambiente e a busca pela sustentabilidade. Contudo, simultaneamente, a empresa reafirma sua natureza competitiva na busca pelo lucro, argumentando que o rompimento da barragem foi um acidente, no qual a empresa agiu prontamente para auxiliar as famílias afetadas e prestar esclarecimentos. Em relação ao falar, observam-se narrativas que abordam uma ampla gama de temas, como produção, eficiência, tecnologia, inovação, otimização, desenvolvimento econômico e social, criação de valor para a sociedade, respeito pelas pessoas e pelo meio ambiente, reputação, licença de operação, continuidade, compromissos com o governo e com a sociedade, além de avaliações de risco. Isto pode ser observado em narrativas como a seguinte:

A fim de agir com a maior prontidão possível, imediatamente após o rompimento, a empresa concentrou esforços na assistência emergencial às vítimas, aos seus familiares e às comunidades impactadas e na prestação de esclarecimentos às autoridades e aos órgãos competentes (SAMARCO, 2015 e 2016 p. 6).

Assim, a partir das condições do falar, emerge a atribuição de sentido às palavras, transcendendo seus significados literais. Nesse contexto, Bourdieu (2008) esclarece o conceito do dizer, uma abordagem mais complexa que engloba a capacidade interpretativa das palavras, incorporando os aspectos subjetivos da linguagem. O dizer refere-se a um conjunto de códigos construídos a partir da linguística, e uma expressão desse "dizer" pela empresa materializou-se na formulação de sua nova missão em 2017. Destacando princípios de segurança, eficiência e inovação, a nova missão sugere uma transição da empresa para uma abordagem mais abrangente, embora, por vezes, resvalando em um discurso vago que evita assumir responsabilidade por seu passado. Nota-se que a enunciação da Samarco em 2018 revela uma dissonância em sua missão. Enquanto o discurso concentra-se vigorosamente no presente e no futuro, enaltecendo temas como produção, eficiência, inovação e desenvolvimento, parece negligenciar o passado

marcado pelo rompimento da barragem de Mariana em 2015. Essa contradição é ainda mais evidente ao analisarmos a nova missão, publicada três anos após o desastre de Fundão. Apesar de abordar a responsabilidade social e ambiental, a missão não faz menção específica ao rompimento, reforçando a percepção de que a empresa busca se distanciar de seu histórico. Assim, com base nas narrativas analisadas e no âmbito da configuração subjetiva, o dizer da Samarco Mineração S.A. demonstra uma clara preocupação com sua reputação e a retomada de suas atividades, englobando tópicos como geração de caixa, manutenção de liquidez, realização e preservação de investimentos, controle de custos, esforços consideráveis para recuperar o impacto causado e a promoção do retorno das operações.

Entretanto, uma notável transformação no discurso da empresa tornou-se evidente com sua retomada de atividades em dezembro de 2020. À medida que a Samarco reinicia suas operações, direciona seu enfoque para a alteração da percepção da sociedade em relação à sua reputação, que permanece abalada. Nesse contexto, surge o que a empresa denomina como a "Nova Jornada da Samarco". Essa iniciativa reflete claramente o esforço da empresa em remodelar sua imagem diante do público. Ressalta-se ainda, o empenho da empresa em ressaltar que opera apenas a 26% de sua capacidade total, enfatizando que os números relacionados ao endividamento precedem o trágico rompimento. Esse aspecto destaca a estratégia da Samarco de contextualizar sua situação financeira no período anterior ao desastre, buscando distanciar-se das repercussões adversas e centrar a atenção na fase pós-retomada das operações. Isto pode ser observado em narrativas como:

Paralelamente às ações emergenciais, seguimos comprometidos com nosso plano de negócios, que contempla um retorno gradual e seguro às atividades minerárias e de beneficiamento, transporte, pelotização e embarque de minério de ferro, e com a construção de uma agenda de compromissos pelo desenvolvimento sustentável (SAMARCO, 2020, p. 11).

Nesse contexto, no que tange ao âmbito do falar, observam-se narrativas que revisitam uma variedade de temas, incluindo produção, eficiência, tecnologia, inovação, otimização, desenvolvimento econômico e social, criação de valor para a sociedade, respeito pelas pessoas e pelo meio ambiente, reputação, continuidade, compromissos com o governo e com a sociedade, avaliações de risco, além de lições aprendidas e compromissos assumidos, e, anteriormente abordadas em seu dizer, o retorno das atividades. Por outro lado, no que concerne ao dizer, as narrativas

reiteram a ênfase em tópicos como geração de caixa, manutenção de liquidez, realização e preservação de investimentos, controle de custos, além do objetivo de alcançar 100% da capacidade produtiva, gestão das dívidas adquiridas e a preservação contínua da reputação da empresa.

Esclarece-se que, segundo Bourdieu (2008), existe uma dimensão simbólica impregnada de sentido entre o falar e o dizer, denominada doxa. De acordo com o autor, a doxa desempenha a função de reproduzir a ordem de dominação estabelecida, constituindo-se como uma imposição simbólica que representa uma visão considerada única e verdadeira. Diante disso, a Samarco Mineração S.A. perpetua uma perspectiva que destaca o retorno das atividades, anterior a 2020, e o retorno à capacidade produtiva total, posterior a 2020, além da preservação de sua reputação. Esse enfoque é especialmente notável ao abordar temas como reparação, respeito ao meio ambiente e assistência às vítimas. Narrativas alinhadas a esse posicionamento são consideradas como representantes da ortodoxia, uma orientação que busca manter a ordem imposta pela doxa, reforçando a perspectiva estabelecida como única e verdadeira.

Bourdieu (2008) explora os conceitos de heterodoxia e alodoxia, referindo-se à heterodoxia como um discurso que desafia constantemente o alinhamento à doxa, confrontando-se com a perspectiva dominante. Nesse contexto, as declarações de Ricardo Vescovi, então presidente da Samarco, e Rodrigo Alvarenga Vilela, atual presidente da empresa, destacam-se como exemplos de heterodoxia ao expressarem tristeza e apresentarem um pedido de desculpas pelo terrível incidente na Barragem do Fundão, contrastando com o discurso adotado pela Samarco. Por outro lado, em uma situação específica, o diretor de operações e infraestrutura expressa orgulho pela empresa em nome de outros dois funcionários presentes na coletiva, uma tentativa de atribuir à empresa um reconhecimento público inadequado. Isso ocorre como parte de um esforço para representar e explicar a doxa da Samarco de maneira enganosa, consolidando assim o que Bourdieu denominou como alodoxia, discurso confuso e equivocado, mas que é favorecido pelo discurso dominante.

Por fim, com relação ao quarto posicionamento, a doxosofia, caracterizado por um discurso que busca aparentar cientificidade ao utilizar terminologia elaborada na interpretação e/ou produção de juízos de valor, destaca-se as declarações de Kleber Terra e Germano Lopes, então diretor de operações e infraestruturas, e gerente geral

de projetos estruturantes, respectivamente, que durante uma coletiva de imprensa baseou sua resposta em números e estatísticas, deixando os repórteres sem compreender totalmente o significado desses dados (SAMARCO, 2015).

Por meio da análise das narrativas provenientes de fontes midiáticas internacionais, identificamos diversas enunciações. Ao examinar a descrição dessa análise e as ênfases discursivas encontradas, é possível observar quais grupos foram destacados com maior ênfase - falar - e quais receberam menos espaço nas fontes midiáticas consultadas - dizer. Nesse contexto, no que diz respeito ao falar, o grupo temático do ecocídio destacou-se de maneira proeminente em todas as fontes analisadas, totalizando 31 ênfases destacadas em relação às 31 mencionadas no total. Em seguida, os grupos temáticos de agentes externos e complicadores ocuparam posições subsequentes, com o primeiro registrando 20 ênfases destacadas das 23 emitidas e o segundo apresentando 14 ênfases em destaque dentre as 19 totais. Por fim, os grupos temáticos de desdobramentos e questões legais ocuparam a terceira posição de destaque, com 12 das 18 ênfases voltadas para desdobramentos e 8 das 18 totais direcionadas para questões legais. Considerando individualmente, observamos que Al Jazeera, Le Monde, The Guardian e The New York Times deram maior atenção ao grupo temático do ecocídio, enquanto a Deutsche Welle focou mais no grupo temático de agentes externos.

Seguindo a abordagem de priorizar grupos com menor ênfase de maneira segmentada, ao analisar as referências ao ecocídio em Mariana nas diversas fontes, nota-se que cada uma enfoca diferentes aspectos. O Al Jazeera destaca os desdobramentos, o Deutsche Welle aborda a Samarco, o Le Monde discute a Samarco, o The Guardian concentra-se na retomada das atividades minerárias, e o The New York Times explora complicadores, responsabilidade e Samarco. É relevante salientar que apenas o Al Jazeera menciona explicitamente os desdobramentos, conforme estipulado pelos critérios estabelecidos. No entanto, a Samarco permanece em segundo lugar em todas as análises, seguido do grupo temático que envolve questões legais e responsabilidade. O The Guardian também segue essa tendência, com o primeiro lugar centrado na retomada das atividades minerárias e o segundo lugar no tema Samarco.

Assim, ao examinar todas as fontes referentes ao ecocídio em Mariana, é evidente que todas elas abordam o tema, dando destaque ao grupo Samarco. Este

discurso é moldado por meio de ênfases discursivas que exploram diversas facetas do ecocídio em Mariana, incluindo a exposição e postura da empresa, alertas, histórico da região, culminando na síntese de uma mensagem que ressalta a importância dos eventos históricos ligados ao colapso da barragem de Fundão. No entanto, o enfoque específico recai sobre o ecocídio em Mariana, fazendo referência à Samarco e incorporando declarações da empresa, decisões tomadas, assim como notícias e informações correlatas, constituindo, assim, esse o dizer das fontes midiáticas internacionais.

As revistas escolhidas repercutem doxa que fala de ecocídio ao abordar declarações sobre o rompimento da barragem ou, de maneira mais segmentada, ao tratar de ecocídio, agentes externos, complicadores, desdobramentos e questões legais. Diante desse cenário, a análise dessas narrativas permitiu a identificação das ênfases discursivas que caracterizam cada um dos grupos temáticos abordados, possibilitando a compreensão da perspectiva predominante sobre o ecocídio e posterior descrição da mesma. Logo, as fontes midiáticas internacionais demonstram apresentar, impor e familiarizar uma perspectiva abrangente sobre o ecocídio em Mariana, abordando fatos históricos, impactos, agravantes e a busca por justiça. No contexto do ecocídio em Mariana, a doxa e a fala das fontes internacionais formam a ortodoxia desses meios de comunicação em relação ao colapso da barragem de Fundão. A conexão narrativa entre acontecimentos históricos, impactos, agravantes, busca por justiça, ecocídio, agentes externos, complicadores, desdobramentos e questões, conforme delineado por Bourdieu (2008, 2018), reflete a maneira pela qual essas fontes procuram consolidar suas perspectivas sobre o ecocídio. Em outras palavras, ao adotarem o discurso predominante, as fontes internacionais contribuem para a edificação de uma verdade oficial acerca do ecocídio em Mariana. Essa verdade, por sua vez, tem a tendência de legitimar a ordem social e política já estabelecida.

No contexto do ecocídio em Mariana, os grupos Samarco e Retomada das Atividades Minerárias personificam uma postura heterodoxa. O grupo Samarco contradiz a doxa ao se retratar como uma empresa cooperativa, comunicativa, segura, assertiva e cuidadosa com o meio ambiente e as comunidades. Em contraste, o grupo Retomada das Atividades Minerárias desafia a doxa ao abordar o reinício da mineração antes do reassentamento dos moradores da comunidade afetada. Esse

enfoque negligencia os danos causados pelo ecocídio, priorizando os interesses da empresa e revelando insensibilidade para com as vítimas e a comunidade.

A alodoxia se manifesta no grupo temático sobre acordos no contexto do ecocídio em Mariana. Este grupo se concentra nos compromissos legais assumidos pela empresa em resposta ao rompimento da barragem, explorando detalhadamente os termos, condições e implicações desses acordos com várias partes interessadas. No entanto, essa abordagem revela um entendimento equivocado ao enfatizar os acordos, contribuindo para uma mensagem alodoxa, já que, apesar de destacar sua formalidade, muitos não foram efetivamente cumpridos e permanecem pendentes ou em andamento. Já com relação à doxosofia, a mesma não se faz presente nas narrativas examinadas sobre o ecocídio em Mariana, uma vez que não há narrativas que adotem uma abordagem cientificamente embasada.

Em síntese, as análises das fontes midiáticas internacionais, Al Jazeera, Deutsche Welle, Le Monde, The Guardian e The New York Times, no contexto do ecocídio em Mariana, revelam uma convergência de discursos que seguem a doxa predominante, abordando amplamente fatos históricos, impactos, agravantes, busca por justiça, ecocídio, agentes externos, complicadores, desdobramentos e questões legais. Contudo, a presença de posicionamentos heterodoxos, como os identificados nas enunciações do grupo temático Samarco e retomada das atividades, desafia essa doxa estabelecida. O grupo temático associado aos acordos é categorizado como alodoxo, ao favorecer compromissos legais da empresa, apresentando um discurso que pode ser interpretado como equivocado. Diante disso, esta pesquisa proporciona uma compreensão aprofundada das complexidades do ecocídio em Mariana, destacando as representações divergentes nas fontes midiáticas internacionais e utilizando as teorias de Pierre Bourdieu como base para a análise, proporcionando uma base sólida para reflexões críticas sobre as dinâmicas complexas entre eventos ambientais, meios de comunicação, paradoxos e as estruturas de poder envoltas das trocas linguísticas delineadas por Bourdieu. No quadro a seguir, pode ser observado o falar, o dizer e a doxa da Samarco, bem como das fontes midiáticas internacionais:

Quadro 15 – Narrativas Síntese do falar, dizer e doxa da Samarco e das fontes internacionais

	SAMARCO ANTES DE 2020	SAMARCO APÓS 2020	FONTES INTERNACIONAIS
Falar	Produção, eficiência, tecnologia, inovação, otimização, desenvolvimento econômico e social, criação de valor para a sociedade, respeito pelas pessoas, pelo meio ambiente, reputação, licença de operação, continuidade, compromissos com o governo e com a sociedade e avaliações de risco.	Produção, eficiência, tecnologia, inovação, otimização, desenvolvimento econômico e social, criação de valor para a sociedade, respeito pelas pessoas e pelo meio ambiente, reputação, continuidade, compromissos com o governo e com a sociedade, avaliações de risco, lições aprendidas e compromissos assumidos e retorno das atividades.	Ecocídio, agentes externos, desdobramentos, complicadores e questões legais
Dizer	Geração de caixa, manutenção de liquidez, realização e preservação de investimentos, controle de custos, esforços consideráveis para recuperar o impacto causado e a promoção. do retorno das operações	Geração de caixa, manutenção de liquidez, realização e preservação de investimentos, controle de custos, retorno a 100% da capacidade produtiva, gestão de dívidas adquiridas e preservação da reputação da empresa.	Samarco, retomada das atividades, desdobramentos, complicadores e responsabilidade
Doxa	Atendimento às famílias, vítimas do ocorrido e comunidades afetadas	Lições aprendidas e nova identidade a partir da Nova Jornada da Samarco	Fatos históricos, impactos, agravantes, busca por justiça, ecocídio, agentes externos, complicadores, desdobramentos e questões.

Fonte: elaborado pela autora a partir das narrativas da Samarco, Al Jazeera, Deutsche Welle, Le monde, The Guardian e The New York Times.

Ao examinar as informações disponíveis, destaca-se um intrigante paradoxo em relação ao posicionamento das fontes midiáticas internacionais selecionadas - Al Jazeera, Deutsche Welle, Le Monde, The Guardian e The New York Times - no contexto do ecocídio em Mariana. Tais fontes, em suas próprias matérias, adotam predominantemente um discurso ortodoxo, alinhado à doxa estabelecida e assim, ao falar delas, ao abordar temas como fatos históricos, impactos, agravantes, busca por justiça, ecocídio, agentes externos, complicadores, desdobramentos e questões legais. No entanto, de maneira paradoxal, observa-se um posicionamento heterodoxo emergindo a partir da análise realizada, que contraria a ortodoxia mantida por essas fontes, já que o dizer dessas revistas é moldado principalmente pelo grupo Samarco,

através de ênfases discursivas que exploram diversas facetas do ecocídio em Mariana. Isso inclui a exposição e postura da empresa, alertas, histórico da região, incorporando declarações da empresa, decisões tomadas, assim como notícias e informações correlatas, constituindo, assim, esse o dizer das fontes midiáticas internacionais. O paradoxo reside na dualidade entre o discurso ortodoxo das fontes e a resistência heterodoxa expressa no próprio dizer estabelecido pelas fontes midiáticas em questão.

A persistência da sustentabilidade como uma mera tática de seguir as normas regulatórias revela uma grande discrepância entre o que as empresas dizem e o que realmente fazem para proteger o meio ambiente. Essa interpretação distorcida do conceito, comumente adotada por grandes corporações, não só falha em proteger os recursos naturais, mas também os agrava rapidamente. Ao transformar a sustentabilidade em uma simples estratégia de marketing, essas empresas criam uma imagem falsa de serem responsáveis ambientalmente enquanto continuam a explorar os recursos naturais de forma insustentável. Isso permite que elas continuem suas práticas prejudiciais sob o pretexto de estarem seguindo as regras, sem enfrentar as verdadeiras causas do problema. É crucial reconhecer e desafiar essa visão distorcida, buscando uma abordagem autenticamente sustentável que priorize a preservação e a restauração do meio ambiente. Revelar essa falsidade e exigir compromissos genuínos das grandes corporações com a sustentabilidade são passos essenciais. Uma mudança real requer uma revisão completa dos modelos de negócio, onde a responsabilidade ambiental e social seja priorizada sobre o desejo de lucro a qualquer custo.

O rompimento da barragem de Fundão em Mariana, em 2015, não foi apenas um acidente. Foi um ecocídio de proporções épicas que devastou comunidades inteiras, impactou a vida de milhares de pessoas e causou danos irreparáveis ao meio ambiente. A lama tóxica varreu 650 km, soterrando Bento Rodrigues e outras comunidades, contaminando o Rio Doce e deixando um rastro de destruição que chegou até o Oceano Atlântico. Dezenove vidas foram perdidas, mas o impacto humano vai muito além das estatísticas. Famílias foram separadas, comunidades foram desintegradas e a vida como era conhecida nunca mais será a mesma. A lama não apenas destruiu casas e propriedades, mas também contaminou a água, o solo e o ar, tornando impossível a agricultura, a pesca e outras atividades que sustentavam

as comunidades. O ecossistema do Rio Doce foi profundamente danificado. A lama sufocou a vida aquática, alterou o curso do rio e contaminou os sedimentos. A recuperação levará décadas, e mesmo assim, o rio nunca mais será o mesmo. Diante de tamanha devastação, é importante chamar as coisas pelo nome: o que aconteceu em Mariana foi um ecocídio. A definição de ecocídio é a ação extensa de destruir, danificar ou eliminar deliberadamente ecossistemas de um território determinado. O rompimento da barragem de Fundão se encaixa perfeitamente nessa definição. É importante fazer essa distinção porque reconhecer o ecocídio como crime é fundamental para garantir justiça para as vítimas, responsabilizar os culpados e prevenir que crimes como esse se repitam no futuro. O ecocídio em Mariana é um símbolo da ganância e da negligência das grandes empresas mineradoras. É um lembrete de que o lucro não pode ser colocado acima da vida e do meio ambiente. É um chamado à ação para que se tomem medidas para proteger ecossistemas e garantir um futuro para todos.

Este estudo contribui para a compreensão crítica das complexas relações entre eventos ambientais, mídia, paradoxos e as estruturas de poder que permeiam as trocas linguísticas. Abre caminho para pesquisas futuras que explorem outras dimensões do ecocídio de Mariana e de outros desastres socioambientais, aprofundando a análise crítica do papel da mídia e na disputa por justiça social e ambiental. O rompimento da barragem de Mariana em 2015, com seus impactos devastadores, não foi um caso isolado. Em 2019, apenas três anos depois, a tragédia se repetiu em Brumadinho, desta vez com a Vale S.A. como protagonista. O desastre que ganhou notoriedade devido à sua extensão, que atingiu tanto o meio ambiente quanto a esfera social, também pede por uma análise aprofundada. Assim, para além das causas técnicas do rompimento, é fundamental investigar as diversas narrativas que foram construídas em torno do crime. A análise de narrativas da Vale S.A., em conjunto com a cobertura de outros veículos midiáticos também internacionais, pode revelar diferentes perspectivas e interpretações sobre o evento. Ademais, novas possibilidades de análise, derivadas das informações expostas nesta pesquisa, podem ser exploradas. Um exemplo é a investigação sobre a evolução ao longo dos anos do discurso, do falar, do dizer e da doxa das fontes investigadas, uma vez que este estudo abordou uma análise abrangente, não considerando especificamente as variações anuais que podem ter ocorrido nesses elementos ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

AL JAZEERA. **About Us**. Aljazeera.com. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/about-us#:~:text=When%20Al%20Jazeera%20launched%20from,the%20right%20to%20be%20heard.>>. Acesso em: 9 fev. 2024.

AL JAZEERA. **Dam burst at mining site devastates Brazilian town**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2015/11/6/dam-burst-at-mining-site-devastates-brazilian-town>>. Acesso em: 15 fev 2024.

AL JAZEERA. **UK suit against BHP over 2015 Brazil dam failure hits wall**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/economy/2021/3/24/uk-suit-against-bhp-over-2015-brazil-dam-failure-hits-wall>>. Acesso em: 15 fev 2024.

BÁRBARA, Vanessa. **Opinion | Brazil's Toxic Sludge**. The New York Times, 17 Dez 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/12/17/opinion/brazils-toxic-sludge.html>>. Acesso em: 13 fev 2024.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Geneva: Librairie Droz. 1972.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON J.C. 2000. **Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 4º edição. Petrópolis: Vozes.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU.; PASSERON, J-C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU.; WACQUANT, L. J. D. (Eds.). **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: Chicago University Press, 1992.

BRASIL. **Lei Federal Nº9.605, de 12 de fevereiro de 1998.** Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9605.htm>. Acesso em: 29 maio 2023.

BRASIL. **Lei nº. 6.938 de 31 de agosto de 1981.** Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2 de setembro de 1981. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L6938org.htm>>. Acesso em: 29 maio 2023.

CAULY, Fernando. **Água do rio Doce não tem metais tóxicos.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/%C3%A1gua-do-rio-doce-n%C3%A3o-tem-metais-t%C3%B3xicos/a-18920857>>. Acesso em: 10 mar 2024.

CORRÊA, Fábio . **A longa espera por um lar após a tragédia de Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-longa-espera-por-um-lar-ap%C3%B3s-a-trag%C3%A9dia-de-mariana/a-43771783>>. Acesso em: 10 mar 2024.

COWIE, Sam. **Seeking answers to catastrophic Brazil mine disaster.** Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/features/2016/1/2/seeking-answers-to-catastrophic-brazil-mine-disaster>>. Acesso em: 15 fev 2024.

CROTTY, Michael. **The foundations of social research: meaning and perspective in the research process.** Crows Nest, Australia: Allen & Unwin, 1998.

CZARNIAWSKA-JOERGES, Barbara. Narration or science? Collapsing the division in organization studies. **Organization**, v. 2, n. 1, p. 11-33, 1995.

DAVIES, Rob. **Brazilians hit by fatal dam disaster to protest at BHP Billiton AGM.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2016/oct/20/brazilians-hit-fatal-dam-disaster-protest-bhp-billiton-agm-mining-collapse-fundao-dam>>. Acesso em: 15 fev 2024.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonne S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonne S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESLAURIERS, J-P.; KÉRISIT, M. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008.

DEUTSCHE WELLE. **“Há metais pesados no rio Doce”.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-metais-pesados-no-rio-doce/a-18925749>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **About DW.** DW.COM. Disponível em: <<https://corporate.dw.com/en/about-dw/s-30688>>. Acesso em: 9 fev. 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Brazil seeks billions in dam spill damages.** Disponível em: <<https://www.dw.com/en/brazil-seeks-52-billion-from-dam-spill-mining-companies/a-18881183>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Brazil's biggest environmental disaster.** Disponível em: <<https://www.dw.com/en/full-impacts-from-brazils-largest-environmental-disaster-still-not-known/a-18862231>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Corpo de 18ª vítima da tragédia em Mariana é encontrado.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/corpo-de-18%C2%AA-v%C3%ADtima-da-trag%C3%A9dia-em-mariana-%C3%A9-encontrado/a-19105440>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Justiça aceita denúncia contra 22 por tragédia em Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/justi%C3%A7a-aceita-den%C3%BAncia-contra-22-por-trag%C3%A9dia-em-mariana/a-36446896>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Justiça homologa acordo de reparação do desastre de Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/justi%C3%A7a-homologa-acordo-de-repara%C3%A7%C3%A3o-do-desastre-de-mariana/a-19238885>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Justiça inglesa vai analisar ação por desastre de Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/justi%C3%A7a-inglesa-vai-analisar-a%C3%A7%C3%A3o-por-desastre-de-mariana/a-64192481>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Justiça suspende ação criminal por tragédia em Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/justi%C3%A7a-suspende-a%C3%A7%C3%A3o-criminal-por-trag%C3%A9dia-em-mariana/a-40001728>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Mineradoras assinam acordo para reparar danos em Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/mineradoras-assinam-acordo-para-reparar-danos-em-mariana/a-44397265>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **MPF denuncia 21 por homicídio em tragédia de Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/mpf-denuncia-21-por-homic%C3%ADdio-em-trag%C3%A9dia-de-mariana/a-36107117>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **PF indicia Samarco e Vale por crime ambiental em Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/pf-indicia-samarco-e-vale-por-crime-ambiental-em-mariana/a-18976887>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Polícia pede prisão de sete pessoas por desastre em Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/pol%C3%ADcia-pede-pris%C3%A3o-de-sete-pessoas-por-desastre-em-mariana/a-19069337>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Rousseff blames mining companies for dam rupture.** Disponível em: <<https://www.dw.com/en/brazilian-president-rousseff-blames-mining-companies-for-dam-rupture/a-18846827>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Samarco pagará R\$ 4,4 bilhões até 2018 por Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/samarco-pagar%C3%A1-r-44-bilh%C3%B5es-at%C3%A9-2018-por-trag%C3%A9dia-em-mariana/a-19088528>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Samarco to pay dam disaster damages.** Disponível em: <<https://www.dw.com/en/mining-company-samarco-to-pay-brazil-dam-disaster-damages/a-19088530>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Vale e BHP propõem acordo para revitalizar Rio Doce.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/vale-e-bhp-prop%C3%B5em-acordo-para-revitalizar-rio-doce/a-18988207>>. Acesso em: 10 mar 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Vale vai recorrer de ação de bloqueio de bens.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/vale-vai-recorrer-de-a%C3%A7%C3%A3o-de-bloqueio-de-bens/a-18932065>>. Acesso em: 10 mar 2024.

ECOCIDE LAW. **About us.** 2023. Disponível em: <<https://ecocidelaw.com/about-us/>>. Acesso em: 31 maio 2023.

ECOCIDE LAW. **Ecocide law in national jurisdictions.** 2023. Disponível em: <<https://ecocidelaw.com/existing-ecocide-laws/>>. Acesso em: 31 maio 2023.

ECOCIDE LAW. **History.** 2023. Disponível em: <<https://ecocidelaw.com/history/>>. Acesso em: 31 maio 2023.

ESIN, C.; FATHI, M.; SQUIRE, C. Narrative Analysis: The Constructionist Approach. In: FLICK, U. **The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis.** Sage, 2014, p. 203-216.

FADNES, Ingrid. **Brazil's Fundao dam collapse: The silence after the mud.** Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/features/2016/6/14/brazils-fundao-dam-collapse-the-silence-after-the-mud>>. Acesso em: 15 fev 2024.

FARRELL, Sean e RUDDICK, Graham. **BHP makes record loss after commodity rout and Brazil disaster.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2016/aug/16/bhp-makes-record-loss-after-commodity-rout-and-brazil-disaster>>. Acesso em: 15 fev 2024.

FARRER, Martin. **Brazil dam burst: BHP boss to inspect disaster zone with dozens still missing.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2015/nov/09/brazil-dam-burst-bhp-boss-to-inspect-disaster-zone-with-dozens-still-missing>>. Acesso em: 15 fev 2024.

FIORILLO, Celso António Pacheco; CONTE, Chrystiane Pegorari. **Crimes ambientais**. 2012.

FLICK, U. **An Introduction to Qualitative Research**. 4. ed. Sage, 2009.
 FLICK, U. **The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis**. Sage, 2014, p. 203-216.

GATINOIS, Claire. **Au Brésil, la boue et la fureur**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/planete/article/2016/11/07/au-bresil-la-boue-et-la-fureur_5026419_3244.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

GATINOIS, Claire. **Au Brésil, la boue toxique a tué le fleuve Rio Doce**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/contaminations-long-format/article/2018/09/04/au-bresil-la-boue-toxique-a-tue-le-fleuve-rio-doce_5349792_5347510.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

GATINOIS, Claire. **Catastrophe écologique au Brésil à la suite de la coulée de boue toxique**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/planete/article/2015/11/17/catastrophe-ecologique-au-bresil-apres-la-coulee-de-boue-toxique_4811803_3244.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

GATINOIS, Claire. **Contaminations : au Brésil, le secteur minier au cœur de plusieurs scandales**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/contaminations/article/2018/09/04/contaminations-au-bresil-le-secteur-minier-au-c-ur-de-plusieurs-scandales_5349856_5347501.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

GATINOIS, Claire. **Coulée de boue : l'Etat brésilien exige une indemnisation record**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/planete/article/2016/02/21/coulee-de-boue-toxique-l-etat-bresilien-exige-une-indemnisation-record_4869102_3244.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

GATINOIS, Claire. **Désastre du Rio Doce: la justice brésilienne suspend les poursuites**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2017/08/10/desastre-du-rio-doce-la-justice-bresilienne-suspend-les-poursuites_5170885_3222.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

GERGHARDT, T.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008, 220 p.

GIRARD, Laurence. **Bras de fer minier au Brésil**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/economie/article/2016/05/07/bras-de-fer-minier-au-bresil_4915251_3234.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

GIRARD, Laurence. **La descente aux enfers du fer**. Disponível em: <<https://www.lemonde.fr/economie/article/2015/11/14/la-descente-aux-enfers-du-fer>>.

fer_4809743_3234.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

GIRARD, Laurence. **Le cours du fer repasse dans le vert**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/economie/article/2016/10/29/le-cours-du-fer-repasse-dans-le-vert_5022383_3234.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

GORDILHO, H. J. S.; RAVAZZANO, F. Ecocídio e o tribunal penal internacional. **Justiça do Direito**, v. 31, n. 3, 2017.

GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. Ethics: the failure of positivist science. In: LINCOLN, Yvonna; DENZIN, Norman K. (Edit.). **Turning points in qualitative research: tying knots in a handkerchief**. Walnut Creek, CA: Altamira Press, 2003.

IBAMA. **Lei da Vida**: lei dos crimes ambientais. Brasília, 2014.

JAN-CHIBA, J. H. F.; TADEO, L. L.; BORIM-DE-SOUZA, R. A criatividade como um *habitus* regionalizado no campo artístico bourdieusiano. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 3, p. 478-488, set./dez. 2017.

JOHNSON, Sarah. **“A never-ending fight”: cancer and diabetes cases soar in wake of Mariana dam disaster**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/2023/aug/22/a-never-ending-fight-cancer-and-diabetes-cases-soar-in-wake-of-mariana-dam-disaster>>. Acesso em: 15 fev 2024.

JOHNSON, Sarah. **Victims of Brazil dam disaster accuse mining giant BHP of “environmental racism”**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/2023/jul/14/victims-of-brazil-dam-disaster-accuse-mining-giant-bhp-of-environmental-racism>>. Acesso em: 15 fev 2024.

JORDÃO, Priscila. **Lama de Mariana vira arte**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/lama-de-mariana-vira-arte/a-40749289>>. Acesso em: 10 mar 2024.

KASPER, D. V. S. Ecological Habitus: Toward a Better Understanding of Socioecological Relations. **Organization Environment**, 2009.

KOKAY, Érika. **O que pode ser feito para salvar o rio Doce?** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-que-pode-ser-feito-para-salvar-o-rio-doce/a-18896720>>. Acesso em: 10 mar 2024.

LE MONDE. **About us**. Le Monde.fr. Disponível em: <<https://www.lemonde.fr/en/about-us/>>. Acesso em: 9 fev. 2024.

LE MONDE. **Accident minier au Brésil : “Il y aura réparation intégrale”**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/planete/video/2016/03/03/accident-minier-au-bresil-il-y-aura-reparation-integrale_4876012_3244.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

LE MONDE. **Au Brésil, 6 milliards de dollars pour réparer les dommages de**

l'immense coulée de boue. Disponível em:
 <https://www.lemonde.fr/planete/article/2016/03/03/coulee-de-boue-le-gouvernement-bresilien-et-samarco-signent-un-accord-record_4875443_3244.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

LE MONDE. Au Brésil, une course contre la montre pour trouver des survivants après une coulée de boues toxiques. Disponível em:
 <https://www.lemonde.fr/planete/article/2015/11/07/au-bresil-une-course-contre-la-montre-pour-trouver-des-survivants-apres-une-coulee-de-boues-toxiques_4805256_3244.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

LE MONDE. Au Brésil, une course contre la montre pour trouver des survivants après une coulée de boues toxiques. Disponível em:
 <https://www.lemonde.fr/planete/article/2015/11/07/au-bresil-une-course-contre-la-montre-pour-trouver-des-survivants-apres-une-coulee-de-boues-toxiques_4805256_3244.html#>. Acesso em: 15 fev 2024.

LE MONDE. Brésil : coulée de boue gigantesque après la rupture d'un barrage minier. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/planete/article/2015/11/05/bresil-coulee-de-boue-gigantesque-apres-la-rupture-d-un-barrage-minier_4804268_3244.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

LE MONDE. Brésil : après la rupture d'un barrage minier, les chances "minimes" de retrouver des survivants. Disponível em:
 <https://www.lemonde.fr/international/article/2019/01/25/rupture-d-un-barrage-minier-au-bresil-environ-200-disparus_5414724_3210.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

LE MONDE. Brésil : un village englouti par des boues toxiques. Disponível em:
 <https://www.lemonde.fr/ameriques/video/2015/11/06/bresil-un-village-englouti-par-des-boues-toxiques_4804707_3222.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

LE MONDE. Evacuation au Brésil par crainte d'une nouvelle coulée de boue gigantesque. Disponível em:
 <https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2015/11/11/evacuation-au-bresil-par-crainte-d-une-nouvelle-gigantesque-coulee-de-boue_4807638_3222.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

LE MONDE. L'ONU appelle le Brésil et les entreprises concernées à agir contre la coulée de boue toxique. Disponível em:
 <https://www.lemonde.fr/planete/article/2015/11/26/l-onu-appelle-le-bresil-et-les-entreprises-concernees-a-agir-contre-la-coulee-de-boue-toxique_4818378_3244.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

LINTON, Deborah. "It's about survival": the Yorkshireman seeking justice for the Mariana dam disaster. Disponível em:
 <<https://www.theguardian.com/environment/2022/mar/11/jonathan-knowles-justice-for-fundao-tailings-brazil-dam-collapse-aoe>>. Acesso em: 15 fev 2024.

LUDLAM, Scott. It was a disaster on an almost inconceivable scale, then the world moved on. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/nov/03/it-was-a-disaster-on-an-almost-inconceivable-scale-then-the-world-moved-on>>. Acesso em: 15 fev 2024.

MACALISTER, Terry. **BHP Billiton faces £30bn compensation claim over Brazil dam disaster.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2016/may/04/bhp-billiton-faces-30bn-compensation-claims-over-brazil-dam-disaster>>. Acesso em: 15 fev 2024.

MACINTYRE, Alasdair. The nature of the virtues. **Hastings Center Report**, p. 27-34, 1981.

MALKES, Renata. **Em meio à destruição, um local de esperança em Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/em-meio-%C3%A0-destrui%C3%A7%C3%A3o-um-local-de-esperan%C3%A7a-em-mariana/a-18900016>>. Acesso em: 10 mar 2024.

MALKES, Renata. **Samarco, a empresa que rachou Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/samarco-a-empresa-que-rachou-mariana/a-18900179>>. Acesso em: 10 mar 2024.

MALLERET, Constance. **“You are killing us”: Mariana survivors face ill health, lost culture and a long wait for justice.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/2023/nov/07/mariana-dam-eight-years-on-brazil-courts-minas-gerais>>. Acesso em: 15 fev 2024.

MARTINS, G.A.; THEÓPHILO, C.R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** São Paulo: Atlas, 2007.

MEDEIROS, Cintia Rodrigues de Oliveira; SILVEIRA, Rafael Alcadipani da. Organizações que matam: Uma reflexão a respeito de crimes corporativos. **Organizações & Sociedade**, v. 24, n. 80, p. 39-52, 2017.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research: a guide do design ans implementation.** San Francisco, USA: Jossey-bass, 2009.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, vol. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

O'CONNOR, J. ¿Es posible el capitalismo sostenible? **Papeles de población**, v. 6, n. 24, p. 9-35, abr./jun. 2000.

PAMPLONA, Isadora. **Relatório vê cumplicidade de bancos europeus em Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/relat%C3%B3rio-v%C3%AA-cumplicidade-de-bancos-europeus-em-mariana/a-43724312>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PHILLIPS, Dom e BRASILEIRO, Davison. **Brazil dam disaster: firm knew of potential impact months in advance.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/feb/28/brazil-dam-collapse-samarco>>

fundao-mining>. Acesso em: 15 fev 2024.

PHILLIPS, Dom. **Brazil's mining tragedy: was it a preventable disaster?** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sustainable-business/2015/nov/25/brazils-mining-tragedy-dam-preventable-disaster-samarco-vale-bhp-billiton>>. Acesso em: 15 fev 2024.

PHILLIPS, Dom. **Samarco dam collapse: one year on from Brazil's worst environmental disaster.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sustainable-business/2016/oct/15/samarco-dam-collapse-brazil-worst-environmental-disaster-bhp-billiton-vale-mining>>. Acesso em: 15 fev 2024.

PONTES, Nádia. **“Tragédia continua”, dizem atingidos por desastre de Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/cinco-anos-depois-a-trag%C3%A9dia-continua-dizem-atingidos-por-desastre-de-mariana/a-55506955>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **A busca por reparação oito anos após o desastre de Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-busca-por-repara%C3%A7%C3%A3o-oito-anos-depois-do-desastre-de-mariana/a-67304439>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **A demorada reparação do desastre de Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-demorada-repara%C3%A7%C3%A3o-do-desastre-de-mariana/a-44415717>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **A espera por reparação quatro anos após tragédia de Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-espera-por-repara%C3%A7%C3%A3o-quatro-anos-ap%C3%B3s-a-trag%C3%A9dia-de-mariana/a-51116399>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **A espera por reparação, seis anos após tragédia de Mariana.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-espera-por-repara%C3%A7%C3%A3o-seis-anos-ap%C3%B3s-trag%C3%A9dia-de-mariana/a-59732636>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **A luta em Mariana contra o esquecimento.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-luta-em-mariana-contra-o-esquecimento/a-46153879>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **Extensão da tragédia de Mariana segue desconhecida.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/extens%C3%A3o-da-trag%C3%A9dia-de-mariana-segue-desconhecida/a-41214541>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **Mariana completa seis meses sob a lama.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/mariana-completa-seis-meses-sob-a-lama/a-19232712>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **O lento fim das barragens que foram pivô de tragédias em MG.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-lento-fim-das-barragens-que-foram>>

piv%C3%B4-de-trag%C3%A9dias-em-minas-gerais/a-63659518>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **Retomada da Samarco em Mariana indigna afetados por desastre**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/retomada-da-samarco-em-mariana-indigna-atingidos-por-desastre/a-56313167>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **Samarco faz pouco para conter danos, diz Ibama**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/samarco-faz-pouco-para-conter-danos-diz-ibama/a-36146783>>. Acesso em: 10 mar 2024.

PONTES, Nádia. **Um ano debaixo da lama**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/um-ano-debaixo-da-lama/a-36252565>>. Acesso em: 10 mar 2024.

REUTERS. **Brazil dam disaster: judge freezes assets of miners BHP and Vale**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/dec/20/brazil-dam-disaster-judge-freezes-assets-of-miners-bhp-and-vale>>. Acesso em: 15 fev 2024.

REUTERS. **Brazil iron miner Samarco sued for billions in disaster that killed 19 people**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2016/may/03/brazil-iron-mine-samarco-fined-disaster>>. Acesso em: 15 fev 2024.

REUTERS. **Brazil: River Polluted After Dam Burst**. The New York Times, 26 Nov 2015b. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/11/27/world/americas/brazil-river-polluted-after-dam-burst.html>>. Acesso em: 13 fev 2024.

REUTERS. **Criminal Charges Urged in Brazil Dam Collapse**. The New York Times, 20 Set 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/09/20/world/americas/criminal-charges-urged-in-brazil-dam-collapse.html>>. Acesso em: 13 fev 2024.

REUTERS. **Deadly dam burst in Brazil prompts calls for stricter mining regulations**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/nov/10/brazil-dam-burst-mining-rules>>. Acesso em: 15 fev 2024.

REUTERS. **London court reopens \$7bn Brazil dam collapse lawsuit against BHP**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2021/jul/28/london-court-reopens-7bn-brazil-fundao-dam-collapse-lawsuit-against-bhp>>. Acesso em: 15 fev 2024.

REUTERS. **Mud from Brazil dam disaster is toxic, UN says, despite mine operator denials**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2015/nov/26/mud-from-brazil-dam-disaster-is-toxic-un-says-despite-mine-operator-denials>>. Acesso em: 15 fev 2024.

RICHARDSON, R.J.et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2014.

RIFAI, Ryan. **Toxic sludge reaches Atlantic after Brazil dams burst**. Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/news/2015/11/22/toxic-sludge-reaches-atlantic-after-brazil-dams-burst>>. Acesso em: 15 fev 2024.

ROMERO, Simon. **Authorities Assess Toll of Burst Dam in Brazil**. The New York Times, 5 Nov 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/11/06/world/americas/authorities-assess-toll-of-burst-dam-in-brazil.html>>. Acesso em: 13 fev 2024.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração UFSM**, Santa Maria, ano 2, v. 2, p. 250-269, 9 jan. 2009.

SAMARCO MINERAÇÃO. **A Samarco e a Economia**. 2019. Disponível em: <<https://www.samarco.com/samarco-e-a-economia/>>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Ações ambientais Samarco–Trabalho para recuperação do Rio Doce é constante**. Youtube, 1 fev. 2016a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pNn3plgiBME>>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Assinatura de Termo de Compromisso com Prefeitura de Mariana (MG)**. Youtube, 12 mar. 2015b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IJoDFWe5BOw>>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Coletiva de imprensa**. YouTube, 18 nov. 2015d. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vxRSKw5MjH8&t=6s>>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Coletiva de imprensa: BHP Billiton, Samarco e Vale - HD**. Youtube, 13 nov. 2015c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QOw3IBR4sAo>>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO. **Quem somos**. 2023. Disponível em: <<https://www.samarco.com/quem-somos/>>. Acesso em: jan. 2023.

SAMARCO. **Relatório Anual de Sustentabilidade Samarco**. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2022/05/Samarco_Relato%CC%81rio-Sustentabilidade-2020.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO. **Relatório Anual de Sustentabilidade Samarco**. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2022/09/samarco_relatorio_sustentabilidade_2021_1-1.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO. **Relatório Anual de Sustentabilidade Samarco**. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2022/09/samarco_relatorio_sustentabilidade_2022_1-1.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.

content/uploads/2023/07/Samarco_Relatoriode_Sustentabilidade_2022.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO. **Relatório Bienal 2015-2016**. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2017/09/Samarco_Relatorio-Bienal-2015_16-08092017.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO. **Relatório Bienal 2018-2019**. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2020/12/Samarco_Relatorio-Bienal-2018_2019-3.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.

SAMARCO. **Relatório COP - Samarco 2017-2018**. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2020/12/Relatorio-COP-Samarco-2017_07122018.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.

SHOVER, Neal; ROUTHE, Aaron S. Environmental crime. **Crime and Justice**, v. 32, p. 321-371, 2005.

SHWOM, R. Strengthening Sociological Perspectives on Organizations and the Environment. **Organization & Environment**, v. 22, n. 3, p. 271-292, 2009.

SIEMON, J. R. Sign, cause, or general habit? Toward a “historicist ontology” of character on the early modern stage. **The European Legacy**, v. 2, n. 2, p. 217-222, 1997.

STOP ECOCIDE INTERNATIONAL. **Legal definition of ecocide**. 2023. Disponível em: <<https://www.stopecocide.earth/legal-definition>>. Acesso em: 30 maio 2023.

STOP ECOCIDE INTERNATIONAL. **What is ecocide?** 2023. Disponível em: <<https://www.stopecocide.earth/what-is-ecocide>>. Acesso em: 30 maio 2023.

STOP ECOCIDE INTERNATIONAL. **Who we are**. 2023. Disponível em: <<https://www.stopecocide.earth/who-we-are->>. Acesso em: 30 maio 2023.

SUAREZ, Anne. **Brésil : “Défendre le peuple Krenak, c’est nous défendre nous-mêmes”**. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/idees/article/2018/11/03/bresil-defendre-le-peuple-krenak-c-est-nous-defendre-nous-memes_5378342_3232.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

THE GUARDIAN . **BHP Billiton reaches \$1.55bn settlement with Brazil over dam collapse**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/03/bhp-billiton-reaches-155bn-settlement-with-brazil-over-dam-collapse>>. Acesso em: 15 fev 2024.

THE GUARDIAN . **Brazil dam burst: at least 15 feared dead after disaster at BHP-owned mine**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/nov/05/brazil-iron-mine-dam-bursts-floods-nearby-homes>>. Acesso em: 15 fev 2024.

THE GUARDIAN. **About us.** Theguardian.com. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/about>>. Acesso em: 9 fev. 2024.

THE NEW YORK TIMES COMPANY. **Company.** The New York Times Company. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/company/>>. Acesso em: 9 fev. 2024.

THE NEW YORK TIMES. **Brazil: 7 Charged Over Dam Disaster.** The New York Times, 23 Feb 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/02/24/world/americas/brazil-7-charged-over-dam-disaster.html>>. Acesso em: 13 fev 2024.

TORRE, Luisa e CAMPOREZ, Patrik. **Life for Brazil's Krenak after Fundao dam collapse.** Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/features/2017/7/3/life-for-brazils-krenak-after-fundao-dam-collapse>>. Acesso em: 15 fev 2024.

WACQUANT, L.J. D. **O legado sociológico de Pierre Bourdieu:** duas dimensões e uma nota pessoal. Rev. Sociol. Polit. [online].n.19, p.95-110, 2002.

WATTS, Jonathan. **BHP Billiton facing £5bn lawsuit from Brazilian victims of dam disaster.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2018/nov/06/bhp-billiton-facing-5bn-lawsuit-from-brazilian-victims-of-dam-disaster>>. Acesso em: 15 fev 2024.

WESTON, Phoebe. **Victims of Brazil's Mariana dam disaster seek compensation through UK courts.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2022/apr/05/victims-of-brazils-mariana-dam-disaster-seek-compensation-through-uk-courts-aoe>>. Acesso em: 15 fev 2024.

WESTON, Phoebe. **Victims of Brazil's worst environmental disaster to get day in UK courts.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2022/jul/08/uk-court-of-appeal-case-victims-brazil-mariana-dam-collapse-aoe>>. Acesso em: 15 fev 2024.

ZHOURI, A.; VALENCIO, N.; OLIVEIRA, R.; ZUCARELLI, M.; LASCHEFSKI, K.; SANTOS, A. F. O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social. **Cienc. Cult.**, v. 68, n. 3, p. 36-40, 2016.